



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E
IDENTIDADES

DISSERTAÇÃO
MÃOS D'ÁGUA: ASPECTOS EDUCATIVOS E CULTURAIS DAS LAVADEIRAS DE
ROUPAS (PE)

Amanda Priscila Santos de Souza

Recife, 2023

MÃOS D'ÁGUA: ASPECTOS EDUCATIVOS E CULTURAIS DAS LAVADEIRAS DE ROUPAS (PE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Orientadora: Prof. Dra. Denise Botelho

Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Práticas educativo-culturais e identidades

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729m SOUZA, Amanda Priscila Santos de
Mãos d'água: Aspectos educativos e culturais das lavadeiras de roupas (PE) / Amanda Priscila Santos de SOUZA. -
2024.
99 f. : il.

Orientadora: Denise Maria Botelho.
Inclui referências.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Culturas e Identidades, Recife, 2024.

1. Mulheres negras. 2. Trabalho. 3. Educação. 4. Interseccionalidade. 5. Lavadeiras. I. Botelho, Denise Maria, orient.
II. Título

CDD 370

*A todas as Mães que transmutaram suas dores em força para criar e manter a vida de suas
filhas.
A Vó Pixita e Vó Ana, a saudade também faz parte do amor.*

Agradecimentos

Gostaria de usar esse espaço para agradecer a quem foi muito importante neste processo, sem o afeto e o cuidado que recebi nos últimos anos eu não teria conseguido concluir chegar até aqui.

Agradeço primeiro a Exu, por me guiar nesta vida por caminhos em que eu posso comunicar minhas ideias, ouvir e ser ouvida.

As mulheres que participaram desta pesquisa, por compartilhar comigo suas intimidades e suas memórias e serem verdadeiras inspirações de coragem.

Aos meus pais e a minha família, por me ensinarem o verdadeiro significado de amor e sankofa.

Aos meus ancestrais, Xangô e Iemanjá, que habitam meu Orí e me trazem equilíbrio e força.

Aos meus amigos queridos, os que pude cruzar no PPGECI, e os que a vida me presenteou a mais tempo, que me ajudaram de diversas formas, até cedendo suas casas para que eu tivesse a paz necessária para escrever e poder dar conta de todos os processos. Não cabe o nome de todos aqui, mas três são muito especiais: Hayanna, Henrique e Carlos.

A minha Ìyálòrisá Mãe Lúcia de Oyá T'Ogum, por cuidar da minha cabeça, por me inspirar tanto com sua inteligência, e por ter me ajudado a me reencontrar e me conectar com uma parte de mim que achei que havia perdido.

E finalizo agradecendo especialmente a minha orientadora, a Ìyálòrisá Denise T'Ogum Botelho, por proporcionar um espaço de tanto acolhimento e amorosidade no Geperges-Audre Lorde, por ter me compreendido e me ajudado nas horas em que eu muito precisei, e por ter me lembrado que meu Orí é potente e criador.

RESUMO

A pesquisa intitulada "Mãos d'Água: Aspectos Educativos e Culturais das Lavadeiras de Roupas (PE)" mergulha nas histórias de mulheres negras, que passaram boa parte de suas vidas trabalhando como lavadeiras na comunidade do Alto do Pascoal e Beberibe (município de Recife) e nos arredores do Conjunto Beira Mar (município de Paulista). A partir de uma perspectiva interseccional, fatores como o mercado de trabalho, condições socioeconômicas e experiências educacionais foram analisados para melhor entender sob quais condições essas mulheres desenvolveram seu trabalho ao longo dos anos. Destaca-se não apenas os estigmas carregados pela lógica colonial, tão presente na origem desta profissão, mas também a luta dessas mulheres para manutenção de seus lares e cuidado de suas famílias. As transformações nas paisagens urbanas trouxeram consigo a poluição das águas, implicando, dessa forma, numa reorganização do trabalho de lavadeiras que realizavam a lavagem do tipo ribeira. Além disso, a pesquisa amplia seu escopo ao analisar de que maneira lavadeiras brancas e negras foram representadas nas raras imagens as quais elas aparecem entre o século XIX e XX, mais especificamente nos gêneros da publicidade, de gravuras e desenhos, oferecendo uma reflexão valiosa sobre como esses discursos visuais ajudaram a formar estereótipos sobre mulheres negras, que foram se cristalizando ao longo do último século. Assim, "Mãos d'Água" se apresenta como uma excelente narrativa e uma reflexão sensível sobre as intersecções entre educação, cultura, gênero e raça, sendo também uma excelente perspectiva da relevância das lavadeiras de roupas e dos impactos que as experiências educacionais podem causar em nossas vidas.

Palavras-chaves: Mulheres negras, trabalho, educação, interseccionalidade, lavadeiras.

ABSTRACT

The research entitled "Mãos d'Água: Aspectos Educativos e Culturais das Lavadeiras de Roupas (PE)" delves into the stories of black women, who spent a good part of their lives working as washerwomen in the community of Alto do Pascoal and Beberibe (municipality of Recife) and on the outskirts of Conjunto Beira Mar (municipality of Paulista). From an intersectional perspective, factors such as the job market, socioeconomic conditions and educational experiences were analyzed to better understand under what conditions these women developed their work over the years. Not only the stigmas carried by colonial logic, so present in the origins of this profession, stand out, but also the struggle of these women to maintain their homes and care for their families. The transformations in urban landscapes brought with them water pollution, thus implying a reorganization of the work of washerwomen who carried out riverside washing. Furthermore, the research broadens its scope by analyzing how white and black laundresses were represented in the rare images in which they appear between the 19th and 20th centuries, more specifically in the genres of advertising, engravings and drawings, offering a valuable reflection on how these visual discourses helped to form stereotypes about black women, which have crystallized over the last century. Thus, "Mãos d'Água" presents itself as an excellent narrative and a sensitive reflection on the intersections between education, culture, gender and race, as well as an excellent perspective on the relevance of clothes washerwomen and the impacts that educational experiences can have in our lives.

Keywords: Black women, work, education, intersectionality, washerwomen.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mulheres da minha família. No centro de roupa azul, Vó Pixita, atrás dela minha mãe, ao lado de Vó Pixita minha Vó Ana	p. 12
Figura 2 - Alto do Pascoal, início da década de 1960	p.13
Figura 3 – Recenseamento geral de 1950 em que lavadeiras e engomadeiras aparecem na seção de ocupações relativas à prestação de serviços	p.35
Figura 4 – Gráfico da proporção de pessoas ocupadas – Brasil 2009	p. 36
Figura 5 – Gráfico da distribuição percentual de mulheres ocupadas em trabalho formal ou informal - Brasil, 2009.	p.36
Figura 6 – Taxa de participação na força de trabalho	p. 37
Figura 7 - Média de hora semanais dedicadas ao cuidado	p. 38
Figura 8 proporção de ocupados, em trabalho por tempo parcial	p. 38
Figura 9 – Dados sobre a informalidade no trabalho	p. 39
Figura 10 - Dados sobre o rendimento médio dos brasileiros segundo gênero e raça	p. 39
Figura 11 – Blanchisseuses à la rivière. Jean-Baptiste Debret, 1768-1848. Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome deuxième	p. 44
Figura 12 - Pó Lavadeira preparado na antiga fabrica de sabão Consumo, Escritorio Largo das Mercês, Pará-Brazil.	p. 53
Figura 13 - Embalagem de sabonetes da marca vizella, datados de 1920	p. 54
GRUPO A	p.56
Imagem 1 - Sabão Lanolina, Ano de 1992	p.56
Imagem 2 - Sabão Minerva, ano de 1944	p.56
Imagem 3 - Sabão rinso, final da década de 1950	p.56
GRUPO B	p. 58
Imagem 5 - Sabão em barra Portuguese, 1930-1940	p. 58
Imagem 6 - Sabão Viva, 1970	p.58
Figura 14 - Dona Benta e Tia Anastácia, entre 1977 e 1989	p.61
Figura 15 – Várias reproduções do estereótipo da Mammy nos meios de comunicação	p.62
Figura 16 – Estereótipo de “mãe de família” reproduzidos em propagandas da década de 1950	p.62
GRUPO C	p.63
Imagem 1 - Perto da propriedade de Jundiquara no distrito de Ubatuba. Benjamin Mary. Litografia, 1836.	p.63
Imagem 2 - Washer-Woman (lavadeiras). Litografia, 1845. Frederico Guilherme Briggs	p. 64

Imagem 3 - Beach sunes at Santarem , James Wells Champney. Desenho, 1860. in Travels in the north of Brazil	p.64
Imagem 4 - The Serra of ERE. James Wells Champney, 1860. in Travels in the north of Brazil	p.65
GRUPO D	p. 65
Imagem 5 - The Washerwomen - James Wells Champney, 1860	p.65
Imagem 6 - Intérieur d'une habitation de ciganos Jean-Baptiste Debret in Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome deuxième	p.66
Figura 17 – Lavadeira percorrendo seu trajeto pelas ruas de uma cidade	p.75
Figura 18 – Esquema de informações de participantes	p.76
Figura 19 – Rio Beberibe, 1905 13,0 x 18,0 cm	p.82
Figura 20 - Rio Beberibe, 2021	p. 82
Figura 21 - Rio morno, ou rio da tripa. Foto de 2010	p.83
Figura 22 - Ponte do Janga sobre o rio doce, 2019	p.83
Figura 23 - – Roupas quarando ao sol, 1927.	p.87
Figura 24 - Lavadeiras em Peixinhos. Fonte: O negro brasileiro nas primeiras décadas do século XX: cultura e aspectos sociais	p.92

SUMÁRIO

1. Memorial.....	11
2. Caminhos metodológicos - Negrafias, Escrevivências e histórias de vida	17
3. Mulheres negras e o trabalho	23
4. Uma breve história da profissão lavadeira	42
5. A representação de mulheres lavadeiras de roupas nas Artes Visuais.....	51
5.1 – Ladeiras nas imagens publicitárias	52
5.2 – As lavadeiras nas Gravuras e desenhos	63
6. Método Damiana: Histórias de vida e educação de mulheres lavadeiras -----	73
7. Considerações finais	94
8. Referências.....	96

MÃOS D'ÁGUA



AMANDA DE SOUZA

9/6

9/6

9/6

9/6

1. MEMORIAL

Tenho hoje 30 anos completos, cresci numa família grande, formada em sua maioria por mulheres. Minha avó teve oito filhos vingados, dos quais cinco são mulheres e essas mulheres também tiveram filhos, dos quais a maioria também são mulheres. Vivi boa parte de minha vida na casa de minha avó, por ter sido fruto da filha mais nova, onde minhas tias e tios costumavam frequentá-la religiosamente nos finais de semana, fazendo com que a casa estivesse sempre cheia (e bote cheia nisso). Fui a penúltima a fechar a geração dos netos, e, portanto, observei atentamente durante o meu crescimento, o envelhecimento de meus numerosos parentes, sobretudo o das mulheres. Até hoje me espanta ver como o tempo parece passar devagar para elas. Minhas tias mais velhas já estão na casa dos 70 anos, as do meio na dos 65 e minha mãe na dos 60. Apesar da vida não ter sido fácil para a minha família, e mesmo todas elas tendo começado a trabalhar muito duro desde cedo, nenhuma delas aparenta ter a idade cronológica, o que faz ouvir de muita gente perguntar: “Qual é o segredo?” Eu diria que o segredo está associado a uma entidade que ora é subjetiva, ora coletiva, que se apresenta de forma diferenciada para cada indivíduo, que nos aproxima principalmente na hora do café, momento sacro-familiar de trato e câmbio de experiências vividas e observadas. O segredo, que nem é tão oculto, que é carregado de variantes ligadas a dimensões sociais, psicológicas e até mesmo biológicas da vida, trata-se da memória. A memória, essa entidade que embora não percebamos, é o resultado de um trabalho altamente complexo da nossa massa cerebral, que faz doer as nossas próprias cabeças e a cabeça das pessoas que se dedicam a estudá-la. Essa biblioteca de lembranças, que é afetada pelo envelhecimento do corpo, pelas rupturas do tempo, pela interação com o mundo e que se expressa no trabalho de recordar e de se materializar enquanto fala, para mim se traduz numa imagem muito viva de uma cozinha, observando as mulheres de diferentes gerações de minha família sorrir e contar causos embaladas pelo cheiro de café e bolo. E foi embalada por essas histórias, cheiros, e vozes, que nasceu em mim o desejo de pesquisar sobre mulheres e gerações. Como já podemos aqui avaliar, a geração de tias e tios pouco teve oportunidade aos estudos mais aprimorados. Coube às netas o enveredamento no meio acadêmico, sonho de muitas da geração materna. Motivados pelo sonho, meus pais promoveram meus estudos e fui solidamente estimulada pela minha mãe. Convinha a mim refazer um pouco o futuro da ala feminina da minha família, pelo menos começá-la.

Figura 1 - Mulheres da minha família. No centro de roupa azul, Vó Pixita, atrás dela minha mãe, ao lado de Vó Pixita minha Vó Ana.



Fonte: Acervo pessoal

Concluída a graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco, busquei me consolidar na carreira profissional. Ainda durante o período da graduação em Artes Visuais, pude compartilhar saberes e trocar experiências com as turmas do curso de pintura do projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, e foi lá que iniciei uma pesquisa mais sistematizada sobre os benefícios da prática artística para a autoestima, manutenção e saúde da memória, que se tornou tema de meu trabalho de conclusão de curso. Além da academia, transitei por outros territórios nesse período: afoxés, caboclinhos, maracatus, agremiações, e tive uma segunda formação; carregada de vivências e identidades que se tornaram, mais tarde, grande influência para meu trabalho enquanto artista visual. Em 2018 fundei com mais três mulheres negras um coletivo de arte chamado *Amarna*. Essa articulação de pretas, que compartilham semelhantes experiências sociais é formada por mim, Priscilla Melo (videomaker), Jacicleide Silva (profª de dança) e Janaina da Silva (linguista). Essa junção se dedicou desde sua fundação a investigar biografias de mulheres negras, as quais chamamos carinhosamente de “*Negrafias*”. Partimos inicialmente de nossas próprias histórias e das narrativas do cotidiano do nosso entorno para pensar questões como racismo, periferia e paisagens culturais. Continuando neste ensejo, dediquei-me recentemente a delinear a profissão lavadeira de roupas, que ainda é presente em nossa realidade. Busquei, pois, aqui usar da memória e rever a labuta de minha falecida avó, que como lavadeira também percorreu o caminho dos rios, assim como, a avó de Jacicleide. Foi ouvindo as histórias na minha cozinha e na sala da casa de Jaci que nasceu o artigo intitulado “*Mãos d’água – a musealização entre trouxas miúdas e roupas de ganhos*”, que escrevi como

trabalho final para a especialização em Museus, Identidades e Comunidades da FUNDAJ, e que, na verdade, pretendia ser um curta metragem sobre as Mãos d'água.

Várias questões me atravessaram desde a escrita da primeira versão deste memorial, até o momento presente. A primeira delas foi uma profunda reflexão acerca do que significa ser mulher negra nesse território, hoje e no passado. “Mulher e território”- Eu vejo alguns significados nessas palavras que de certa forma possuem similitudes, elas são carregadas de uma subjetividade grandiosa. Primeiro que ser mulher não é algo que está pautado apenas em uma construção, temos nessa grande complexidade feminina uma série de “caminhos” que podemos percorrer até encontrar o que for mais interessante, mais bonito, as vezes não será o mais fácil, mas que na nossa jornada intersubjetiva, corresponda aquilo que acreditamos que nos identifica como mulher. No mesmo grande esquema complexo nós temos a territorialidade, que nos abre um leque de possibilidades de leituras, que estão relacionadas aos espaços físicos e aos espaços intangíveis. Então, território pode ser um lugar geográfico, o lugar que nascemos, crescemos, que percorremos, que passamos rapidamente, ou às vezes nos demoramos mais um pouco, pode até nos parecer algo distante se pensarmos na qualidade de “desconhecido” que ele pode possuir, e pode ser o caminho que as Mãos d'água percorreram até o rio.

Figura 2 - Alto do Pascoal, início da década de 1960.



Fonte: HALLEY, Bruno Maia. De chapéu do sol a Água fria: Numa trama de enredos, a construção de um bairro na cidade do Recife.

Mas é inegável que todos os exemplos mencionados desde o início desse texto, são guarnecidos de significados simbólicos e afetivos que nos fazem criar uma relação muito íntima e às vezes até indissociável com o nosso, ou os nossos territórios. No passado eu possuía uma visão do conceito de território ainda muito atrelada aos espaços geográficos e a materialidade, como se a memória, essa nossa entidade particular, fosse uma expressão muito abstrata dessas imbricações. Olhando novamente para o passado, hoje eu penso que o nosso primeiro território, é o nosso corpo. Embora sejamos matéria, carne, osso, cabelo, nós somos capazes de produzir, a partir de nossa memória, uma série de lugares, de território de afetos, que nos permite ser quem somos e fazer o que fazemos, e ainda criar relações com o nosso próprio eu e com os que estão à nossa volta. Parece um pouco redundante reafirmar isso, que de certa forma está dito em outras palavras lá no início dessa nossa conversa, entretanto, me parece que nunca é demais mergulhar nesse processo reflexivo sobre o que somos e todas as coisas que nos formam.

Há pouco tempo atrás eu li em ensaio sobre a obra de Beatriz Nascimento, que fazia referência às questões ligadas a territorialidade e a produção intelectual de mulheres negras, e eu li uma citação muito bonita de uma geógrafa cultural, que eu particularmente não conhecia, chamada Katherine McKittrick, e que dizia mais ou menos assim: “a humanidade é sempre geográfica - sangue, ossos, mãos, lábios, pulsos, esta é a sua terra, seu planeta, sua estrada, seu mar”.^[1] E eu achei isso tão bonito, porque fala justamente dessa grande reflexão de que o nosso corpo é de fato o verdadeiro espaço de memória, o corpo é a própria territorialização da memória. Então, ser amefricana e estar viva, neste corpo, sendo artista, percorrendo trajetos, criando rotas e estratégias, na rua, no PPGEI, no trabalho, enfim, em todos os lugares; faz com que eu possa dizer, seguramente, que eu sou, e que nós somos, a materialização desse conceito de território. Então, de certa forma, nós fazemos parte de um território e nós também somos um território, com todas as especificidades que lhe cabem.

O território aparece em minhas pesquisas, sejam artísticas ou acadêmicas, nesses vários sentidos, porque as questões ligadas à memória, ao movimento, às narrativas, as mulheres, ao passado, aos lugares, físicos e subjetivos, sempre estão presentes, e são temas que fazem parte da minha vida e do meu cotidiano. “Mãos d’água: A musealização entre trouxas miúdas e roupas de ganhos” que iniciou no ano de 2019, abordando um panorama histórico sobre a condição da mulher negra lavadeira de roupas no mercado de trabalho, e problematizando o processo de musealização, ao deixar de fora as narrativas de mulheres negras no espaço museu; hoje assume outros contornos, que pretendem se desdobrar em uma reflexão mais aprofundada sobre a complexidade existente neste ofício, em seu contexto educativo e cultural. Além do trabalho acadêmico, segue em curso

um projeto artístico, no qual estou desenvolvendo uma escrita poética que se tornará, num futuro próximo, um videoensaio intitulado “Mãos d’água: O caminho até o rio”. Findo esse breve memorial reunindo alguns fios que caíram das trouxas: O corpo da mulher negra lavadeira, percorrendo os espaços recém urbanizados do nosso país foi altamente combatido e marginalizado. O movimento, que tão naturalmente é parte essencial desse ofício, também faz parte de nós, de nossa memória, de nossa relação com o nosso corpo, nossa corporeidade - de maneira que as instâncias coloniais perceberam essa nossa qualidade e primeiro trataram de explorar essa relação infligindo o trabalho compulsório, para depois fetichizar e folclorizar essa nossa relação ancestral.

Mas, como dizia Beatriz Nascimento, a despeito de todas as violências e opressões, o nosso corpo é político, é o nosso templo, nosso território, e é o nosso melhor e maior “espaço de libertação”. E após reunir parte dos fios, gostaria de findar (agora de verdade), citando uma grande referência pra mim que é a minha professora orientadora, Denise Botelho, que nos disse uma vez na ocasião de uma banca: “o que temos de mais importante em nossa existência é a nossa própria existência”, então cuidar de nós, de nossa memória, nossa cabeça, buscar os nossos lugares de afetos, é uma forma inteligente, e muito sagaz de demarcar território, reivindicar o nosso direito ao passado e a materializar a nossa memória.



CAMINHOS METODOLÓGICOS:
NEGRAFIAS E ESCRIVIVÊNCIAS

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: NEGRAFIAS E ESCREVIVÊNCIAS

Em 2018 quando junto a Priscila Melo, Jacicleide Conceição e Janaina da Silva, criei a primeira ideia do Coletivo Amarna, matutei algumas questões para chegar num título que se encaixasse naquilo que estávamos fazendo. Esse primeiro trabalho gestado por nós foi um videodança, no qual Jaci fazia sua performance em diferentes cenários da nossa comunidade, ora de dia, ora de noite. Este trabalho nomeei de “*Negrafia*”, porque ele abriria uma série de outros filmes em formato de curta-metragem com registros biográficos de mulheres negras, mas infelizmente não conseguimos concluir esse projeto. De toda forma, *Negrafia* foi uma palavra que a partir de então passou a girar na minha mente, a ir e vir de forma muito intensa, e que me fez - de uma maneira muito espontânea - refletir sobre a atenção que eu dava as histórias de vida de pessoas muito próximas a mim, e a enxergar outros sentidos e significados nas minhas próprias histórias. Até então, mesmo guardando muitos afetos pelas histórias da minha família, nunca imaginei que alguém que não fosse eu poderia atribuir algum valor especial a toda emoção que pulsava (e ainda pulsa) nessas memórias. Sequer imaginava que um dia eu poderia contá-las em outro lugar que não fosse a cozinha da minha casa ou na sala da casa das minhas amigas.

A questão é a seguinte: eu e tantas outras mulheres que compartilham a experiência de nesta existência ser uma mulher de cor, moradora de uma comunidade periférica, na cidade portuária e açucareira do Recife, ainda ter a “ousadia” de adentrar os espaços acadêmicos e de se expressar artisticamente, já ouvimos muito no decorrer dessa trajetória que nossas histórias não interessam e que nossas vidas valiam menos. Mas a grande ironia não está exatamente em todos esses “nãos” que ouvimos até aqui, mas em nós conseguirmos, apesar de todas essas questões, reconhecer a nossa própria potência e aprender que somos muito mais que só um corpo no mundo. A ancestralidade e suas confluências são tão reais e tão legítimas que em 2018, mesmo sem ainda ter conhecido a obra de Conceição Evaristo, e com um conhecimento ainda muito incipiente sobre pesquisadoras e intelectuais negras, o que eu havia pensado, elaborado e nomeado de *Negrafia*, Conceição Evaristo já escrevia desde meados de 1995 e chamava de “*Escrevivência*”.

Pesquisei sobre mulheres negras lavadeiras de roupas, metade do conteúdo desses escritos foram provenientes de uma pesquisa bibliográfica, a partir da consulta a obras de outras e outros intelectuais que tiveram semelhante sensibilidade, ao fazer de sua temática de estudos a vida e o trabalho de mulheres negras. A outra metade advém de relatos e entrevistas com mulheres que exerceram a profissão lavadeira durante boa parte de suas vidas e também de conversas suas/seus descendentes. Como ponto de partida, utilizei para iniciar essa escrita uma das histórias da minha

falecida avó, que me foi contada através do meu pai, que está prestes a completar 80 anos neste ano de 2023. Minha avó foi uma das muitas mulheres que trabalhou numa casa grande e precisou em vários momentos se calar e cuidar, assim como fizeram várias mulheres lavadeiras no decorrer de suas vidas. Por essa razão, e por encontrar tantas semelhanças entre a história de minha própria família, escolhi como principal caminho metodológico a *Escrevivência* de Conceição Evaristo. Segundo a própria autora, este método tem no centro de sua concepção a figura da “Mãe Preta”, figura essa que foi silenciada ao ter todas as suas potencialidades físicas e intelectuais exploradas pela casa grande, e que agora podemos ouvi-la através de sua própria voz e das vozes das gerações de mulheres negras que são suas descendentes. A *Escrevivência*:

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.
(EVARISTO, 2020: 29-30)

O conceito criado por Conceição Evaristo é de uma complexidade e amplitude sem tamanho. É transdisciplinar, na medida em que conversa com a obra de várias outras intelectuais brasileiras, se filia a outras metodologias, como a de “histórias de vida”, por valorizar narrativas de caráter biográficos e a experiência do ser, e se conecta também a uma dimensão estética por reivindicar uma “reapropriação” que também é gráfica, considerando que as imagens também são produtos do gesto, portanto uma forma expressiva de escrita de si. A minha primeira formação foi em Artes Visuais, perceber as aproximações entre artes plásticas e a *Escrevivência* me fez refletir sobre esse ato de borrar o passado, e o quão especial é estar neste lugar de pessoa que pode produzir significados de várias maneiras, usando a escrita, o desenho e a pintura. “Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, *Escrevivência*”(EVARISTO, 2020:31).

Por possuir um caráter biográfico e de valorização da autonarrativa, percebi que a “metodologia das histórias de vida” se aproximam muito da *Escrevivência*, mas há uma diferença primordial entre elas, que me fez tomar a liberdade de sistematizar as histórias de vida como um elemento da *Escrevivência*. O método das histórias de vida tem uma natureza mais descritiva, **que** acordo com Mayra Chárriez Cordero (2012:50-51), busca a relação dialética, a negociação cotidiana

entre aspiração e possibilidades, utopias e realidades. Mesmo o conceito de Evaristo sendo também baseado na observação da vida, ele não é estático e apenas descritivo, mas é o resultado de um profundo incômodo com o estado das coisas (2020:34), portanto, acompanha o dinamismo da vida e do tempo, e propõe uma mudança com o ato de borrar o passado, que é capaz de mover corpo, memória e voz. É por essa e outras razões que a escrevivência assume um caráter metodológico na minha pesquisa. Porque ela se baseia em narrativas de vida de mulheres reais, que estão sendo recontadas por mim por meio do documento escrito, e dessas histórias é possível ler aspectos sociais, culturais, educacionais e até econômicos, que nos revelam um cenário que também é coletivo, e faz parte dessa nossa experiência diferenciada de nacionalidade (2020:31).

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrevivência e de outras. Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. (EVARISTO, 2020:35)

E é a partir desta perspectiva que a escrevivência nos oferece, de pensar a nossa própria história, e a de muitas outras mulheres, que *Mãos d'água* tem como objetivo analisar como se deram as experiências educacionais das mulheres lavadeiras de roupas, considerando aspectos como a dinâmica de seus trabalhos e de suas vidas, os processos envolvidos na organização da profissão, condições socioeconômicas e de que maneira a educação, seja ela formal ou não formal, impactou as suas vidas e de suas descendentes. Para isso, se fez necessário juntamente as experiências educacionais, analisar outros fatores como o trabalho na vida de mulheres negras e buscar compreender como se originou e se desenvolveu a profissão lavadeira na formação do mercado de trabalho no nosso país. Este foi o caminho que considerei crucial para entender de que maneira essas mulheres realizaram esse movimento de borrar o passado e de escrever a sua própria história de vida.

Também é interesse desta pesquisa analisar como mulheres lavadeiras, brancas e negras, foram representadas nos discursos visuais produzidos entre o século XIX e XX em peças publicitárias e em gravuras e desenhos, tendo em vista que grande parte desse material foi criado a partir da perspectiva de homens brancos, muitas vezes estrangeiros. Para analisar os discursos visuais me

baseio numa abordagem do “método de análise de imagens fixas”, do professor André Melo Mendes (2019), que a partir da análise iconológica de Panofsky, elaborou um método mais simples, baseado em leituras objetivas de imagens, a partir da descrição dos elementos que a compõem (fase analítica) até a interpretação de seu significado oculto (fase sintética), a partir das análises e conexões que é possível estabelecer entre as imagens examinadas e outras semelhantes produzidas ao longo da história. Como discurso visual ele entende:

Nos anos 1940, influenciados pelos princípios da linguística estrutural de Ferdinand Saussure (1857-1913), os críticos de arte e da comunicação começaram a pensar as imagens como signos (representações imperfeitas da realidade) que adquirem seu significado ou valor a partir de sua inserção no bojo de um sistema mais amplo de codificações sociais e culturais. Essa forma de entender o mundo ganhou força a partir dos anos 1970, momento em que a imagem bidimensional passou a ser entendida como um conjunto de signos submetido a um código singular, portador de discursos que representam e ressignificam a realidade, ou seja, um sistema de significação, possuidor de uma linguagem (ARCHER, 2008, p.1). Atualmente, a maioria dos pensadores que estudam imagens admite que elas possuem uma linguagem e essa linguagem pode ser estudada não apenas do ponto de vista formal e histórico – incluindo os pressupostos da História da Arte e da Cultura–, mas também através da análise dos discursos que são veiculados por essas imagens.
(2019: 17-18)

A partir destas categorias foi possível identificar de que maneira as obras em questão colaboraram para a criação e o reforço de estereótipos de mulheres lavadeiras brancas e negras, criando padrões que foram replicados posteriormente no mundo das artes e do entretenimento.

Em relação aos depoimentos, os relatos presentes aqui são de pessoas reais, que tiveram as suas identidades protegidas. São três mulheres que tem hoje mais de 60 anos de idade e que trabalharam boa parte de suas vidas como lavadeiras de roupas, do tipo ribeira ou doméstica. Também foram ouvidas duas filhas e um filho das senhoras que residem em Recife, para entender de que forma fatores como educação e trabalho impactaram as suas realidades. Inicialmente meu desejo era realizar toda essa pesquisa na minha comunidade de origem, chamada Alto do Pascoal, localizada no bairro de água-fria (Recife-PE), entretanto, durante essa caminhada, me deparei com a história de uma outra Senhora, também lavadeira, na cidade de Paulista -PE, e assim acabei inserindo a terceira participante mesmo sendo de um município diferente. Cabe também mencionar que por estarmos situadas em cidades litorâneas, que também são banhadas por rios, outras comunidades também possuíam um vasto número de mulheres que aderiram a essa profissão. Na cidade de Olinda, por exemplo, no bairro dos Bultrins, há mais de 30 anos funciona uma cooperativa de lavadeiras de roupas chamada COOPLAV, mas essa história ficará para uma próxima oportunidade. Os instrumentos utilizados para registro dessas histórias foi, primeiramente, muita conversa sobre a vida, e trocas de experiências em momentos espontâneos.

Para a sistematização das informações que serão expostas no devido capítulo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, na qual utilizei um questionário base com um total de 28 perguntas para as lavadeiras, e um segundo questionário com 16 perguntas para filhas e filhos de lavadeiras. Um dos critérios de participação, além de ter trabalhado como lavadeira, era a autodeclaração como pessoa negra, já que este trabalho também se baseia numa perspectiva interseccional para entender todas as problemáticas que serão discutidas. Antes de iniciar as entrevistas, tive encontros com as participantes para saber o melhor dia e o melhor momento em que elas se sentiriam a vontade para ceder um pouco de tempo, para conversar sobre essas memórias comigo. Não raro expliquei todos os objetivos da pesquisa, minha relação com este tema e fiz leituras das perguntas para elas, a fim de adequar os questionários a fim de que não houvesse nenhum tipo de desconforto ou mal-estar durante o processo. Acredito que deste jeito consegui dar o tratamento adequado as histórias que foram compartilhadas comigo, e fiz o possível para comunicá-las com o devido respeito que elas merecem.



MULHERES NEGRAS
E O TRABALHO

3. MULHERES NEGRAS E O TRABALHO

O tempo é como farinha numa peneira: não se pode impedir que escorra rápido até sobrar apenas o que não pode passar em seus orifícios. E ele seguiu seu curso implacável para os que cumpriam as tarefas braçais da vida e fluía em seu passo lento para os que desfrutavam do ócio nada produtivo. Na visão dos que viviam para servir, a maioria dos senhores apenas arrumava formas para não fazer nada. Maneiras inventivas certamente, mesmo assim inúteis.
(Eliana Alves Cruz - Água de Barrela.)

Não é muito convencional iniciar a escrita de um texto acadêmico utilizando a primeira pessoa do singular, tampouco se espera que esse texto venha conter informações de caráter mais subjetivo da pesquisadora, mas neste caso é imprescindível começar dessa forma porque as temáticas tratadas daqui por diante fazem parte da minha vida, e atravessam a vida de várias outras mulheres nesse território. Escrever este capítulo que se inicia foi uma tarefa um tanto difícil, já que foi necessário para mim aprender conceitos e categorias das quais eu não possuía tantas afinidades, por serem especificidades de áreas como Ciências Sociais, Economia e correlatas. Mas, se tem uma coisa que aprendi lendo bell hooks é que é possível discutir sobre questões complexas e elaborar fabulações extremamente significativas de maneira simples, a linguagem precisa ser um meio de nos aproximar e compartilhar ideias, sonhos, histórias, conhecimento, e não de alargar a distância que existe entre nós. Ainda mais entre quem lê e quem escreve. Além de realizar uma busca em fontes bibliográficas que pudesse suprir as carências que eu sentia para analisar o que pretendia, também foi necessário revisitar a história da minha própria família para me ajudar a entender de uma forma mais prática o que eu estava fazendo, e conseguir elucidar os processos que serão citados adiante de maneira satisfatória.

Para esta pesquisa, que apresento a partir de agora, utilizei como base uma literatura de referência composta por intelectuais negras e negros de diversas épocas do nosso país, dentre elas: Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Angela Davis, Audre Lorde, bell hooks, Nilma Lino Gomes, Leda Maria Martins, Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Alexandro de Jesus, Cida Bento, e muitos outros que apesar de não estarem no corpo das referências, me ajudaram a formar as opiniões e reflexões contidas aqui. Também é importante mencionar que foram visitados estudos que tratam da temática da sociologia do trabalho, a partir de categorias de gênero, como a divisão sexual do trabalho e a interseccionalidade, e a formação do capitalismo a partir da acumulação primitiva. Nesse ponto, as principais autoras consultadas foram Helena Hirata, Daniele Kergoat e Silvia Federici, e os dados mais atualizados com estatísticas sobre mulheres negras e trabalhos foram coletados a partir de canais oficiais do Governo Federal, como a síntese de indicadores sociais de

diferentes anos, as estatísticas de gênero - indicadores sociais das mulheres no Brasil (IBGE, 2022), e o recenseamento geral de 1950. Pois bem, as histórias que me trouxeram até aqui foram muitas, mas vou optar por usar como exemplo para este tópico a história de minha avó paterna, Ana Maria, mulher negra retinta, que viveu boa parte de sua vida na cidade de Vicência, Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Dona Ana, como nossa família costumava chamá-la, nasceu em um engenho em Vicência, em condições de profunda carência e pauperização, seus pais biológicos faleceram quando ela era ainda uma criança de braço, e por conta disso precisou ser cuidada por seus padrinhos, que eram "funcionários" do engenho. Morou com eles numa pequena casa de taipa, de chão batido, tendo como vizinhas as árvores e os matos que ficavam próximos ao pequeno roçado ao redor de sua casa, lá não tinha eletricidade, nem água encanada e nem banheiro dentro de casa. E assim ela cresceu, aprendeu o que era necessário para a lida no roçado, mas também aprendeu a lida que uma mucama precisava aprender para cuidar da casa grande e das necessidades dos senhores. Dona Ana conheceu o trabalho desde menina, o ócio foi considerado um luxo que ela nunca poderia desfrutar, assim como vários outros pequenos prazeres da vida. O trabalho na casa grande era incessante, e o justo pagamento por tudo que fazia era a permissão para morar nas terras do engenho e um prato de comida, quando por bondade, um trocado ou outro para comprar uma fazenda e costurar uma pareia de roupas, sonhar com uma vida diferente talvez nunca fosse uma possibilidade. Assim como muitas outras mulheres negras que cresceram nesse contexto, dona Ana não estudou, não enriqueceu através de seu trabalho, não teve oportunidades de mudar sua vida. Meu pai um dia desses me contou uma história que aconteceu com ela, que me transportou até um passado muito distante, mas que parecia que eu estava vendo tudo acontecer na minha frente.

Eram muitos os boatos em Vicência de pessoas que ganhavam de presente "das almas" uma botija de ouro e dinheiro, e o que se dizia era que essas almas apareciam em sonho para contar ao sonhador a localização exata de onde um senhor de engenho tinha escondido um tesouro. Numa noite de lua cheia, no breu da madrugada, Ana ainda adolescente acordou de sobressalto e se assustou ao ver a figura de um homem parado em pé, ao lado da esteira em que ela dormia. Era um vulto, escuro como a noite, alto e magro, ela não conseguiu ver o seu rosto e teve medo, mas também foi tomada por um sentimento de grande curiosidade. Fechou os olhos e rezou, pedindo a Deus para que isso fosse coisa de sua cabeça de menina. De nada adiantou, o vulto do homem continuava em pé ao seu lado, mas com a mão estendida, num ato de espera. Imediatamente ela se deu conta que poderia ser o que ela tinha ouvido outro dia pela cidade, uma alma querendo contar um segredo. Ela segurou a mão da figura escura, e ele a guiou até a porta de sua pequena

casa e a levou pelo roçado mata adentro. Quando chegaram nos pés de um grande cajueiro, ele se abaixou perto de uma raiz grossa, enfiou a mão na terra e puxou uma lata, balbuciou alguma coisa que ela não sabia se tinha entendido, abriu o pote e mostrou a Ana várias moedas, colares, relógios e até uma tesoura de ouro maciço. Estarrecida, ela mal acreditou quando o homem estendeu a lata e colocou em suas mãos, quando ela segurou e sentiu o peso da tesoura, de repente acordou. Era um sonho, era um segredo. Uma alma foi dar a ela uma chance de mudar de vida. Ana levantou as pressas, era alta madrugada, não tinha relógio na pequena casa de chão batido, mas ela sabia das horas pela cor do céu. Com pressa e com muita cautela para não acordar seus padrinhos, foi nos fundos da casa e pegou uma enxada, e de lá partiu pelo roçado, mata adentro, fazendo o mesmo caminho que a alma lhe ensinou. Andou por dentro dos matos, no escuro da noite, sozinha, em plena madrugada, até encontrar o grande cajueiro que viu no sonho. Ali, no breu, ela empreendeu a busca pela botija, cavando no mesmo lugar que ela viu a figura do homem puxar o tesouro. Cavou e cavou, e quanto mais cavava mais coisas estranhas aconteciam. O vento começou a uivar, as árvores de repente pareciam que iam saltar de tanto que balançavam. Ela lembrou de algo que o homem disse no sonho, e então entendeu: “Cave até achar o ‘cascaio’, quando achar não pare, a botija vai aparecer!”. E continuou, mas naquela altura já não aguentava mais insistir, estava muito cansada ainda da lida do dia, sentia frio, e estava morrendo de medo dos barulhos animais que o vento e o mato estavam fazendo. Assim ela abandonou a empreitada, e voltou para casa correndo com a enxada nos ombros, trancou a porta e respirou. Uma lágrima escorreu em seu rosto, talvez pelo medo que sentiu, ou talvez tenha sido por ter perdido a chance de mudar de vida. Os anos se passaram, Ana se casou com um agricultor que vivia num engenho vizinho e mudou-se da casa de seus padrinhos. A realidade, a partir de então, não se apresentou de forma mais doce para ela, além de desempenhar as mesmas funções que costumava fazer no antigo engenho que morou, agora precisava dar conta também dos cuidados de filho, casa e marido.

O meu avô tinha um nome estranho, se chamava Eleutério, sobre ele eu não sei muita coisa, mas o pouco que sei muito me faz pensar em questões como família, amor, sofrimento e masculinidades. Com dona Ana ele teve dois filhos, o primeiro um menino e alguns anos depois uma menina, ele era agricultor, trabalhava no engenho no plantio e no corte da cana, e tinha como vício a bebida. Em 1943 nasceu meu pai, e poucos anos mais tarde, enquanto minha vó caminhava até o riacho da propriedade para lavar as roupas de sua “patroa”, meu pai na altura de seus cinco, seis anos de idade já realizava tarefas no engenho. Tirava leite de cabra, cuidava do galinheiro, varria e lavava o terreiro, além de ser incumbido de brincar com o filho da patroa, (que a título de curiosidade se tornou um político de grande fama na cidade do Recife na década de 1970). A

história da minha pequena tia é muito triste e nebulosa, quando ela completou três anos de idade Eleutério partiu a levando embora, abandonou meu pai ainda menino, e tirou uma filha ainda bebê do colo de sua mãe, só para fazê-la sofrer. O que meu pai me conta, é que a única lembrança que restou de sua irmã foi um pedaço de cabelo, que minha avó guardou por muitos anos, e permanece guardado até hoje com meu pai. O boato que correu na cidade, é que a menina morreu pouco tempo depois de complicações de saúde, e acredito eu que também de saudade. Apesar de todo esse mar de tristeza, o luto era um luxo que dona Ana e Manoelzinho não podiam desfrutar, e continuaram a trabalhar no engenho, tendo como justo pagamento um teto para dormir e um prato de comida. Manoel mesmo criança não podia errar, e não era de sua mãe que ele apanhava, mas da patroa, que era tão generosa e complacente que o pedia para também chamá-la de mãe. Um dia Manoelzinho encontrou uma moeda no chão da casa grande, como qualquer criança ficou feliz com o achado, quando viu uma brecha na lida do dia, foi até a bodega e comprou um doce, correu feliz pela rua e voltou ainda sorridente para o engenho, até ser surpreendido por sua segunda mãe segurando um chicote de couro de bicho, furiosa, gritando que ia matar o ladrãozinho. Para escapar do pior Manoelzinho precisou se esconder dentro da latrina que ficava no quintal, e só foi poupado do castigo graças a uma sinhazinha que estava de visita e que disse a sua amiga que bastava umas tapas para dar um jeito naquela situação. Foi preciso que eu, na altura dos meus vinte e poucos anos, olhasse nos olhos do meu pai, na casa de seus setenta e poucos, e contasse que a vida que ele e minha vó Ana levavam no engenho era ainda a continuação da escravidão, e que o que poderia parecer afeto e educação por parte da patroa, nada mais eram que instrumentos muito bem elaborados de controle e violência. Quando meu pai me contava essas histórias ele sempre se emocionava, mas no dia que eu trouxe para ele essa leitura ele chorou copiosamente.

Apesar de ser uma história muito íntima da minha família, é possível encontrar dentro dela vários pontos de intersecção com a história de várias outras famílias de pessoas negro descendentes, principalmente as que tiveram suas origens em zonas rurais. Através dessa oralitura dos meus, que agora transformo em documento escrito - uma forma de escrevivência - é possível refletir sobre as condições de vida, os afetos, os aspectos socioeconômicos e sobretudo as relações de trabalho, que as mulheres negras na época de nossas avós, foram submetidas desde a colonização desse país. Segundo Martins (2020:30-31):

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles

o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre a oralidade e a escrita. A oralitura é do âmbito da performance, seu agenciamento, e nos permite abordar, teórica e metodologicamente, os protocolos, códigos e sistemas próprios da performance, assim como o modus operandi de sua realização, de sua recepção e afetações, assim como suas técnicas e convenções culturais, como inscrição e grafia de saberes. Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre a oralidade e a escrita. A oralitura é do âmbito da performance, seu agenciamento, e nos permite abordar, teórica e metodologicamente, os protocolos, códigos e sistemas próprios da performance, assim como o modus operandi de sua realização, de sua recepção e afetações, assim como suas técnicas e convenções culturais, como inscrição e grafia de saberes. No âmbito da oralitura gravitam não apenas os rituais, mas uma variedade imensa de formulações e convenções que instalam, fixam, revisam e se disseminam por inúmeros meios de cognição de natureza performática, grafando, pelo corpo imantado por sonoridades, vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores, valores de várias ordens e magnitudes, o logos e as gnosés afroinspirados, assim como diversas possibilidades de rasura dos protocolos e sistemas de fixação excludentes e discricionários.

O panorama familiar apresentado nas laudas anteriores, tem um recorte temporal de aproximadamente oitenta anos. Se hoje a lógica colonial está impregnada nas relações de poder, e na ordem do capitalismo, e cada vez mais pauperiza e explora pessoas negras, há cento e trinta e cinco anos atrás, quando o nosso povo era refém do trabalho compulsório, viver era uma experiência excruciante. As oralituras que pude ouvir dentro de minha própria casa, e que somam-se a várias outras histórias de minha família, me revelaram situações e contextos que me fizeram perceber a importância de compartilhar essas experiências através da presença e da conversa. Ouvir essas vivências, e grafar também na minha memória e no meu corpo essas oralituras, é um jeito de reposicionar essas histórias, e me faz enxergar cada vez mais o que disse Conceição Evaristo sobre essa nossa experiência diferenciada de nacionalidade. Buscar contar essas narrativas a partir de um outro lugar, seja do ponto de vista geográfico ou temporal, me ajuda na tarefa de borrar esse passado para reescrever novos significados e caminhos para a história dos meus.

O capitalismo, tal qual como conhecemos hoje, é resultado de um processo que teve início na Europa medieval, onde as relações feudais, marcadas por profundas desigualdades, também se davam a partir do domínio e da posse da terra, muitas foram as revoltas do campesinato para resistir às opressões e a violência nesse processo de transição. Essas relações se configuraram a partir de uma lógica de servidão, em que o “senhor” permitia que seu servo dispusesse de uma pequena fração de terra para uso e cultivo de sua família, mediante o pagamento de impostos de caráter arbitrário. Entretanto, quando comparamos os fatos e fazemos analogias com os processos

que aconteceram em solo brasileiro, notamos diferenças significativas nas relações senhoriais aqui estabelecidas com a população negra. A autora Silvia Federici, em seu livro “Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva” (2018), nos traz um panorama histórico, a partir de uma perspectiva feminista, em que é possível reconstituir um pouco da dinâmica dessas relações e entender as diferenças dos processos:

Do ponto de vista das mudanças introduzidas na relação senhor-servo, o aspecto mais importante da servidão foi a concessão aos servos do acesso direto aos meios de sua reprodução. Em troca do trabalho que estavam obrigados a realizar na terra do senhor (a demesne), os servos recebiam uma parcela de terra (mansus ou hide) que podiam utilizar para manter-se e deixar a seus filhos “como uma verdadeira herança, simplesmente pagando uma dívida de sucessão” (Boissonnade, 1927, p. 1.934). Como assinala Pierre Dokes em *Medieval Slavery and Liberation* (1982) [Escravidão medieval e libertação], este acordo aumentou a autonomia dos servos e melhorou suas condições de vida, já que agora podiam dedicar mais tempo à sua reprodução e negociar o alcance de suas obrigações, em vez de serem tratados como bens móveis, sujeitos a uma autoridade ilimitada. O que é mais importante, por terem o uso e a posse efetiva de uma parcela de terra, os servos sempre dispunham de recursos; inclusive, no ponto máximo de seus enfrentamentos com os senhores, não era fácil forçá-los a obedecer pela ameaça de passar fome.
(Ibid p. 48-49)

Apesar de estarem também expostos a violência dos proprietários da terra, a disposição de recursos somados às relações comunistas com outros pares, permitiu, mais tarde, que os servos conseguissem se organizar e mudar seu status social. Já o que se verifica no contexto brasileiro, quando falamos em transição do sistema de plantation para o capitalismo, é uma perpetuação do que Lélia Gonzalez chama de “dependência neocolonial”([1979] 2020:20), por todas as condições de precariedade às quais a população negra foi submetida. Em suma, um homem branco na condição de servo na Europa desfrutava de alguns poucos direitos e tinha a possibilidade de acumular um ou outro bem, em contrapartida, um homem negro na condição de escravizado no Brasil, não desfrutava sequer do estatuto mais básico de uma pessoa, sua própria humanidade. A acumulação primitiva, considerado o processo fundante do capitalismo, se desenvolveu sobretudo a partir da exploração do trabalho servil e escravo, bem como do roubo a nações, tendo a violência como principal método de ação:

O que se deduz desse panorama é que a violência foi a principal alavanca, o principal poder econômico no processo de acumulação primitiva, porque o desenvolvimento capitalista exigiu um imenso salto na riqueza apropriada pela classe dominante europeia e no número de trabalhadores colocado sob o seu comando. Em outras palavras, a acumulação primitiva consistiu uma imensa acumulação de força de trabalho — “trabalho morto”, na forma de bens roubados, e “trabalho vivo”, na forma de seres humanos postos à disposição para sua exploração — colocada em prática numa escala nunca antes igualada na história. De forma significativa, a tendência da classe capitalista durante os primeiros três séculos de sua existência era impor a escravidão e outras formas de trabalho forçado como relação de trabalho dominante, uma tendência que só

foi limitada pela resistência dos trabalhadores e pelo perigo de esgotamento da força de trabalho. (FEDERICI, 2018:62)

Analisar esses dados a partir de uma perspectiva feminina implica pensar na condição em que as mulheres foram submetidas durante esse processo, em que elas sofreram progressivamente com a perda de sua autonomia na vida social e no próprio lar. Nesse sentido, a autora aponta que dentro de sua pesquisa, “mulher” não é apenas um substantivo, mas sim, uma categoria marcada por uma forma muito particular de exploração, se fazendo necessário refletir sobre como o processo de acumulação primitiva incidu diretamente sobre o seu próprio corpo; em suas palavras, “o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência”(Ibid, 2018: 34). Essa questão se adensa ainda mais se pensarmos a partir do ponto de vista dos corpos racializados. Se a categoria “mulher” já nos informa explorações e violência, a categoria “mulher negra” também pressupõe várias outras formas de explorações específicas, dada a de sua cor de pele e o processo de escravização ao qual foi submetida. O corpo da mulher sofreu um processo de apropriação pelos homens e pelo Estado (FEDERICI, 2018), principalmente em sua função reprodutiva. O caso da mulher negra tem uma relação ainda mais profunda, pois seu corpo foi um meio para a acumulação do trabalho no sistema de plantation, através dos estupros coloniais, do trabalho na casa grande e no campo. Em suma, podemos dizer que a acumulação primitiva foi um processo iniciado na Europa feudal, que teve como principal característica a apropriação de terras, da força de trabalho, do espólio de bens e até de pessoas, processo esse considerado fundacional para o capitalismo pois foi por meio dele que se instaurou a concentração de bens e riquezas nas mãos de uma diminuta porcentagem da população mundial, e que sobrevive graças ao uso e manipulação da violência, do racismo e do sexismo no mundo.

A partir de uma análise com base nas teorias sociais de Marx e José Nun, Lélia Gonzalez [1979] (2020), nos conta que diferente da forma que se desenvolveu na Europa, o processo de acumulação primitiva foi afetado na medida em que não ocorreram transformações estruturais no setor agrário, que permitiram o crescimento industrial no nosso país. O que chamamos de “trabalhador de livre” também sofreu uma modificação na base de sua estrutura quando analisamos o caso brasileiro. O trabalho no meio rural, caracterizado por profundas relações coloniais e coronelistas, se perpetuaram e impediram que a grande massa (leia-se população negra), adentrasse nos modos do capitalismo industrial, onde o mercado de trabalho “formal” está associado a uma oferta de serviço em troca do valor simbólico que é o dinheiro. Esse processo excludente além de apartar os grupos pelo critério de gênero, focou principalmente na

seletividade pela raça, recaindo assim sobre as mulheres negras o peso da formação desse sistema econômico, baseado no patriarcalismo e na continuidade do processo de escravidão. O caso da minha avó é um bom exemplo para se compreender de forma mais prática o que Lélia percebeu em 1979 sobre o trabalho no meio rural. A relação senhorial estabelecida entre minha avó e seus patrões ilustra perfeitamente que essa tal liberdade do trabalhador não se aplicava à realidade, na medida em que ele não tinha nenhuma posse ou recurso para dar conta do que é mais básico na vida de uma pessoa, sua moradia e sua alimentação. Em "Cultura, Etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher" (2020), Lélia Gonzalez analisa esse processo de cunho fundacional do capitalismo, trazendo para o debate as análises necessárias para se entender como esse processo foi adaptado ao nosso contexto de colônia:

Sabemos que o processo de acumulação primitiva permite a emergência dos dois principais elementos da estrutura do capitalismo: o trabalhador livre e o capital. Ocorre que, em termos de Brasil, esse processo foi grandemente afetado na medida em que não ocorreram transformações estruturais no setor agrário (que permitiriam o crescimento industrial). Por outro lado, com relação ao capital, a nossa inserção dependente do mercado mundial (produção de alimentos e de matéria-prima) determinou que a pilhagem, de início, e o comércio exterior, depois, assumissem o papel de grandes fontes produtoras de lucro, manipuladas a partir das metrópoles.

(...)

Quanto ao elemento "trabalhador livre", também aqui se constata fatores deformadores do seu processo de formação, uma vez que uma série de vínculos, característicos de formas produtivas anteriores, ainda se mantém em grande parte no setor rural. Esse tipo de perpetuação impede ou distorce o funcionamento do que, rigorosamente falando, se constituiria num mercado de trabalho. Vale notar que, apesar de não participar das relações produtivas do capitalismo industrial, a mão de obra prisioneira desses vínculos não deixa de estar submetida à hegemonia. Em outros termos: a presença atual, em diferentes expressões, do capital comercial relacionado a formas pré-capitalistas de exploração da mão de obra articula-se (em graus de maior ou menor complexidade) com o setor hegemônico da economia e de maneira proveitosa para este último.

(p.20-21)

Ou seja, a formação do capital comercial que conhecemos hoje se articulou com as variadas formas de exploração que já eram aplicadas antes do capitalismo se tornar um fenômeno global, no fim das contas, a globalização do capital potencializou a violência, a pobreza, o sexismo e o racismo, porque são essas opressões que retroalimentam e mantêm esse sistema em todo mundo. A articulação de setores hegemônicos da economia que trabalham para a manutenção desse fenômeno, manipula de um jeito tão elaborado as relações de gênero e etnicidade que hoje isso continua se refletindo em menores níveis de participação da população negra na força de trabalho formal (GONZALEZ, 2020:88). A maneira como esses corpos são tratados através de uma lógica funcionalista – a "funcionalidade da população" – que enquadra mulheres e homens que não possuem empregos formais na categoria "marginalidade funcional", torna essas pessoas

vulneráveis a aceitar qualquer sorte de exploração para seguir sobrevivendo. Lélia Gonzalez aponta uma grave falha nos “especialistas” que se propõem a analisar esse problema social, que é justamente desenvolver leituras de caráter dualistas para tentar interpretar cientificamente a causa e os efeitos dessa problemática, mas chega a ser irônico o fato de nesta "arena" a vítima ser colocada no lugar do opressor e lutar contra ela mesma, segundo a ótica omissa dos analistas. Quando os agentes examinam e generalizam a questão da marginalidade funcional, eles percebem o fenômeno como um problema quase que exclusivamente dos atores sociais e não da estrutura do sistema, transferindo a culpa dessa condição de precariedade para quem é, na verdade, a vítima desse jogo bem construído. E é justamente nesse ponto que percebemos também o caráter transdisciplinar do pensamento da autora, quando ela critica essa lógica binária e racista que insiste em colocar a pessoa negra como a principal responsável pelos problemas de ordem social que acometem a sua vida e sua condição socioeconômica:

A presença dos três processos de acumulação, sob a hegemonia do capital industrial monopolista, demonstra, por outro lado, que o desenvolvimento desigual e dependente mescla e integra momentos históricos diversos. É nesse momento de sua análise que Nun retorna à questão da funcionalidade da superpopulação relativa afirmando que, no nosso caso, grande parte delas se torna supérflua e passa a constituir uma “massa marginal” em face do processo de acumulação hegemônico, representado pelas grandes empresas monopolistas. As questões relativas ao desemprego e ao subemprego incidem exatamente sobre essa população.
(Op. Cit, p. 21-22)

O trabalho na vida de mulheres negras também foi um dos principais temas examinados por Lélia Gonzalez, já antecipado pela historiadora Beatriz Nascimento em 1976, época em que se iniciou esse tipo de estudo no país. Em seu artigo “A mulher negra no mercado de trabalho” (1976), Beatriz Nascimento nos conta que para compreender o papel social da mulher negra nessa dinâmica, é importante entender como se estruturava a sociedade colonial e quais eram os agentes que existiam naquele cenário. Ao reconstruir a paisagem colonial, ela nos apresenta uma sociedade profundamente hierarquizada, em que os grupos exercem papéis rigidamente diferenciados, sendo eles organizados da seguinte maneira: os senhores de terras, que concentravam o capital político e econômico, os escravizados - não gozavam de direitos e representavam a força produtiva dessa sociedade - e uma camada de homens e mulheres livres que viviam em condições de vida muito insalubres. Dentre todos esses agentes, à mulher negra competia realizar atividades laborais diversas, pois além de ter que fazer o trabalho de mucama, cuidando da casa grande e dos filhos do senhor, era ela que também cozinhava para alimentar os outros escravizados e ainda precisava cuidar dos seus próprios filhos e companheiros. Beatriz

também chama atenção para o uso do corpo da mulher negra como produtor de mercadoria para o trabalho compulsório, com a reprodução forçada através da violação sexual de seus corpos:

Pelo caráter patriarcal e paternalista da sociedade, atribui-se à mulher branca o papel de esposa do homem, mãe dos seus filhos e dedicada a eles. Desse modo, seu papel é assinalado pelo ócio, sendo amada, respeitada e idealizada naquilo que esse ócio representava como suporte ideológico de uma sociedade baseada na exploração do trabalho [e da pessoa] de uma grande camada da população. Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra, pode ser considerada uma mulher essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do seu homem, isto é, dotada de um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da casa-grande (atividade que não se limita somente a satisfazer os mimos dos senhores, senhoras e seus filhos, mas também de produtora de alimentos para a escravaria) como também no campo, nas atividades subsidiárias do corte e do engenho. Por outro lado, além da sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos, ela tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno. Isto é, a mulher negra é uma fornecedora de mão de obra em potencial, concorrendo com o tráfico negreiro. (Idem, 1976; p.34)

O ócio é uma questão interessante de se pensar pois foi um marcador importante que assinalou no passado o comportamento de uma classe, e fazendo comparações com o que chamamos de presente, não há hoje tanta diferença. Quem pode se dar o luxo de não fazer nada, ou ao menos não ocupar sua cabeça com problemas cotidianos de ordem básica? Tomando emprestado o dito popular, *qual é o pobre que pode se dar o luxo de ficar de perna pra cima?* Ou ainda, *“quem pode pode, quem não pode se sacode!”*. O fato é que o ócio nunca foi uma alternativa para a população negra, muito menos para as mulheres negras. O ócio só foi (e ainda é) visto com bons olhos para pessoas financeiramente abastadas e brancas. Historicamente sabe-se que pessoas negras ociosas eram enquadradas na rua como vadias e marginais, portanto, a velha premissa de que o trabalho dignifica o sujeito não cabe para todo mundo, visto que pessoas que não possuem a melanina acentuada não precisam de um trabalho ou atividade laboral para serem socialmente dignificadas. Não podemos esquecer que em 1870 o movimento sufragista nos Estados Unidos da América já estava reivindicando equidade salarial para as mulheres brancas (DAVIS, 2016:219), enquanto na América do Sul as mulheres negras, a duras penas, ainda lutavam pela sua libertação da condição de escravizadas. Também é curioso pensar que se mulheres brancas norte-americanas em 1870 tinham tempo disponível para estar no ambiente fabril e organizando uma luta política e sindical, certamente se deve a boa parte delas terem entregue os cuidados de seu lar e de sua família a mulheres negras, que tinham poucas ou nenhuma oportunidade de acessar um vínculo formal de trabalho. Esse fenômeno é chamado pelas pesquisadoras Helena Hirata e Daniele Kergoat (2007: 601) de “externalização do trabalho”, que acaba se desenvolvendo de certa forma em cadeia, porque ao se ver obrigada a cuidar dos filhos de outras mulheres, mães negras são obrigadas a também externalizar o seu próprio trabalho doméstico a

outras mulheres, que não raro acaba sendo sua própria mãe ou outra figura feminina da família. A externalização do trabalho também respinga na situação de nossas crianças, visto que, meninas mais velhas muitas vezes também são obrigadas a cuidar de seus irmãos menores e da casa, prejudicando dessa maneira a sua permanência na escola e apagando cada vez mais sua infância. Em suma, o ócio é mais um dos tantos privilégios de classe e raça no nosso contexto brasileiro, pois, de acordo com Beatriz Nascimento:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, desse modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas, e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais. Podemos acrescentar, no entanto, ao que expusemos acima, que a essas sobrevivências ou esses resíduos do escravagismo se superpõem os mecanismos atuais de manutenção de privilégios por parte do grupo dominante. Mecanismos que são essencialmente ideológicos e que, ao se debruçarem sobre as condições objetivas da sociedade, têm efeitos discriminatórios. Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, isso se deve tanto ao fato de ela ser uma mulher de raça negra quanto a terem sido escravos seus antepassados. (1976: 35-36)

A formação do mercado de trabalho e a presença das mulheres negras nesse sistema, foram temáticas que de uma maneira muito pioneira, as intelectuais Beatriz Nascimento e Lélia González analisaram durante a década de 1970. A abordagem de Lélia, particularmente, é considerada muito singular pois ela articulou categorias de análises antes nunca utilizadas para compreender os fenômenos já citados neste texto, trazendo referências e perspectivas da Sociologia, Economia, Antropologia e até da Psicanálise, para formular as suas próprias teorias. E o que é mais incrível, mas ao mesmo tempo preocupante, é que apesar dessas pesquisas serem datadas da década de 1970 elas parecem ter sido escritas ontem, o que revela de um jeito muito violento o nível de negligência que a população negra é submetida até o presente. Em seu artigo *"A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica"* [1979] (2020), Lélia mais uma vez reflete sobre a situação da trabalhadora negra, através de uma leitura histórica sobre o povo negro, as muitas revoltas que não são mencionadas pela narrativa oficial do nosso país e os dados presentes nos indicadores sociais da época sobre as condições de vida, trabalho e educação de mulheres negras em nosso território:

O Censo de 1950 foi o último a nos fornecer dados objetivos, indicadores básicos relativos à educação e aos setores de atividade econômica da mulher negra. O que então se constatava era o seguinte: nível de educação muito baixo (a escolaridade atingindo, no máximo, o segundo ano primário ou o primeiro grau), sendo o analfabetismo o fator dominante. Quanto às atividades econômicas, apenas 10% trabalhavam na agricultura

e/ou na indústria (sobretudo têxtil, e em termos de Sudeste-Sul); os 90% restantes concentrados na área de prestação de serviços pessoais.
(p. 49)

E ainda:

Excluída da participação no processo de desenvolvimento (desigual e combinado, não esqueçamos), ficou relegada à condição de massa marginal crescente: desemprego aberto ou não, ocupação “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc.
(p.50)

Neste contexto, faço novamente no presente a pergunta que Lélia González fez em 1982 :“E a trabalhadora negra, cumé que fica?”. A fim de entender a situação, busquei documentos oficiais que trazem os dados e indicadores sociais da população brasileira nos últimos anos, pesquisei dados relativos à condição de trabalho, ocupação e renda das mulheres negras. A título de curiosidade trouxe algumas informações sobre o recenseamento de 1950, do qual Lélia tratou de analisar no texto já mencionado algumas linhas atrás. Segundo o censo, considera-se empregado a pessoa que trabalha mediante remuneração, empregador quem explora uma atividade econômica com o auxílio de empregados, e trabalhadores por conta própria a pessoa que exerce sua atividade de forma individual, ou ajudada por familiares que não são remunerados. Se compararmos a participação de mulheres brancas e negras no mercado de trabalho a partir dessas categorias, a diferença é exorbitante e realmente surpreendente. Em números, eram 929.270 mulheres brancas empregadas para 300.804 pretas e 320.924 pardas, mais que o triplo, diga-se de passagem. A diferença também é acentuada no quesito de empregadores, 16.466 para mulheres brancas, 1.123 para mulheres negras e 3.528 para mulheres pardas. Na categoria de trabalhadores por conta própria, eram 186.425 mulheres brancas, em comparação a 59.183 mulheres pretas e 120.900 mulheres pardas. Esses números correspondem aos dados gerais para empregados, empregadores e trabalhadores por conta própria. No setor de prestação de serviços, é possível encontrar dados correspondentes a ocupações ligadas a alimentação, cuidados e higiene pessoal, “Lavadeiras e engomadeiras” aparece neste recenseamento como uma profissão majoritariamente feminina, 106.695 mulheres para 16.374 homens, com quase nenhuma participação nos setores de agricultura e pouca participação nos setores de natureza industrial, outra profissão que chama atenção dentro desse quadro é a de “amas”, que aparece junto a copeiras também com um total expressivo de mulheres. Apesar desse quadro trazer dados sobre o grupo a que esta pesquisa se debruça, as lavadeiras, ele não nos informa sobre a realidade de 1950, tendo em vista que os números aparentam ser muito incipientes, e evidentemente deixa de fora um montante de

mulheres que exerciam essa profissão nos rios, já que o próprio censo aponta uma baixa participação de mulheres negras como empregadas, e vale salientar que aspectos como o difícil acesso a água era um fato e que a maioria das lavadeiras exercia seu trabalho por conta própria.

Figura 3 – Recenseamento geral de 1950 em que lavadeiras e engomadeiras aparecem na seção de ocupações relativas à prestação de serviços

44 RECENSEAMENTO GERAL DE 1950

26. PESSOAS PRESENTES, DE 10 ANOS E MAIS, POR SEXO E RAMO DA ATIVIDADE PRINCIPAL, SEGUNDO A OCUPAÇÃO

Nº de ordem	OCUPAÇÃO	PESSOAS PRESENTES, DE 10 ANOS E MAIS									
		Totais		Agricultura, pecuária e silvicultura		Indústrias extrativas		Indústrias de transformação		Comércio de mercadorias	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<i>Ocupações relativas à prestação de serviços</i>											
174	Barbeiros e cabeleiros	51 302	4 594	--	--	--	--	16	1	--	--
175	Manicuras e pedicuras	157	2 942	--	--	--	--	2	--	--	--
176	Lavadeiras e engomadeiras	16 374	106 686	3	--	--	4	1 650	1 947	37	69
177	Engraxates	6 048	9	--	--	--	--	--	--	--	--
178	Cosmeleiras	23 003	350 970	202	53	104	15	860	532	95	28
179	Garços	29 327	2 799	--	--	5	--	229	48	40	3
180	Amas e cozinhas	30 629	276 827	--	4	5	6	111	268	102	14
<i>Ocupações relativas à justiça, segurança pública e forças armadas</i>											
181	Magistrados	2 259	6	--	--	--	--	--	--	--	--
182	Promotores e curadores públicos	1 832	14	--	--	--	--	--	--	--	--
183	Tabeliães e oficiais de registro	3 658	517	--	--	--	--	--	--	--	--
184	Escrivães e auxiliares de justiça	10 261	1 615	--	--	--	--	--	--	--	--
185	Delegados e comissários de polícia	2 136	--	--	--	--	--	--	--	--	--

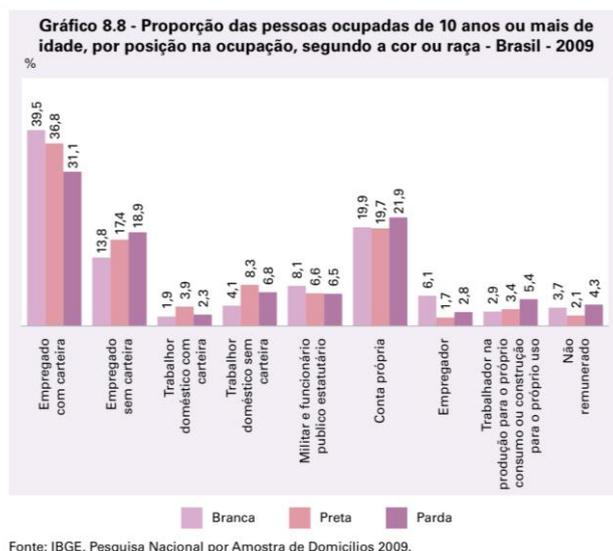
Fonte: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf

Um dos setores que mais movimentam a economia é o setor de comércio de mercadorias, que tem uma participação significativa de trabalhadores sem vínculo formal de emprego, neste setor, os dados de 1950 também surpreendem, são 56.222 mulheres brancas empregadas contra 1.820 mulheres pretas e 7.200 mulheres pardas; como empregadoras neste ramo, as mulheres brancas eram 2.942, as mulheres pretas um total de 37 e as pardas, 213. Na década de 1980 “lavadeiras e passadeiras” são citadas no censo vigente, mesmo sem números a seu respeito, já o que se observa nos anos seguintes é que essa profissão, assim como outras como linguiceiro, doceira, masseiro, desapareceram dos indicadores, sendo, muito provavelmente, incorporadas a categorias como serviços gerais e serviços domésticos.

A virada de século também significou profundas transformações tecnológicas, que impactaram diretamente a indústria, a prestação de serviços, as relações pessoais e os vínculos de trabalho. Os estudos em gênero e raça também ganharam mais notoriedade e surgiram indicadores sociais com categorias específicas, o censo de 2010 é um deles, neste documento é possível encontrar dados desagregados por gênero e raça nas questões que interessam para esta pesquisa. Sobre a

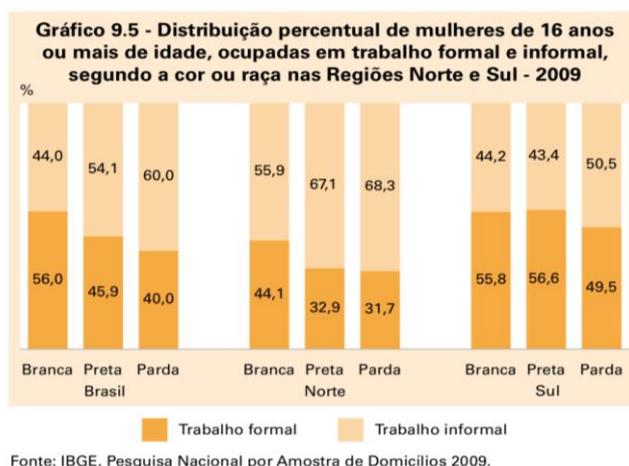
condição de empregados e empregadores na sessão de indicadores por raça, o censo 2010 nos dá o seguinte panorama:

Figura 4 – Gráfico da proporção de pessoas ocupadas – Brasil 2009



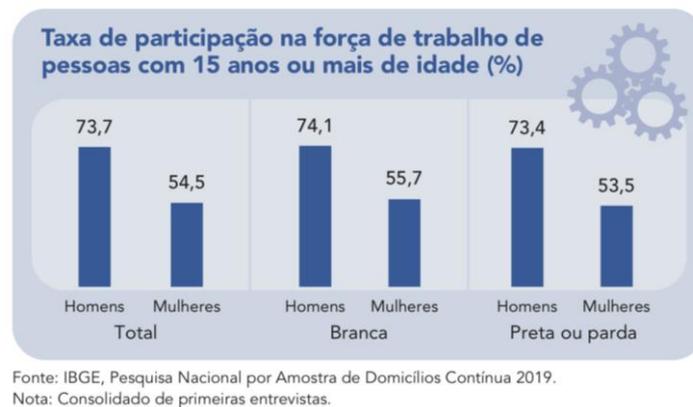
Nos chama atenção neste gráfico o pequeno percentual de pessoas negras e pardas na posição de empregadores, se esses dados fossem também desagregados por gênero é muito provável que a diferença seria ainda mais acentuada para mulheres negras. Na sessão “Mulheres”, encontramos estatísticas desagregadas por raça que nos informam sobre a condição de mulheres brancas, pretas e pardas no tocante a formalidade e informalidade no trabalho. Importante dizer que para esse levantamento, o censo considerou o conceito de trabalho formal elaborado pela OIT - Organização Internacional do Trabalho, que leva em consideração, sobretudo pessoas com carteira assinada, trabalhadores domésticos; militares e funcionários públicos estatutários; empregadores; e trabalhadores por conta própria que contribuam para a previdência social (p. 250-251):

Figura 5 – Gráfico da distribuição percentual de mulheres ocupadas em trabalho formal ou informal - Brasil, 2009



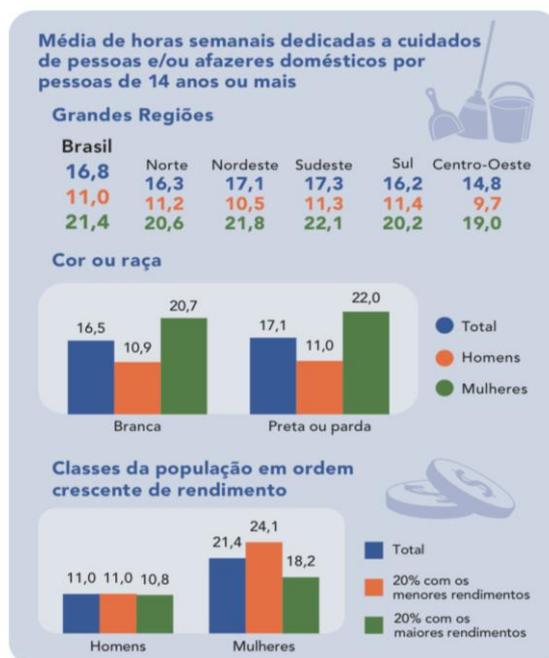
E a trabalhadora negra, cumé que fica? Apesar dos números não serem tão gritantes quanto os de 1950, eles não deixaram de ser menos alarmantes. Em 2010, 54,1% das mulheres pretas, e 60% das mulheres pardas no Brasil ainda estavam submetidas à informalidade no trabalho, isso evidencia o que Lélia González chamou, lá em 1979, de divisão racial do trabalho. Partindo para dados mais recentes, analisei os Indicadores Sociais das Mulheres, publicado em 2021 pelo IBGE, que conta com gráficos elaborados a partir da PNAD de 2019 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), e apresenta os seguintes dados sobre a participação de mulheres pretas e pardas na força de trabalho:

Figura 6 – Taxa de participação na força de trabalho

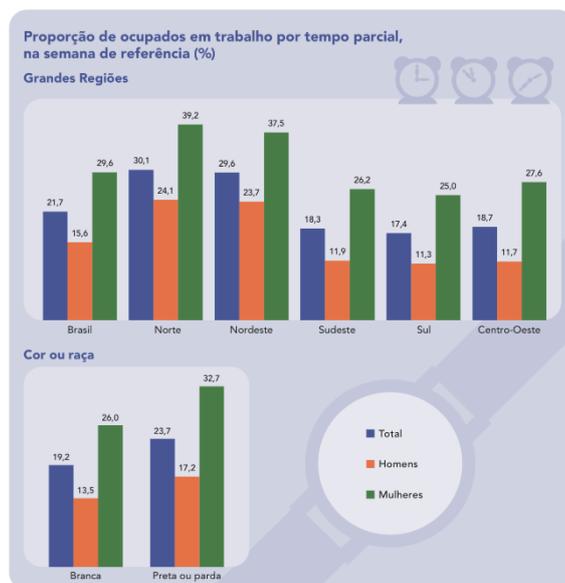


Vale ressaltar que para compor os dados relativos à participação na força de trabalho, foi considerada a parcela da população em idade de trabalhar, que está na força de trabalho, trabalhando ou procurando trabalho e disponível para trabalhar (p.02). Com 53,5% as mulheres negras ainda tem o menor índice de participação na força de trabalho. Observei uma falha neste documento, apesar de ser uma estatística de gênero, e de conter alguns dados sobre raça, eles ainda são muito rasos, deixando de fora, por exemplo, questões pertinentes sobre o quantitativo de mulheres negras que ainda estão na informalidade, o total de rendimentos também por raça e os dados sobre educação de mulheres e meninas negras. É possível observar também um grande abismo no que tange a quantidade de horas dedicadas ao cuidado de outras pessoas, o tal trabalho invisível, que é também não remunerado e está ligado aquela velha concepção de divisão sexual do trabalho, faz com que as mulheres dispensem o dobro de horas em cuidados, sendo as mulheres negras o grupo mais afetado, registrando cerca de 22 horas semanais para este fim. Os dados de ocupados em trabalho por tempo parcial também revelam que as mulheres negras são as que mais trabalham (32,7 horas).

Figura 7 e 8 – Média de hora semanais dedicadas ao cuidado; proporção de ocupados em trabalho por tempo parcial.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.
 Notas: 1. Consolidado de primeiras entrevistas.
 2. Rendimento domiciliar per capita, em ordem crescente, deflacionado para reais médios do próprio ano.

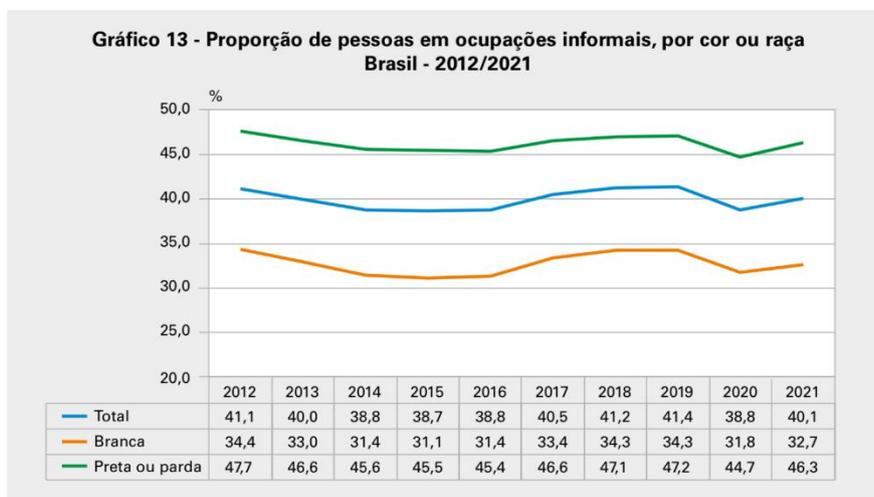


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.
 Nota: Consolidado de primeiras entrevistas.

Em 2022 nosso país ainda vivia sob um governo autoritário, antidemocrático e violento, que se baseava numa lógica de perseguição e aniquilação a tudo e a todos que não correspondesse aos padrões de cor, comportamento e gênero estabelecidos por uma sociedade conservadora. No censo de 2022 não se verifica a presença de categorias, como por exemplo, o censo de 2010 já citado aqui. Os dados sobre gênero e raça estão agregados no formato de “cor, raça e sexo” juntamente as outras informações, o que acaba prejudicando a leitura e o entendimento sobre a

situação das mulheres negras, que por sinal é muito sensível. Vejamos alguns dados relativo à população negra:

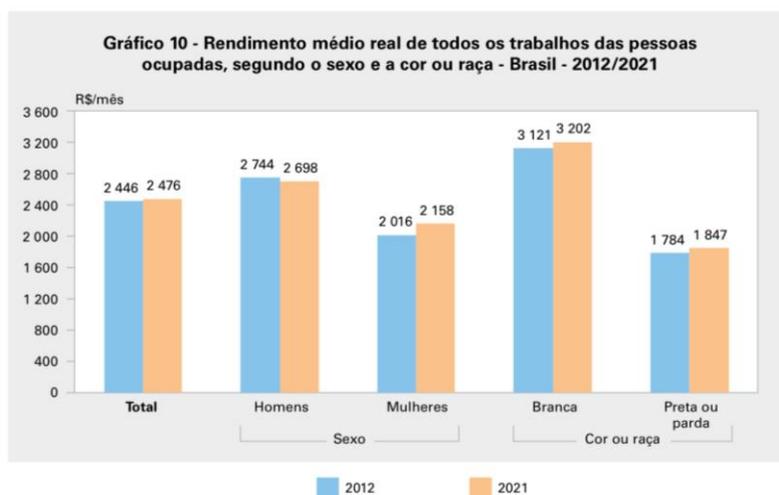
Figura 9 – Dados sobre a informalidade no trabalho



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2021.
Nota: Dados consolidados de primeiras visitas de 2012 a 2019 e de quintas visitas em 2020 e 2021.

A quantidade de pessoas negras na informalidade basicamente se manteve estável de 2012 até 2021, alcançando em 2021 (46,3%) números semelhantes aos números de 2012 (47,7%). Seria muito importante que esse dado fosse desagregado por gênero e raça para sabermos se mais da metade das mulheres negras ainda permanecem na condição de informalidade. Se considerarmos os efeitos da pandemia de Covid-19, talvez esse dado seja ainda mais preocupante do que foram os dados de 2010. E por fim, os dados da PNAD que revelam a disparidade da renda de pessoas brancas e negras no nosso país:

Figura 10 - Dados sobre o rendimento médio dos brasileiros segundo gênero e raça



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2021.
Nota: Dados consolidados de primeira visita em 2012 e de quinta visita em 2021.

Diante do exposto neste capítulo, constatamos que a formação e a consolidação do capitalismo no mundo se valeu da apropriação de terras, na forma de acumulação primitiva; da exploração de pessoas, na forma de trabalho servil; na superexploração da violência e do racismo, a partir do trabalho escravo; no sexismo, a partir da violação do corpo, da pauperização e subvalorização do trabalho de mulheres. Desde 1976 intelectuais negras como Beatriz Nascimento e Lélia González analisaram as condições de trabalho de mulheres negras, que no passado eram profundamente desiguais, e continuam sendo até o presente. A falta de trato com os dados nos indicadores mais recentes, revela o nível de negligência e desinteresse em compreender os nossos problemas, e mais uma vez Lélia acertou, quando lá na década de 1980 falou sobre o racismo por omissão em nosso país. As mulheres lavadeiras até certo momento da história apareciam nos indicadores sociais na categoria de “ocupações ligadas a higiene e prestações de serviços”, até se diluir e desaparecerem dos indicadores. Não posso finalizar sem fazer a ressalva que apesar de não ter me debruçado sobre a questão, me sensibilizo a causa das mulheres indígenas, que foram e ainda são incrivelmente invisibilizadas neste tipo de documento oficial.

E foi rememorando a história da minha avó Ana que consegui compreender questões de natureza muito complexas sobre o que nós, mulheres negras, somos e representamos nesta vida. Um corpo negro é atravessado por inúmeras questões de ordem subjetivas e sociais que um corpo branco no mundo nunca irá chegar perto de sentir. E a despeito de toda a violência e da insistência em nos fazer sangrar, nós voltaremos mais fortes e mais inteligentes a cada nova versão nossa, no sorriso das nossas descendentes.



UMA BREVE HISTÓRIA
DA PROFISSÃO LAVADEIRA

4. UMA BREVE HISTÓRIA DA PROFISSÃO LAVADEIRA

O que poderia pensar alguém que cortasse cerca de quinze toneladas diárias de cana, do alvorecer ao entardecer, em jornadas de mais de 12 horas de trabalho, ao ver pessoas como dona Emília Bandeira, por exemplo, que ia envelhecendo bordando e tomando sucos na varanda? O que poderia passar pela mente de alguém que lavasse, enxaguasse, passasse, arrumasse, alvejasse e cozinhasse ao testemunhar Iaiá Bandeira num eterno ir e vir de Salvador para acompanhar o marido nos compromissos, ou o contrário, para deixá-lo só para as tarefas da política e do comércio? (Eliaana Alves Cruz - Água de Barrela)

Não é possível estabelecer com grande precisão exatamente quando esta profissão surgiu como alternativa laboral para as mulheres, indubitavelmente, a profissão tem origens tão remotas quanto plantar e colher. Por também se constituir num trabalho a qual muitas mulheres socialmente marginalizadas e excluídas optaram por fazer para garantir sua subsistência. Quando iniciei esta pesquisa em 2019, era notável o baixo grau de relevância atribuído a esse grupo, refletido na escassez de literatura científica e outros tipos de publicações na área de humanidades. Felizmente, a partir de 2020 outras pesquisas que tratam sobre o tema nasceram e encontram-se publicadas em revistas e dossiês, ainda sim num número não tão expressivo. Os estudos científicos sobre essas mulheres só começam de fato a se constituir no século XX, buscando remontar alguns aspectos dos séculos passados, marcados sobretudo pelas desigualdades geradas com a abolição da escravatura (BAZZO, 2016). Abordarei aqui, conforme ilustra o material consultado, aspectos relacionados o a uma possível origem das lavadeiras no contexto brasileiro, com estudos que apresentam hipóteses sobre o ofício ter surgido como um tipo de atividade remanescente da escravidão, associada aos trabalhos realizados pelas “escravas de ganhos” no período colonial, e que perdurou no pós-abolição, e que nasce foi desenvolvido inicialmente nas margens dos rios.

Durante o período chamado de “pós-abolição”, com a crise que se instaurou sobre a condição precária das pessoas negras na sociedade, uma gama de profissões surgiu, todas ligadas ao trabalho informal. Como exemplo podemos citar as lavadeiras, as domésticas, quituteiras, feirantes; ambulantes, sendo essas duas últimas também exercidas massivamente pelos homens. As atividades de lavagem de roupas e serviços domésticos, figuram como uma extensão quase que direta do trabalho compulsório realizado dentro da casa grande, obedecendo uma lógica diferenciada porque elas não mais eram obrigadas a trabalhar apenas para uma família, Bazzo (2016:01) explica: “Contudo, essa mulheres ex-escravas descobriam novas brechas, ampliando sua participação nas atividades de trabalho apesar de fortuitas, empregos flutuantes, trabalho temporário, domiciliar e subemprego como a lavagem de roupas)”. O mesmo ponto de vista é

proposto também por Neto (2005) Em sua tese “A condição social das lavadeiras em Salvador”, ele também discute como a colonialidade e o racismo foram fatores que influenciaram diretamente na forma como esse trabalho foi recebido quando se tornou uma prestação de serviços desvinculado da casa grande, até a nossa contemporaneidade, implicando numa identidade social construída sobre as lavadeiras a partir do olhar do outro, que consome o seu trabalho numa lógica ainda permeada por uma relação senhorial. A respeito desse passado, Neto nos conta que “a lida diária das lavadeiras era difícil. Ofício herdado do tempo da escravidão em que as escravas de ganho exerciam esta atividade fora das dependências do senhor, tendo que pagá-lo por essa “liberação”. (Ibid 2005:74). Por conseguinte, é possível delinear alguns aspectos que nos ajudam a remontar um pouco do perfil dessa trabalhadora e os percursos que foram necessários para o cotidiano de sua lida.

De cara já se apreende que a lavagem de roupas foi um ofício exercido majoritariamente por mulheres negras, mas, para entender como foi cunhada essa identidade da lavadeira de roupas é preciso atentar para algumas especificidades, que se relacionam com a dinâmica social, com a criação de papéis e estereótipos de gênero e raça no nosso território. Pesquisar sobre a história dessa profissão me fez reviver um pouco das histórias de minha própria família e perceber o quanto a existência de mulheres racializadas como eu, como a minha mãe e minhas avós, são entrecruzadas por questões muito semelhantes, que seguramente posso dizer que ainda são os ecos desse passado não tão distante, ressoando no que chamamos de presente. A partir de recursos imagéticos, e retomando o pensamento de Beatriz Nascimento, mencionado no capítulo anterior, reconstruir a paisagem colonial nos ajuda a visualizar quais eram as condições de vida e trabalho das pessoas daquela época. Por isso, não se deve perder de vista que a realidade tal qual conhecemos hoje tem um outro desenho, estamos imersos em tecnologias e construções que eram inimagináveis há 135, 150 anos atrás.

O ambiente da colônia era um cenário totalmente empobrecido, com habitações super precarizadas e de péssima qualidade, sem nenhum tipo de planejamento urbano, não havia nada parecido com saneamento, uma paisagem muito diferente do que vivemos hoje na contemporaneidade. Sobre isso, também vale salientar que a paisagem do lugar diz muito sobre a profissão, porque é a partir desse desenho que podemos mensurar um pouco das adversidades no cotidiano das lavadeiras, como exemplo mais básico, o acesso a água e a distância entre suas habitações e essa “beira de rio”. Outro ponto a se considerar, é que nesse período alguns dos costumes que são comuns hoje não existiam, a noção e a distinção entre espaço público e privado era diferente, praticamente não existia, não havia banheiros ou trancas de portas, e o acesso a

água era através das fontes naturais, Priore (2011) nos conta: “Instaladas em vilarejos sem arruamento, ali os animais domésticos pastavam à solta e havia lixo em toda parte. A água, esse bem mais precioso em nossos dias, só aquela de rios e poços ou a vendida em lombo de burro ou de escravos” (paginação irregular).

Os hábitos de limpeza e higiene pessoal também eram distintos das práticas do nosso tempo. A inexistência de insumos hoje considerados muito básicos, para viabilizar o trabalho da lavagem”, como o sabão, era uma realidade, e isso evidentemente dificultava ainda mais a labuta das lavadeiras. Mas, apesar dessas dificuldades, elas conseguiram elaborar alternativas para a realização de seu trabalho e recorreram a diversas técnicas para alvejar as roupas, dentre as quais o uso de plantas e sementes saponáceas para fabricar seus próprios produtos. Além disso, as batidas nas roupas, o corar (ou quarar) ao sol e até o uso de fezes de cavalo misturadas ao suco de limão eram recursos utilizados para limpar e fixar as cores dos tecidos de fibra de algodão (MONTELEONE, 2019).

Figura 11 – Blanchisseuses à la rivière. Jean-Baptiste Debret, 1768-1848. Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome deuxième. p. 69



Fonte: Biblioteca Nacional

De acordo com a autora, que apresenta dados extraídos da obra de Jean-Baptiste Debret, “*Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil*” e dos escritos de Gilberto Freyre em “*Sobrados e Mocambos*”, materiais de limpeza como o sabão somente foi popularizado no Brasil em meados do século XIX, figurando como artigos raros, por serem caros e importados. Por essa razão, as

famílias que dispunham desse tipo de artigo, também incumbiam as lavadeiras de fazerem o menor uso possível dele, obrigando-as a continuar com a prática de criar os seus próprios “instrumentos” de trabalho:

As maneiras de lavar a roupa variavam muito, de acordo com a região do país, e o sabão não era exatamente um produto abundante no Brasil. O que era feito aqui, caseiramente, geralmente tinha cor escura e cheiro ruim. Os sabões estrangeiros eram caros para a maioria da população.

(MONTELEONE, 2019:04)

Mais adiante, ainda no mesmo século, há um aumento no consumo do sabão, fazendo nascer uma indústria que, segundo Gilberto Freyre, tornou-se produção de grande maioria das fábricas do Império. A criação dessas alternativas pelas lavadeiras, a partir de processos que envolviam o conhecimento e o manejo de plantas, por exemplo, evidencia que uma gama de saberes tradicionais foram articulados por essas mulheres para que elas conseguissem criar estratégias que melhorassem minimamente suas rotinas de trabalho.

O que começa como um ofício ligado às famílias coloniais, com o processo de urbanização do país, transforma-se em um fenômeno urbano, não sendo raro observar mulheres nas ruas carregando grandes trouxas de roupas na cabeça. A evolução desse trabalho está intrinsecamente associada ao momento histórico em que o Brasil vive uma modernização, em dimensões urbanas e culturais, que tomam como modelos estéticos, artísticos, industriais e civilizatórios a principal capital europeia da época: a Paris do século XX (SIMIONI, 2014). Segundo Neto (2005) a roupa foi parte fundamental para sintetizar esse discurso moderno e higienizador, que ultrapassou as barreiras do privado, estendendo-se ao espaço público. Esse processo higienizador dos costumes implicou não só na mudança dos hábitos de vida, mas da paisagem e a consequente criação de modelos sociais a serem repudiados. As elites desenharam então um projeto de reordenamento da geografia urbana, dentro do qual os negros e pobres não estavam inseridos. Simultaneamente a esse acontecimento os papéis sociais da mulher, da família e da casa foram também fabricados. Nasce aí uma intensa propaganda dicotômica do ideal de mulher, instruída (mas nem tanto), educada, maternal e branca; ideal esse que torna mulheres negras trabalhadoras como o modelo de mulher a não ser seguido, apenas consumido, fenômeno que Lélia Gonzalez vai chamar de imagens de controle. Se a mulher ideal estava ligada aos valores e ao ambiente da casa, ocupando esse espaço tão cuidadosamente elaborado pela sociedade patriarcal, consequentemente a mulher negra recebeu além de todos os estigmas da escravidão, a carga pejorativa de ser marginalizada por ocupar o espaço público em busca de trabalho no momento em que era promovida uma limpeza étnica das ruas. Lavadeira era sinônimo de uma profissão exercida por mulheres pobres,

que em muitos casos trabalhavam em conjunto nas fontes de água que estavam distribuídas nos rios, chafarizes e canais da cidade (MONTELEONE, 2019). Isso nos mostra que enquanto a sociedade brasileira “evoluiu” à maneira moderna, simultaneamente as práticas racistas e sexistas cresceram e também evoluíram em seu íntimo. Estas violências, herança da colonialidade, foram responsáveis pela discriminação de mulheres negras em função do seu fenótipo, diminuindo drasticamente as oportunidades de empregos formais que elas não conseguiram acessar por imposições desses padrões eugenistas e brancos. Até esse ponto, é possível deduzir que a profissional lavadeira possuía uma identidade social negativa, por ter sido vítima de vários processos violentos que foram se acumulando, desde o abandono social até a deturpação de sua imagem associada a comportamentos imorais e chulos. Em contraponto é importante destacar que, apesar de todas essas implicações, as mulheres lavadeiras exerceram um papel fundamental na formação de suas famílias, sendo elas muitas vezes as únicas mantenedoras de seus filhos e de seu lar. Mesmo com uma lida muito pesada e deslocamentos difíceis, essas mulheres tinham de alguma maneira uma certa autonomia sobre o seu próprio trabalho, e quando lavavam nos rios, conseguiam estar mais próximas de suas crianças, levando-as junto consigo para trabalhar.

Ainda sobre essa identidade, outro aspecto nos interessa aqui: a disputa deste trabalho com as imigrantes brancas. Ao contrário da carga negativa que as mulheres negras duplamente carregaram, tendo seus corpos e sua existência marginalizada, as lavadeiras imigrantes tiveram esse ofício e suas tradições valorizadas, sendo vistas com bons olhos pela sociedade da época. Enquanto seus cânticos, sua vida e seus modos de fazer foram associados a dimensões culturais ligadas a manutenção da memória, as mulheres negras foram posteriormente vinculadas à depravação e à falta de moral (BAZZO, 2016:02). Monteleone ainda discute de forma muito pertinente uma segunda questão desse fenômeno. Com a difusão dos ideais abolicionistas, os senhores e as sinhás consideradas “progressistas”, ao continuarem ostentando suas escravas lavadeiras de ganhos, mucamas e amas de leite, foram gradativamente sendo mal vistas, o que levou a uma substituição das mulheres negras escravizadas pelas criadas brancas imigrantes, que recebiam pelo seu trabalho:

Marina Maluf lembra que “No espaço urbano, a identificação da condição social das camadas superiores podia ser feita na figura da mulher, que ostentava riqueza através das roupas, adereços, atitudes e gestos codificados pela moda” (MALUF, 1994, p. 188). Muitas vezes, nas visitas aos centros da cidade, as mulheres de elite iam na frente, seguidas por suas escravas, que também ostentavam símbolos de riqueza da família. Conforme a luta pela abolição da escravidão ganhava força – e passava a ser mal vista em determinados círculos sociais – a escrava negra dava origem a outro tipo de distinção social, a criada branca imigrante.

(Op. Cit., 2019 p. 2)

A mulher negra teve todas as suas forças exauridas no processo de estabelecimento da cultura paternalista e escravocrata no país. O tom de sua pele determinou seu nível de exploração e até hoje se reflete nas oportunidades, condições de vida e trabalho (como já mencionado no capítulo anterior). Enquanto nesse cenário de colônia, que era de grande precariedade e profunda violência, o colonizador, segundo Gilberto Freyre, se “misturou gostosamente” com as mulatas para lhe render mais força de trabalho (FREYRE, 2003:70) , uma instituição moral cresceu e se firmou como símbolo de soberania no nosso Estado e no restante do país: as famílias “tradicionais”. Segundo o próprio Freyre (1933), as famílias projetaram-se como os principais centros de poder, estendendo seu domínio à política, o chamado sectarismo. E como vimos, seu modelo foi amplamente difundido com a modernização e industrialização do Brasil. Se as famílias são as instâncias mais poderosas do país, sectaristas, herdeiras de riquezas construídas nas moendas e nos açóites dos engenhos, não é de se estranhar que o sistema legislativo, incluso o trabalhista, opere numa lógica de manutenção desses poderes, para regular o status de quem antes foi mais uma propriedade desses senhores.

Também não é raro perceber como os ideais supremacistas se perpetuaram e se refletem na nossa sociedade, principalmente nas relações de trabalho, em que mulheres negras formam o percentual que mais cedo ingressam no mercado, que mais tempo nele passam, que mais destina recursos à sua escolarização, o que menos tem retorno de sua profissionalização e o que mais sofre com desemprego (BENTO, 1995). Afora a qualidade de “bonita figura” que se repetia nos anúncios de vendas de escravas e evoluiu para um dos fatores mais excludentes de mulheres negras no mercado, a “boa aparência”. Todo esse passado compõe um cenário contemporâneo, nenhum pouco complexo quando consultamos os dados referentes à situação trabalhista da mulher negra na atualidade. Mesmo possuindo grau de especialização similar, o valor de sua hora de trabalho é 61% menor que a de um homem branco, exercendo a mesma função. Essa conta resulta mensalmente num montante em que as mulheres negras recebem apenas 32% do que recebem os homens brancos (ABRAMO, 2006).

Não é segredo, nem novidade que há muito sexismo e patriarcalismo envolvido na história da colonização, bem como também é sabido por todos que na luta por direitos básicos, a mulher negra foi a última a ser considerada uma pessoa, sofrendo violências que partiam de seus próprios companheiros até das mulheres feministas brancas. Cabe falar sobre a relação que se estabeleceu aqui entre senhoras brancas e escravizadas do lar. Relação essa que foi guiada sobretudo pela lógica racista e violenta do sistema escravocrata, a semelhança de gênero não fez nascer de

maneira significativa o sentimento de compaixão das brancas senhoras para com as mulheres negras; pois elas também infligiram a dor do trabalho compulsório às mulheres negras escravizadas, tal qual fizeram os homens brancos (hooks, 2019). Essa lógica ultrapassou tempo e espaço, e até o presente, essas senhoras continuam a explorar a força de trabalho das mulheres negras; que continuam sendo suas babás, suas mucamas, sendo submetidas a situações que de tão dolorosas chega a ser impossível de adjetivar, como aconteceu com a Sra Mirtes Renata, que perdeu seu filho Miguel por pura maldade de sua ex patroa, Sari Corte Real. Na realidade de uma lavadeira, essa peculiaridade incidia diretamente sobre a precificação e negociação de seu trabalho, e até nas condições que ela teria para realizá-lo. Como forma de manter as negociações verticais e baratear os preços das lavagens das trouxas, ao conversar com uma lavadeira não é raro ouvir histórias de patroas que lhe ofereceram um “agrado”, uma prática tipicamente colonial. Da mesma maneira que o colono oferecia bugigangas para as negras numa tentativa de induzi-las à prostituição de seus corpos como forma de dominação, o agrado era oferecido pelas patroas como uma estratégia de manutenção de subserviência:

A exploração do trabalho da lavadeira salta aos olhos quando elas falam do agrado. A freguesa, eventualmente, compensa o baixo pagamento dando alguma roupa ou utensílio usado, adiantando parte do dinheiro, dando algum gênero alimentício ou mesmo comida. Esta forma de socorrer situações de emergência normalmente inibe a lavadeira na reclamação de seu justo pagamento. Na verdade, o agrado funciona como uma forma sutil e eficaz de exploração”.
(Cadernos do CEAS, 1986: 28)

As práticas desenvolvidas na sociedade colonial perduraram com sucesso relativizando os efeitos da exploração do trabalho compulsório no nosso país, de uma forma que há um legado da escravidão apenas para as pessoas negras, um legado que vai da desqualificação profissional à violência física. Paralelo a isso pouco se discutiu com consistência sobre a herança escravocrata da parcela branca da nossa população, como se o nosso passado fosse formado apenas por escravizados traficados (BENTO, 1995) que se auto violentaram.

Sobre a origem da profissão estar historicamente ligada aos rios, e também a uma movimentação dentro de um território, a criação de insumos alternativos, aos cantos e a modos de fazer específicos desse ofício, há uma relação temporal e de perpetuação de memórias e saberes que foram transmitidos a partir das trocas, muitas vezes intergeracionais, iniciadas principalmente na época em que a lavagem ribeira ainda era a única forma de se trabalhar próximo a fontes de água abundantes (SILVA, 2005):

“Não há, especificamente, um mito ou uma explicação qualquer sobre o surgimento desse modo de lavar roupas ou engomar, sabe-se apenas que cada uma aprendeu com

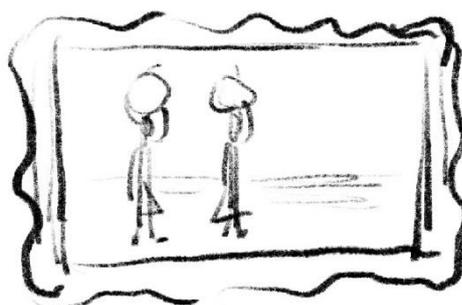
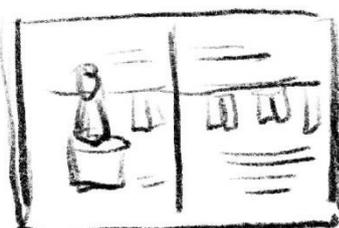
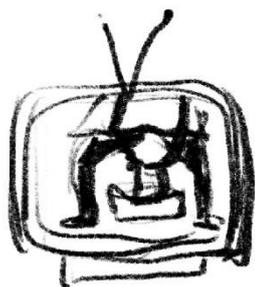
outra lavadeira mais velha, quando eram adolescentes - a maioria começou a ser lavadeira ainda na adolescência. No entanto, há um conhecimento que é perpetuado, não se sabe quem o inventou (...)
(REGO, 2014: 32)

Monteleone (2019) nos conta sobre a disputa pelas fontes de água terminarem muitas vezes em brigas, levando a uma associação das lavadeiras a comportamentos agressivos e “impróprios”. Bazzo (2016) também discorre sobre esse mesmo aspecto, mostrando ainda a evolução da imagem da mulher lavadeira na mídia televisiva, que inicia como uma expressão chula, assumindo contornos sensuais e eróticos com o passar do tempo, que exploraram sobretudo o estereótipo sexual da mulata. Embora a pesquisa de Neto se utilize de narrativas ficcionais, no recorte temporal da década de 30, revela ainda condições de vida e de trabalho muito precários. Meio século depois, na década de 80, a situação dessas mulheres ainda permaneceu a mesma, como se evidencia na seguinte passagem:

“O assunto mais falado, nas conversas de lavadeira é o preço da trouxa. O que as freguesas pagam mal cobre as necessidades mínimas de sobrevivência e, como há uma diferença considerável de preços entre as trouxas, mesmo aquelas com o mesmo número de peças, o problema se presta muito para se descobrir o que está por trás do trabalho de lavar”.
(Cadernos do CEAS, 1986:23)

É nesse período também que nascem os primeiros indícios de cooperativas e associações de lavadeiras em Salvador. Segundo aponta a pesquisa do CEAS, as lavadeiras começam a se perceber enquanto categoria trabalhista e iniciam um movimento de “reuniões”. Sugerindo uma homogeneidade no desenvolvimento da atividade de lavadeira. Na comunidade onde eu moro (Alto do Pascoal) e em comunidades vizinhas como Casa amarela, e o bairro dos Bultrins em Olinda, foram palco de movimentos semelhantes. Aqui houve a formação de um sindicato de lavadeiras, nos outros lugares houve a formação de cooperativas.

De acordo com as fontes pesquisadas podemos concluir que o perfil desse grupo, trata-se majoritariamente de mulheres negras, empobrecidas, que tiveram poucas ou nenhuma oportunidade de ingressar no mercado formal de trabalho, por todas as questões que atravessam a existência de uma mulher negra neste país. Isso nos leva a refletir também as condições de mulheres que até o presente continuam trabalhando como lavadeiras. É provável que elas ainda enfrentem problemas antigos, como a baixa remuneração de seus serviços e até problemas de pele, e doenças nas unhas e nos dedos, devido ao contato com materiais de alta toxicidade e o acúmulo de cansaço e outras doenças no corpo, devido ao trabalho extremamente extenuante.



A REPRESENTAÇÃO DE
MULHERES LAVADEIRAS
NAS ARTES VISUAIS

5. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES LAVADEIRAS DE ROUPAS NAS ARTES VISUAIS

Alexandro de Jesus em seu livro “O Corupira: Mau encontro, tradução e dívida colonial” nos conta que a Europa fundou a sua tradição cultural a partir da tradução, e da legitimação dessa prática como uma atividade que primeiro foi desenvolvida em solo europeu. Para ilustrar seu pensamento, ele apresenta a carta do jesuíta José de Anchieta, e argumenta que a descrição dos eventos da vida indígena a partir da ótica do colonizador implicou na redução da força, na desterritorialização e demonização, não apenas do Corupira, mas de suas práticas, sejam cotidianas ou litúrgicas. O autor baseia seu ensaio a partir da análise desses registros escritos que foram considerados os primeiros documentos do nosso país, e como a tradução diz muito sobre um lugar que a Europa instituiu a si mesma de detentora das primeiras narrativas sobre o mundo:

Porém, uma vez disposto, o traço-escrita se fez para as forças, o começo de seu descaminho enquanto um próprio. E o que essa percepção descobre é o protocolo através do qual a experiência colonial manifesta seu inteligível: sua precipitação acontece quando se decide, na ocasião de um mau encontro que já se de-mora, sobre o poder que se dá a uma língua ou idioma, de dizer o mundo e a experiência primeiro ou antes na linguagem. Sobre a produção dessa anterioridade, devo ponderar e esclarecer. É de se considerar que não se tratou de qualquer cultura impondo aos Brazis, a tradução sob a Lei da anterioridade, mas daquela que se constituiu, como demonstrou Meshonic, “na” e “pela” tradução, e pela sua operação posterior de apagamento do rastro tradutório

(...)

Poder-se-ia mesmo dizer da cultura europeia, que ela está desde seu começo assentada sobre esse recalque.

(Op. Cit. , 2019, p. 25-27)

Também é sabido que a tradução foi uma característica muito presente nas primeiras formas de artes desenvolvidas no nosso país durante o início da colonização. Há quem ainda considere que o barroco é a gênese da arte brasileira, como se não existisse em nosso território formas e linguagens outras, diferentes do regime da pintura e da escrita, já criadas pelos povos nativos antes da invasão. O que quero dizer com isso é que a produção artística que por muito tempo foi considerada basilar no campo das Artes Visuais no Brasil foram obras também criadas a partir do olhar do colonizador, que se serviu do desenho e da pintura figurativista como formas de registros visuais da paisagem e dos tipos humanos que caminharam por aqui. Não apenas o texto escrito se converteu em pulsão de colonialidade, mas os textos visuais também. Por essa razão considero que parte fundamental de uma reflexão sobre as diversas formas de registros grafados é buscar entender sob quais condições eles foram criados e quem os produziu, ver através dessas lentes nos mostram, por exemplo, a grandiosidade das obras de Rosana Paulino, Maria

Auxiliadora, Rubem Valentim e da escrita de Conceição Evaristo, Eliane Alves Cruz, Itamar Vieira Jr e tantos outros.

Se usarmos essas perguntas para estabelecer algumas análises dentro do que se convencionou chamar de história das artes, por consequência, muitas outras podem aparecer. No meu caso, as principais inquietações dizem respeito não somente a quem esteve no lugar de autoria das várias imagens que foram sacralizadas e atravessaram o tempo, mas também, de quem é que teve, nessa linha do tempo desigual, o poder de se autorrepresentar. Pensar sobre esse regime de produção das imagens e sua difusão (não se limitando apenas a imagens estáticas), seja na contemporaneidade ou no passado, abre espaço para uma leitura bastante complexa sobre a sociedade, que nos permite penetrar em camadas sensíveis que vão desde os padrões de gosto até a construção de estereótipos. E isso não se trata apenas de reivindicar pessoas como eu nas propagandas e imagens veiculadas na TV ou na internet, mas de reivindicar que pessoas negras tenham o seu devido lugar de autoria reconhecido, tendo suas artes e criações legitimadas como registro e documento, sem que elas estejam mais uma vez subjugadas a uma atualização do que foi no passado a tradução.

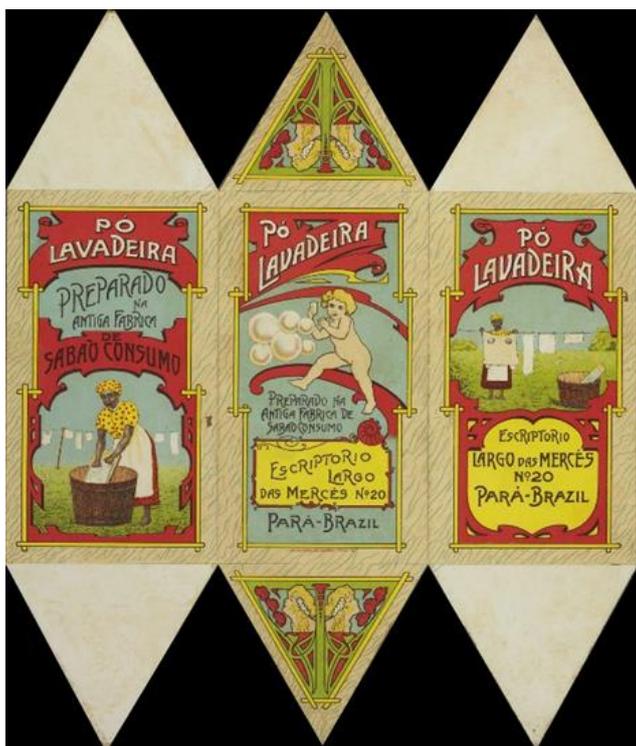
5.1 LAVADEIRAS NAS IMAGENS PUBLICITÁRIAS

A sinhazinha Maricota dizia que muitas pretas se vestiam mais lindas que muitas sinhás e que eram bonitas em seus turbantes e pulseiras, vendendo toda sorte de comidas e coisas pelas ladeiras e ruelas. Ela contava também das igrejas adornadas com ouro e prata e santos lindamente entalhados. Adônis ouvia tudo pacientemente, mas não tinha esse mesmo desejo.

(Eliana Alves Cruz - Água de Barrela)

Desde 2019, quando iniciei as primeiras pesquisas com a temática da profissão lavadeiras de roupas, tive contato com alguns arquivos de imagens disponíveis em meios digitais, em plataformas como o acervo online da Biblioteca Nacional e a Villa digital da FUNDAJ. Ao fazer uma seleção das imagens que encontrei, percebi que a maioria delas são de dois gêneros distintos, a fotografia e artes gráficas como a litogravura, o desenho também aparece nos arquivos. Dentre esses registros, a imagem publicitária também apareceu como resultado e foi uma delas que mais me chamou a atenção, era uma embalagem de “pó de lavadeira”, algo como o sabão em pó de nossa época, e a maneira como a trabalhadora é representada neste produto me chamou atenção pois ela nos informa sobre o lugar social que a mulher lavadeira ocupava naquele momento, ou pelo menos o que tentaram nos convencer que era. A imagem em questão é a seguinte:

Figura 12 - Pó Lavadeira preparado na antiga fabrica de sabão Consumo, Escritorio Largo das Mercês, Pará-Brazil.



Fonte: Biblioteca Nacional

Embora não haja a precisão da data de fabricação, alguns elementos visuais nos permitem identificar que se trata de um produto criado no século XX, em meados da década de 1920 ou 1930, pela influência da Art Nouveau¹ em sua estética. Suas figuras sintetizam de forma muito objetiva, além do tom de modernidade, a quem se destina esse produto e como esse trabalho de maneira geral acontecia. A lavadeira é uma mulher negra, realizando o que se espera de sua atividade laboral, de avental e com lenço na cabeça, essa também é uma imagem visual muito recorrente ao lembrarmos de uma ama de leite. Mesmo a essa altura tendo sido a escravidão uma prática já “abolida”, essa imagem nos revela o quanto ela continuou associada a esse trabalho a partir do modo como essa mulher está representada nesta embalagem. A figura de aparência infantil que brinca com as bolhas não é alva à toa, a brancura representava, como ainda hoje

¹ Expressão típica do espírito modernista europeu, fenômeno tipicamente urbano que nasce nas capitais e se difundiu para o interior. Independentemente das variações de tempo e espaço, o Art Nouveau tem certas características constantes: 1) a temática naturalista (flores e animais); 2) a utilização de motivos icônicos e estilísticos, e até tipológicos, derivados da arte japonesa; 3) a morfologia: arabescos lineares e cromáticos; preferências pelos ritmos baseados na curva e suas variantes (espiral, voluta etc.), (ARGAN, 2016:199). E é justamente neste último aspecto que se evidencia a referência a este estilo na embalagem do sabão consumo “Pó de lavadeira”.

representa, a limpeza. Um ideal de limpeza e higiene que relaciona a brancura à pureza, qualidade que também costumamos atribuir a crianças. Como contraponto desta imagem trago uma propaganda de 1920, do sabonete Vizella, que prometia curar as doenças de pele:

Figura 13 - Embalagem de sabonetes da marca vizella, datados de 1920



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/628181848004138408/>

Desnecessário dizer que imagem e texto disseminaram de maneira muito objetiva a ideia de que a pele escura está associada a doenças, que as três crianças negras foram representadas com seus corpos animalizados e caricaturados, e que suas faces se assemelham muito a uma sorte de personagens racistas de black faces criadas na modernidade e difundidas massivamente nos diversos meios de comunicação.

Para seguir adiante preciso fazer algumas considerações relativas à seleção das próximas imagens e o modo que escolhi para realizar minhas leituras. Considerando que a imagem também é um documento histórico, repleto de informações, interpretando seus traços compositivos e iconográficos é possível descobrir conteúdos muito mais profundos do que as formas objetivas que estão presentes na composição (BORGES, 2022: 207). A partir das relações de cor, forma, posicionamento e incidência de elementos, é possível perceber alguns padrões que se repetem

quando o motivo da cena é o mesmo. Selecionei imagens de pelo menos três gêneros diferentes, propaganda, litografia e desenho, para analisar o que Ana Mae Barbosa [19--] chama de “discurso visual” .

Utilizei como base para produzir as seguintes leituras o método de análise de imagens fixas do pesquisador André Melo Mendes (2019), que divide o processo em dois momentos principais, de caráter objetivo e sintético, que se usados de forma cuidadosa para a interpretação do que está posto, nos é revelado o significado oculto presente nas imagens:

O primeiro momento tem um caráter analítico, já no segundo momento predomina o caráter sintético. Como se pode perceber, nesse método, a síntese interpretativa (segundo momento) tem como importante referência as informações e especulações produzidas na fase analítica (primeiro momento). Dessa forma, no estudo de uma imagem devem ser considerados não apenas seus aspectos formais e suas relações com o contexto histórico na qual essa imagem foi produzida e está inserida, mas também o diálogo com outras imagens da História da Arte e da História da Cultura (primeiro momento), esse cuidado contribuirá muito para a produção de uma interpretação consistente sobre essa imagem (segundo momento). Nessa estrutura, a “legitimidade” das afirmações e reflexões do momento sintético está ancorada principalmente no momento analítico (objetivo). Na etapa analítica são consideradas as qualidades formais dos signos, o contexto histórico no qual estão situados e quais as representações mais estáveis associadas aos elementos constitutivos da imagem, verificando se, nesse novo contexto, os sentidos tradicionais permanecem ou não. Mesmo nesse momento “objetivo” já está presente um certo grau de subjetividade – por se tratar de uma interpretação, na qual o analista deve identificar o que as qualidades formais dos signos podem sugerir.
(Ibid, p 21)

Também saliento que adequiei a proposta a forma que considere mais eficiente para este trabalho, não seguindo o modelo de tabulação das informações, mas sim, apresentando-as em texto corrido. Outro ponto a ser observado é que as imagens de campanhas publicitárias aqui presentes fazem parte de um recorte histórico do Século XX, e correspondem ao período de 1920 a 1970, e que há uma diferença significativa entre as obras de arte e as imagens de propagandas porque o conteúdo publicitário é discursivamente mais direto e “convencional”, segundo Mendes:

Em imagens jornalísticas e de propaganda a existência desses códigos é de mais fácil determinação, tendo em vista que se tratam predominantemente de imagens argumentativas. As imagens argumentativas são planejadas para afirmar apenas uma única ideia e essa afirmação é reforçada pelo uso de várias redundâncias, de modo que o leitor a entenda e seja convencido a concordar com ela – este é o caso das imagens publicitárias.
(op.cit, 2019, p.28)

A seguir temos dois grupos principais de imagens (A e B), ambos são propagandas de produtos de limpeza, que geralmente aparecem direcionados diretamente para lavadeiras, em diferentes épocas. Num primeiro momento farei uma descrição mais objetiva dos elementos visíveis, como

etapa do processo que Mendes nomeou de analítico, até chegar na segunda fase chamada de análise sintética.

GRUPO A



Imagem 1 - Sabão Lanolina, Ano de 1925

Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2021/03/sabao-em-po-lavolina-1925.html>



Imagem 2 - Sabão Minerva, ano de 1944

Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2021/10/sabao-minerva.html>



Imagem 3 - Sabão rinso, final da década de 1950
Fonte: <https://www.saopauloifoco.com.br/historia-do-rinso/>

Nas três imagens encontramos algumas semelhanças que podem nos indicar um certo padrão. As três tratam-se de propagandas de sabão, as duas primeiras imagens são ilustrações, enquanto a última parece ser uma fotopintura. Há também uma semelhança nas roupas que elas usam, ambas estão com vestidos de botão, as duas primeiras estão com a cabeça coberta, em dois casos a padronagem da estampa da roupa também é a mesma. Na foto da década de 1950 essa característica, somada ao penteado da figura feminina, nos oferece alguma informação sobre a moda da época. Todas estão trajadas com avental, e aparecem em poses que deixam a sua felicidade em evidência, “alegria” e “satisfação” também aparecem como sinônimos dessa expressão nas ilustrações. Na imagem 1 e 2 as fontes usadas para os nomes dos produtos aparecem sempre em caixa alta, e com um contraste maior que os outros elementos dos cartazes, em contrapartida, na imagem 3, a própria caixa do produto está amostra, competindo em relação de tamanho com a frase “Alegria no tanque!”, que só não recebe mais atenção por ter menos contraste. Um detalhe que também considero importante observar é que nestas imagens existem informações que expressam uma certa preocupação com a segurança do produto: “Lava, alveja e desinfecta a roupa sem bater e esfregar”, “Não estraga as mãos”, “Lavar com metade do trabalho”, são mensagens muito diretas. Em suma, há quatro categorias que identificamos objetivamente, de acordo com a hierarquia das informações, assim que visualizamos as imagens:

1. O nome dos produtos - sempre em maior contraste;
2. A figura das lavadeiras com roupas e atitudes características;
3. As qualidades do produto - segundo elemento de maior contraste;
4. Frase de efeito com conteúdo convencional.

No grupo B, considere como imagem 4 a figura de número 12, já citada nas laudas anteriores, pois ela faz muito sentido para esse momento da análise. Vejamos as propagandas de produtos que tem mulheres negras em suas composições:

GRUPO B



Imagem 5 - Sabão em barra Portuguese, 1930-1940.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/historia/acervo-globo-ganha-secao-de-propaganda-14827932>

Grande notícia para quem lava e para quem veste:

Madame! até agora a senhora usava um produto para lavar a roupa e outro produto para tirar as manchas da roupa. De hoje em diante, a senhora pode matar os 2 coelhos com um Viva só: o Viva Nova Fórmula juntos na mesma caixa a força dos detergentes com a força das enzimas. O resultado dessa união não é mais um lançamento de detergente em pó no mercado, é uma revolução. E como toda revolução, mudamos de canal e somamos a receptor com as velhas estruturas.

Portanto, sempre com os detergentes sempre, com os biões, com tudo aquilo que o Viva Nova Fórmula deixou para trás. Esta é a palavra de ordem para a senhora e para sua lavadeira: construir, sobre montanhas de calças vazias de sabão em pó, um futuro mais limpo e sem manchas. Patrões e empregadas do mundo, nada temos a perder, a não ser as nossas gralhas!

Chegou VIVA com ENZIMAS!

Nova Fórmula!
VIVA
agora também com enzimas!

a força do VIVA contra a sujeira! a força das enzimas contra as manchas!

Imagem 6 - Sabão Viva, 1970.

Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2020/05/sabao-em-po-viva.html>

Novamente aqui se repete o padrão da vestimenta das lavadeiras, um vestido de botão, avental e pano na cabeça. A mulher negra que aparece na embalagem do sabão português parece ter tido suas expressões faciais copiadas da ilustração do sabão minerva de 1944, entretanto, a dramaticidade das sombras colocadas sobre seu rosto tornam ainda mais efusivas e caricatas as suas expressões. As duas propagandas são econômicas em adornos, destacando o nome dos produtos em caixa alta, ao contrário da Imagem 4 que é rica em cores e detalhes, em nenhuma delas há informação sobre o produto ser menos abrasivo para as mãos ou algo parecido. Duas coisas perfeitamente notáveis nas imagens 5 e 6 - as mulheres negras que aparecem nas propagandas estão tuteladas por mulheres brancas, como “suas senhoras”, e são elas que além de falar por essas mulheres, atestam a qualidade do produto, mesmo não sendo elas as trabalhadoras, isso me remete muito aos escritos de Lélia González sobre as mulheres negras terem sido infantilizadas a ponto não ter sua autonomia respeitada. Há uma certa satisfação em aparecer desse jeito nas expressões faciais das patroas, como se essas relações fossem pautadas numa harmonia. A imagem 4 é colorida, cheia de detalhes e parece ser a que tem um acabamento mais refinado em sua embalagem. Note que diferente da lavadeira que aparece de corpo inteiro e calçada (Imagem 1), a lavadeira da Imagem 4 aparece descalça e sendo flagrada em um momento de trabalho contínuo, ambas as imagens estão localizadas no mesmo período histórico, entre meados de 1920 a 1930.

As mulheres brancas aparecem assumindo um papel de “donas” das lavadeiras, e esse caráter se intensifica na imagem 6, visto que a “patroa” também faz parte do anúncio, e aparece acompanhada de sua lavadeira, que está atrás dela. Esse quadro compositivo nos informa sobre o tipo de relação e as posições sociais que elas ocupam, a “madame” sentada sintetiza na sua pose e no seu olhar tudo de mais senhorial que existe, enquanto a trabalhadora negra está num lugar muito bem-marcado de subserviência. Na Imagem 5 a maneira como a barra do sabão está posicionada muito próxima a “madame” também é bastante sugestiva, pode parecer que está sendo segurada, não fosse seu tamanho desproporcional para figura da patroa. Neste grupo, os elementos que mais se sobressaem de acordo com a hierarquia que estão dispostos são os seguintes:

1. Frases de efeito com conteúdo convencional - aparecem com contraste mais forte do que os próprios nomes dos produtos;
2. Lavadeiras negras representadas ou de maneira caricata ou de forma que evidencie a sua subserviência;

3. Apesar da diferença que estão colocadas, em ambas as imagens existe uma figura branca para criar uma relação de contraste com o corpo preto, neste caso me parece que para acentuar ainda mais o pensamento de branquidão como sinônimo de limpeza;
4. Os nomes dos produtos também apresentam contradições dentro das composições.

Importante observar que os produtos do primeiro grupo de imagens têm nomes predominantemente femininos, talvez numa tentativa de feminilizá-los, e nas imagens que as mulheres negras estão na capa não constam informações relacionadas a uma certa segurança ou diminuição do trabalho empregado. Na imagem 6 existe um pequeno texto que pode passar despercebido por sua fonte ser minúscula se comparada a chamada do produto, o texto é o seguinte:

“Grande notícia para quem lava e para quem veste:

Madame: até agora a senhora usava um produto para lavar a roupa e outro produto para tirar as manchas da roupa. De hoje em diante, a senhora pode matar os 2 coelhos com um Viva só: o Viva Nova Fórmula juntou na mesma caixa a força dos detergentes com a força das enzimas. O resultado dessa união não é mais um lançamento de detergente em pó no mercado, é uma revolução. E como toda revolução, madame, ela convida a senhora a romper com as velhas estruturas. Portanto, rompa com os detergentes comuns, com os bios, com tudo aquilo que o Viva Nova Fórmula deixou para trás. Esta é a palavra de ordem para a senhora e para sua lavadeira: construir, sobre montanhas de caixas vazias de sabão em pó, um futuro mais limpo e sem manchas. Patroas e empregadas do mundo, nada tendes a perder, a não ser os vossos grilhões.”

O texto só enfatiza as leituras feitas anteriormente a partir dos discursos visuais supracitados. É um recado direto para a “madame”, que não usa, mas que compra o produto. Entendo essa abordagem como uma maneira de invisibilizar o trabalho da lavadeira, que passa a existir como um objeto da patroa algumas linhas depois - “Esta é a palavra de ordem para a senhora e para a sua lavadeira”. A palavra “revolução” também se repete várias vezes dentro do anúncio, creio que para se fixar como um sinônimo de novidade e como uma menção ao momento político vigente, que insuflou a ditadura como um ideal revolucionário. O final não poderia ser mais irônico ao associar grilhões com a profissão doméstica, dispensa qualquer comentário.

Finalizada a primeira etapa, e diante da quantidade de informações contidas nos grupos de imagens, é possível delimitar o que Mendes (2019:27) chama de “conteúdo oculto” a partir das redundâncias percebidas, este processo faz parte da etapa que ele denomina como “percurso subjetivo” (de caráter sintético).

É interessante destacar que dentre os vários sentimentos que as imagens das lavadeiras negras

me provoca, o sentimento de familiaridade também coexiste porque os estereótipos de raça e gênero formados a partir destes desenhos foram replicados e difundidos largamente nos vários tipos de mídias de entretenimento produzidas do nosso país. Não é à toa que as repetições já mencionadas foram muito bem articuladas para que houvesse a criação de um padrão em que a figura da lavadeira negra fosse associada diretamente a uma figura de cuidado, que também nos remonta muito a figura das amas de leite. Basta recordar o “clássico” sítio do picapau amarelo, que ajudou a popularizar e fixar no nosso imaginário estereótipos racistas sobre pessoas negras mais velhas, como a figura do Tio Barnabé e a Tia Anastácia.

Figura 14 - Dona Benta e Tia Anastácia, entre 1977 e 1989

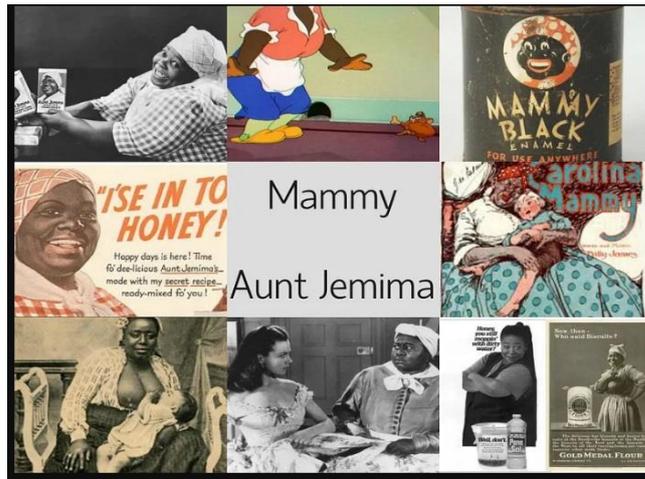


Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Nast%C3%A1cia

Também não é coincidência que as lavadeiras negras e a Tia Anastácia sejam semelhantes ao estereótipo norte-americano da “Mammy”². Mulher negra retinta, geralmente corpulenta, que aparece sempre com a cabeça coberta por um lenço e que cumpre o papel de cuidados da casa e dos filhos dos brancos de quem ela é ama, cozinhar e distribuir afeto também fez parte de suas funções. Tia Anastácia fazia a mesmíssima coisa, porque não ironicamente foi inspirada na ama do filho do autor.

² Para entender melhor a complexidade dessa figura, indico o texto “Nanny: Pilar da amefricanidade” de Lélia Gonzalez.

Figura 15 – Várias reproduções do estereótipo da Mammy nos meios de comunicação



Fonte: <https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7e7bfe3dbf6>

As propagandas que trazem lavadeiras brancas estampadas, além de comunicar outras mensagens, também assinalam mais informações. Não só havia uma diferenciação explícita pelos códigos visuais em relação ao tratamento, mas a figura da lavadeira branca da década de 1950 (Imagem 3) aparece com um aspecto não mais de trabalhadora, mas de dona do lar. Na imagem a seguir é possível notar semelhanças entre a garota propaganda do sabão rinso e a mãe de família que é representada na propaganda da margarina saúde (1951):

Figura 16 – Estereótipo de “mãe de família” reproduzidos em propagandas da década de 1950



Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2019/08/margarina-saude.html>

Fica evidente a partir do exposto, que o conteúdo oculto (nem tão oculto assim), contidos em todos os textos visuais citados até aqui, e que foram veiculados pela publicidade e propaganda no século passado, ajudaram a reforçar através de imagens, estereótipos de gênero e raça em que as mulheres negras são subalternas e mais afeitas ao trabalho e ao cuidado dos outros. No próximo tópico farei análises de algumas imagens mais antigas, na realidade, de imagens que junto a outras fazem parte do conjunto das primeiras obras de caráter documental produzidas por estrangeiros no nosso país.

5.2 AS LAVADEIRAS NAS GRAVURAS E DESENHOS

As imagens que foram selecionadas para esta seção datam do Século XIX, sendo a mais antiga produzida pelo pintor Debret em meados de 1834. Resolvi agrupá-las de maneira que as quatro primeiras (Grupo C) inserem a figura das lavadeiras em cenários ribeiras, e as outras (Grupo D) nos mostram algo muito próximo do que pode ter sido as primeiras lavagens “domésticas”, nos quintais das casas nos engenhos e fazendas. Seguirei fazendo a análise objetiva das imagens, buscando entender como essa mulher lavadeira era percebida a partir do lugar que lhe foi dado dentro dessas representações, imagens essas que receberam por muito tempo o estatuto de documento histórico da vida e dos costumes do nosso país.

GRUPO C



Imagem 1 - Perto da propriedade de Jundiçara no distrito de Ubatuba. Benjamin Mary. Litografia, 1836.

Fonte: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1323784/icon1323784.jpg

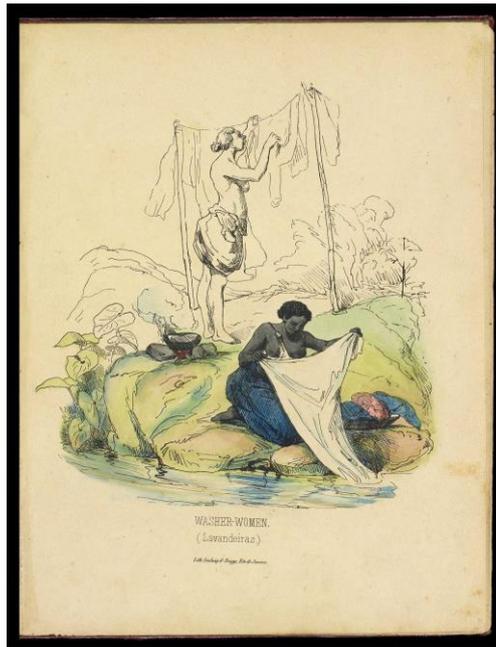


Imagem 2 - Washer-Woman (lavadeiras). Litografia, 1845.

Frederico Guilherme Briggs

Fonte: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon70370/icon70370_28.jpg
litografias - 1845



Imagem 3 - Beach sunes at Santarem , James Wells Champney. Desenho, 1860. in Travels in the north of Brazil.

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon359368/icon359368_05.jpg

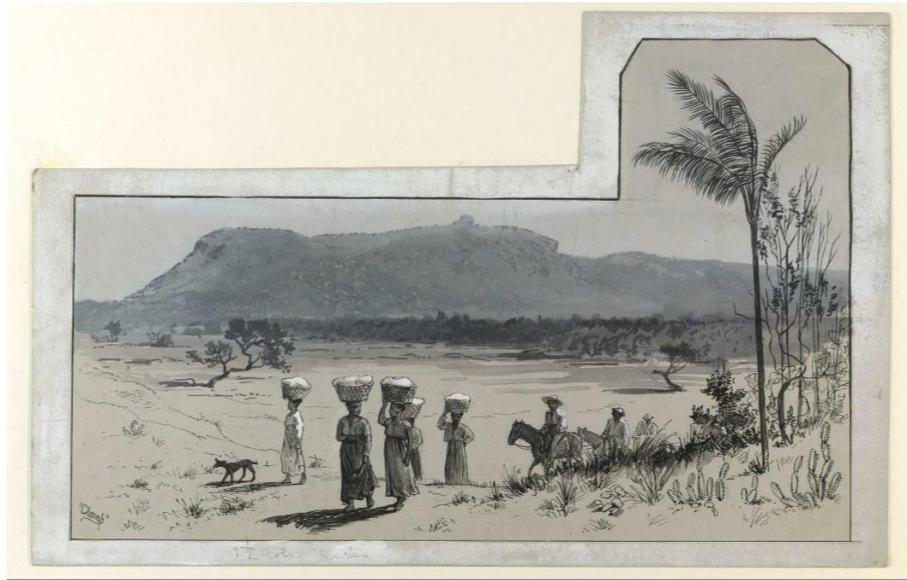


Imagem 4 - The Serra of ERE. James Wells Champney, 1860. in Travels in the north of Brazil. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon359368/icon359368_05.jpg

GRUPO D

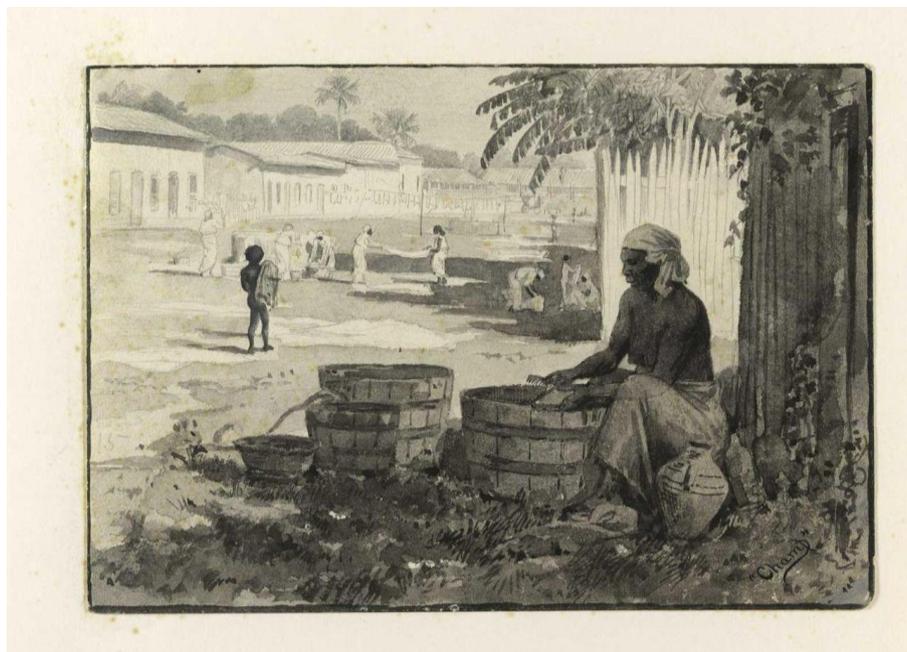


Imagem 5 - The Washerwomen - James Wells Champney, 1860. in Travels in the north of Brazil. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon359368/icon359368_05.jpg



Imagem 6- Intérieur d'une habitation de ciganos

Jean-Baptiste Debret in *Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome deuxième*, p.26.

Fonte: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393053/icon393053_094.jpg publicado entre 1834-1839

A primeira imagem é do ano de 1936, de um artista belga chamado Benjamin Mary. Na imagem vemos uma lavadeira de roupas executando seu trabalho numa mesa de apoio junto com uma bacia, no meio do rio. O maior destaque é para a exuberância da natureza e a diversidade de plantas, que neste caso parece uma vegetação densa e selvagem. A técnica utilizada é litografia, e apesar de parecer um desenho com bico de pena, este tipo de gravura tem como matriz uma pedra. A escolha especificamente dessa técnica, no meu ponto de vista, tem a ver com algumas questões: primeiro, ressaltar o virtuosismo do artista na referida técnica, o interesse explícito pelo naturalismo visto que a imagem é rica em detalhes de texturas em sua vegetação, e secundamente, fazer quantas cópias fossem necessárias para a imagem, pois foi criada numa técnica de reprodução de múltiplos. A cena me parece muito idílica, uma visão romantizada do que era o trabalho de uma lavadeira no rio. A mesa como suporte de apoio pouco corresponde a relatos reais de mulheres que trabalharam com lavagem ribeira. A escala que o artista escolheu representar a mulher ressalta o tamanho da vegetação, faz com que essa mulher pareça mesmo pequena diante da exuberância da natureza, e também faz parecer que esse momento foi

capturado por uma pessoa que estava ali observando a espreita. Apesar da vegetação ocupar mais de dois terços da composição, a posição em que ela está, quase no centro da linha de terra, e o fato dela ser o único elemento humano da composição, faz com que ela receba atenção de quem observa, embora toda a composição seja dedicada à representação da flora.

Na segunda imagem as mulheres estão no que seria a várzea de um riacho, enquanto uma lava a outra estende a roupa. No canto esquerdo, muito próximo aos pés da mulher que está no varal, há algo parecido com uma pequena fogueira entre pedras e fumaça, talvez fosse um dos processos para o preparo da água de barrela. Apesar de ter uma espécie de gamela com as roupas, não vemos a presença de produtos para a realização da lavagem ou de qualquer outro material que ajude a esfregar e limpar. Outra coisa que chama a atenção é que as mulheres estão descalças e com seios à mostra, o que nos leva a considerar também a condição de precariedade e vulnerabilidade de seus corpos. Um dado interessante é que a imagem em questão faz parte de um livro publicado no ano de 1845, em que o pintor carioca Frederico Guilherme Briggs chamou de “Brazilian Souvenir - A selection of the most peculiar costumes of the Brazils”, em tradução livre “souvenir brasileiro - uma seleção dos trajes mais peculiares do Brasil”. Eu diria que “costume” aqui assume o mesmo sentido de “cenas”. Este livro contém cerca de 40 ilustrações, onde o autor registrou através do que parecem ser desenhos aquarelados (embora nas especificações do acervo conste litografia), uma série de tipos de pessoas e comportamentos comuns daquela época, além da ilustração das washer-women, outras mulheres e homens negros aparecem em cenas de servidão, de trabalho e de castigo³. Todas seguem este mesmo modelo da imagem acima, uma composição no centro da folha, um desenho que parece ter sido feito rapidamente, a personagem principal que dá nome a imagem leva cor e seu título em português e inglês aparece posicionado na base do desenho. Repetidamente as pessoas negras aparecem associadas a palavras/costumes negativos e de subserviência.

A imagem 3 data de 1860, e parece um desenho em formato de rascunho. O título foi escrito dentro da própria imagem e há outras inscrições incompreensíveis mais acima. Aqui é possível observar mulheres negras realizando várias atividades na margem do rio Santarém, dentre elas a principal atividade que recebe um destaque maior na composição são os banhos em crianças brancas. Também se nota ao fundo, no canto superior direito, uma mulher e uma criança se livrando do sol, e próximo a elas algumas peças de roupas secando no chão enquanto outras mulheres lavadeiras estão com as mãos dentro de bacias. Elas também dividem espaço com pequenas embarcações, e ao contrário da imagem anterior, apesar de estarem descalças, todas as

3 Este material pode ser visualizado no link <https://archive.org/details/brazil-souvenir/page/n3/mode/2up>

figuras femininas aparecem vestidas. Na lateral direita três quadros pequenos nos mostram personagens que foram feitas com mais alguns detalhes, uma mulher negra descalça, um cachorro magricela, e embaixo, um pequeno grupo formado por uma mulher negra, duas crianças brancas, uma criança negra e um outro cachorro. Esta imagem faz parte de um livro chamado “Travels In the north of Brasil, no qual o pintor norte-americano James Wells Champney registrou paisagens e cenas de sua passagem pelo país. As imagens a seguir também fazem parte desta mesma publicação. A imagem 4 trata-se de um grupo de mulheres, muito provável que sejam lavadeiras, andando em um solo de aspecto mais árido, seguindo uma direção em que elas parecem se afastar de uma vegetação mais densa, talvez fazendo um caminho de retorno. A figura do cachorro magricela que aparece na imagem anterior parece se repetir nesta também. Atrás do grupo tem três homens a cavalo, fazendo uma espécie de escolta, nenhum deles leva alguma cesta ou divide o peso com essas mulheres, o que nos informa que eles ocupam aí uma posição de mandonismo e supervisão. O grupo está ocupando basicamente o primeiro plano da imagem, e o cenário em que estão inseridos faz crescer em nós a sensação de que a caminhada foi mesmo longa.

Na imagem 5, a área em que a lavadeira e seus objetos de trabalho estão ocupam pouco mais que a diagonal do quadro, também é a área que possui mais contraste e que define o primeiro plano da imagem. Os braços musculosos e a feição séria dizem muito sobre o quanto esse trabalho exigia força física. Como instrumentos de trabalho é possível elencar pelo menos quatro bacias de tamanhos diferentes, uma jarra e uma garrafa menor, que talvez fosse para armazenar água para seu próprio consumo durante a lida. Na mão direita ela segura algo que parece uma escova rústica e na esquerda é muito provável que seja algum tipo de apoio. Essa imagem nos mostra um recorte de uma possível configuração da lavagem de roupas adaptada para uma área doméstica, mesmo sem o advento da água encanada. Ao fundo, bem lá atrás, vemos um conjunto de casas e uma edificação mais baixa, acredito que um estábulo, pois há uma pequena caleça estacionada. No plano médio há um grande varal com roupas penduradas, um poço de água à esquerda, e outras mulheres negras trabalhando juntas em alguma etapa da lavagem de roupas, à esquerda, uma criança negra desnuda observa o trabalho das mulheres. A lavadeira que está em primeiro plano é a única personagem feminina da composição que aparece com peito desnudo, ela e todas as outras estão descalças e apenas uma não está com a cabeça coberta. A imagem 6 talvez seja a mais antiga. Está situada entre 1834-1839, é uma imagem produzida por Jean-Baptiste Debret, um dos artistas franceses do século XIX mais conhecidos e mencionados na história das artes no Brasil. Suas imagens ajudaram a formar um certo imaginário do Brasil imperial, ao ser amplamente utilizadas não apenas em livros especializados em arte, mas em materiais didáticos de disciplinas como ciências sociais, história e até geografia. A

composição desta imagem é parecida com a da imagem anterior, o quadro basicamente se divide numa diagonal, onde a linha de sombra em que as mulheres bem vestidas ocupam, também corresponde ao primeiro plano da imagem, em relação de tamanho elas também aparecem maiores que as outras figuras humanas da cena. Quatro personagens singulares se diferenciam das demais figuras de fundo neste plano, são elas: as duas mulheres que estão vestidas e bem ornadas sentadas no chão a cortar frutas e se abanar, a terceira mulher que está em pé, segurando um leque, bem vestida com casaco vermelho, joias no pescoço e usa sapatos. A cor vermelha nesta figura aumenta seu estatuto de riqueza, pois nesse período o vermelho era considerada uma cor raríssima dada a dificuldade de se encontrar e extrair seu pigmento (MONTELEONE, 2016). Atrás dela existe um homem negro careca com traje azul e detalhes de amarrações em tecido vermelho, segurando um chapéu. Apesar da pele escura, essas mulheres são as figuras que ocupam o lugar de poder e prestígio, e essa informação não está apenas nas roupas, mas no lugar que elas se encontram dentro da composição. Elas estão sobre um piso de madeira, na sombra e num local mais elevado. Além de todos os adornos, elas possuem laços de fitas nos cabelos. A qualidade da imagem não deixa ver muito bem, mas muito provavelmente o homem negro de traje azul está descalço, seu tamanho e o lugar em que espera assinala que ele é um tipo de serviçal. Ao fundo, no plano médio, que corresponde a área em que há mais iluminação, vemos uma mulher negra ajoelhada lavando roupas numa bacia no chão com seu bebê amarrado por um pano em suas costas. Perto dela uma segunda mulher está carregando mais panos em sua direção. Também vemos muito próximo a ela um poço, onde uma pessoa está numa ação de retirar água junto a uma criança. Assim como a imagem 5, esta cena também parece ser uma configuração do trabalho de lavagem de roupas em ambiente doméstico, neste caso, no quintal de uma casa grande, descrita por Debret como ‘habitação de ciganos’. Atrás do conjunto das três mulheres vemos uma cena de castigo acontecendo, ninguém parece se importar, isso nos dá margem para imaginar que esta ação aconteça corriqueiramente. A julgar pela altura da habitação amarelada, mais baixa e mais estragada que a da casa lateral, e pela quantidade de pessoas negras amontoadas, decerto este lugar é a senzala. Note que as pessoas parecem estar todas nuas lá dentro. O papagaio que aparece no canto superior direito talvez tenha um significado mais profundo, contudo, no momento eu só irei até o mais objetivo, que deve ser um símbolo do exotismo da fauna do Brasil. Segundo Mendes, diferente da imagem publicitária, há uma certa dificuldade em interpretar o conteúdo oculto das obras de arte porque esse processo nos pede um olhar mais acurado para as complexidades que podem surgir:

A imagem “artística”, por outro lado, tem uma intenção e composição diferente, pois, em geral, busca propor mais de uma afirmação, outras abordagens do mundo, levando o leitor/espectador a refletir sobre sua complexidade. Sua pretensão é muito mais de sugerir sentidos ambíguos, sendo os códigos que produz mais difíceis de serem definidos (MENDES, 2011, p.117).
(MENDES, 2019:28)

Os sentidos ambíguos aqui mencionados por Mendes aparecem nas referidas obras através da repetição do interesse pela paisagem e pelos tipos humanos que a compõem. O deslumbramento pela paisagem é um fenômeno recorrente nas imagens produzidas no século XIX no Brasil (CARDOSO, 2012:59), e a natureza descritiva das imagens também fez parte de um modo muito específico dessa época, de registrar e catalogar as peculiaridades dos lugares colonizados e considerados exóticos. Nestas representações, as mulheres lavadeiras não exercem um protagonismo positivo como sujeitas heróicas ou ativas nessas composições. Em ambas as imagens, mesmo as que elas aparecem como elemento central, o destaque é dado ao seu trabalho e não a sua pessoa. É igualmente importante mencionar o lugar que é dado às pessoas negras nessas imagens, sejam lavadeiras, crianças ou homens, todos aparecem descritos a partir de uma ótica em que a exploração do trabalho, a violência física, a vulnerabilidade do corpo e a precariedade era o signo comum nessas vidas. No texto “Caminhos da afrodescendência na arte a partir do Brasil”, Roberto Conduru (2012) reflete sobre os caminhos da história da arte no país e avalia a mesma questão:

Um segundo caminho pode ser delineado com obras nas quais africanos e afrodescendentes, em vez de autores, são objetos de representação, tendo suas imagens, e seus modos de viver representados por outros. Essas obras fazem parte de um conjunto mais amplo, que foi produzido desde o início da colonização europeia da América com o intuito de conhecer, documentar e dominar o dito Novo Mundo. Além de mapas e vistas da paisagem americana, se encontram registros das características físicas e culturais das populações nativas e dos povos que emigraram para a América. Neste conjunto, se destacam os registros dos tipos corpóreos e hábitos culturais dos africanos e afrodescendentes trazidos à força ao Brasil para serem escravos. Esses registros foram produzidos em sua maioria, por estrangeiros com origens europeias que dominavam os sistemas de representação: Albert Eckhout, Jean-Baptiste Debret, Johann Moritz Rugendas e Thomas Ender, entre tantos.
(Op. Cit. 2012 p. 76)

Quando não foram quase que inteiramente apagadas em relação à paisagem, as lavadeiras foram representadas em seus cotidianos de trabalho, seja de maneira mais próxima a realidade (imagem 5), seja de maneira mais fantasiosa (imagem 1). Percebe-se que nessas imagens do século XIX alguns elementos que apareceram na análise das imagens publicitárias também estão presentes, como por exemplo, o lenço na cabeça, os pés descalços, e até os locais em que elas lavam as roupas. Isso evidencia o fato de que é desde muito cedo, 1834 se contarmos a partir da obra mais

antiga, que a imagem da mulher negra lavadeira nas artes vem sendo traduzida por homens brancos dessa maneira, repetindo padrões de feições, vestimentas e comportamento, reforçando há pelo menos 2 séculos que nossa existência se resume ao trabalho e a servidão.



MÉTODO DAMIANA: HISTÓRIAS
DE VIDA E EDUCAÇÃO DE
MULHERES LAVADEIRAS

6. MÉTODO DAMIANA: HISTÓRIAS DE VIDA E EDUCAÇÃO DE MULHERES LAVADEIRAS

Teu avô a vida toda me disse que eu queria ser igual a eles, que eu disputava com a família de Maricota... Era um pouco isso sim — e riu —, mas eu queria que tivessem alguma coisa pro futuro. Fui comprando aos poucos, a vida toda. Um mês um brinquinho, tempos depois um colar, outra hora a penca de balangandã... Esse terço aqui, olhe, não é lindo? Celina ficou fascinada. O terço pesava! Como viviam com tantas dificuldades, tendo aqueles recursos? — Usei já algumas coisas para bancar o seu ginásio. Se a gente tivesse usado antes, isso tinha virado comida, vestido novo, quem sabe parte de outra casa maior, mais bonita... Mas eu queria uma coisa que ninguém pudesse tirar, fia. É pros seus estudo de professora, Cecé.
(Eliana Alves Cruz - Água de Barrela)

O título que dá nome a este capítulo é uma referência a personagem Damiana, do livro Água de Barrela, da escritora Eliana Alves Cruz. Durante o curso da minha pesquisa essa foi uma das leituras que fiz e que me tocou profundamente. Na narrativa é possível acompanhar o percurso da família de Eliana, desde o rapto em África de seu ancestral mais antigo, Akin Sangokunle, até suas ancestrais mais próximas, sua bisavô Damiana e sua avó Celina. Damiana foi uma mulher negra, alfabetizada, filha de doceira, que apesar do letramento, foi atravessada por todas as questões e dificuldades que uma mulher negra há pelo menos 3 ou 4 gerações antes da nossa passou. Enquanto sua mãe, Martha, trabalhou uma vida como doceira para juntar dinheiro em busca de um futuro melhor para sua família, ela passou a trabalhar como lavadeira, com o mesmo objetivo de Martha - buscar condições que proporcionasse uma vida diferente para suas filhas - mesmo que isso custasse sua própria saúde. A história de Damiana é muito semelhante a história de outras mulheres lavadeiras das quais eu tive oportunidade de conversar, e também se assemelha às várias conversas que eu tive com meus pais ao longo da vida, sobre trilhar um caminho em que eu pudesse estudar, e ter a garantia de que no futuro eu pudesse ser um dia autossuficiente e não passar pelas dificuldades que eles tiveram que passar na vida. Eu acredito que esse sentimento é muito comum em algumas famílias pobres, não desconsiderando que por várias razões muitas outras pensem diferente. Minha mãe já me contou inúmeras vezes como a pobreza impactou a vida dela e dos meus outros oito tios, e como era difícil ter que dividir o mesmo par de sandálias com as irmãs para ir à escola, do mesmo modo, meu pai me contou como precisou apanhar algumas vezes para aprender as letras e os números. O “método Damiana” foi então pensado a partir dessas referências, uma maneira de atribuir um nome a esta prática que comumente conseguimos identificar em famílias pobres, trata-se de mulheres, mães, avós, que abrem mão de muita coisa em suas vidas em busca de dar as melhores condições que elas podem

oferecer para que seus filhos e filhas tenham no futuro a chance de acessar oportunidades que elas não tiveram ao longo de sua vida.

Nesta seção trarei algumas informações sobre a história de vida e como se deram as experiências educacionais das mulheres lavadeiras que contribuíram com a minha pesquisa, conversando comigo sobre suas vidas e seu trabalho. É igualmente importante pontuar uma questão que se fez necessária: além de entrevistar mulheres que foram lavadeiras em algum momento da vida, também pude entrevistar alguns de seus filhos, com o intento de saber se as suas experiências, seja de trabalho ou educação, se assemelhava a de suas mães.

Apesar da lavagem de roupa ter sido uma profissão muito comum entre mulheres negras e pobres das periferias recifenses, em especial em lugares que estavam próximos a alguma fonte natural de água, não foi fácil encontrar outras colaboradoras para este estudo. Como mencionado lá no início, sou moradora de uma comunidade da zona norte do Recife, chamada Alto do Pascoal, um morro próximo aos bairros de Beberibe, Arruda, Bomba do Hemetério e Alto José do Pinho. Segundo as histórias que minha mãe me contou, somadas aos relatos das mulheres entrevistadas, uma quantidade considerável de mulheres da comunidade trabalhava com lavagem de roupas, tanto é que na década de 1960 criaram o sindicato das lavadeiras do Alto do Pascoal, num lugar muito próximo a minha casa. Quando busquei os nomes das mulheres envolvidas em sua criação, descobri que elas já não estão mais aqui. Grande parte já faleceu, e uma pequena parcela conseguiu se mudar, tornou-se impossível localizar as poucas senhoras que participaram de sua história. As mulheres que trabalham, ou trabalharam um dia como lavadeiras, e que realizaram em algum momento a lavagem do tipo ribeira, são hoje em sua maioria senhoras idosas, e faço esta afirmação baseada no contexto que observei aqui na minha comunidade, e que também constatei durante conversas com as participantes. Elas também passaram por um processo de adaptação das suas rotinas e do seu trabalho para se adequar às necessidades do momento vivido, oferecendo o serviço de lavagem na casa dos contratantes, lavando em sua própria casa ou com o auxílio de algum maquinário de custo mais acessível (tanquinho). Uma lavagem de roupas feita a mão, seja num rio, seja num tanque, em nada se assemelha ao trabalho contemporâneo de pessoas que são funcionárias em lavanderias. Fazer, porventura, separações de peças e controlar processos automatizados em máquinas de lavar não é o mesmo que usar a sua própria força. E neste caso, toda força e toda a energia dispensada na limpeza de uma peça advinha dos braços e das mãos de uma mulher, que antes de chegar no rio percorreu um trajeto em busca de pessoas que a contratassem, que carregou trouxa pesada na cabeça até a sua casa, e de sua casa para o rio. A precariedade e a pobreza além de ser um grande estigma era um outro fator que tornava esse trabalho ainda mais excruciante. Quantas dessas mulheres percorreram todo esse trajeto sem se

alimentar porque priorizaram dar de comer aos seus filhos com o pouco que tinham? Considere também as condições do território como estradas sem asfalto, ladeiras de barro e a distância entre suas residências e as fontes de água mais próxima para realização da lavagem.

Figura 17 – Lavadeira percorrendo seu trajeto pelas ruas de uma cidade



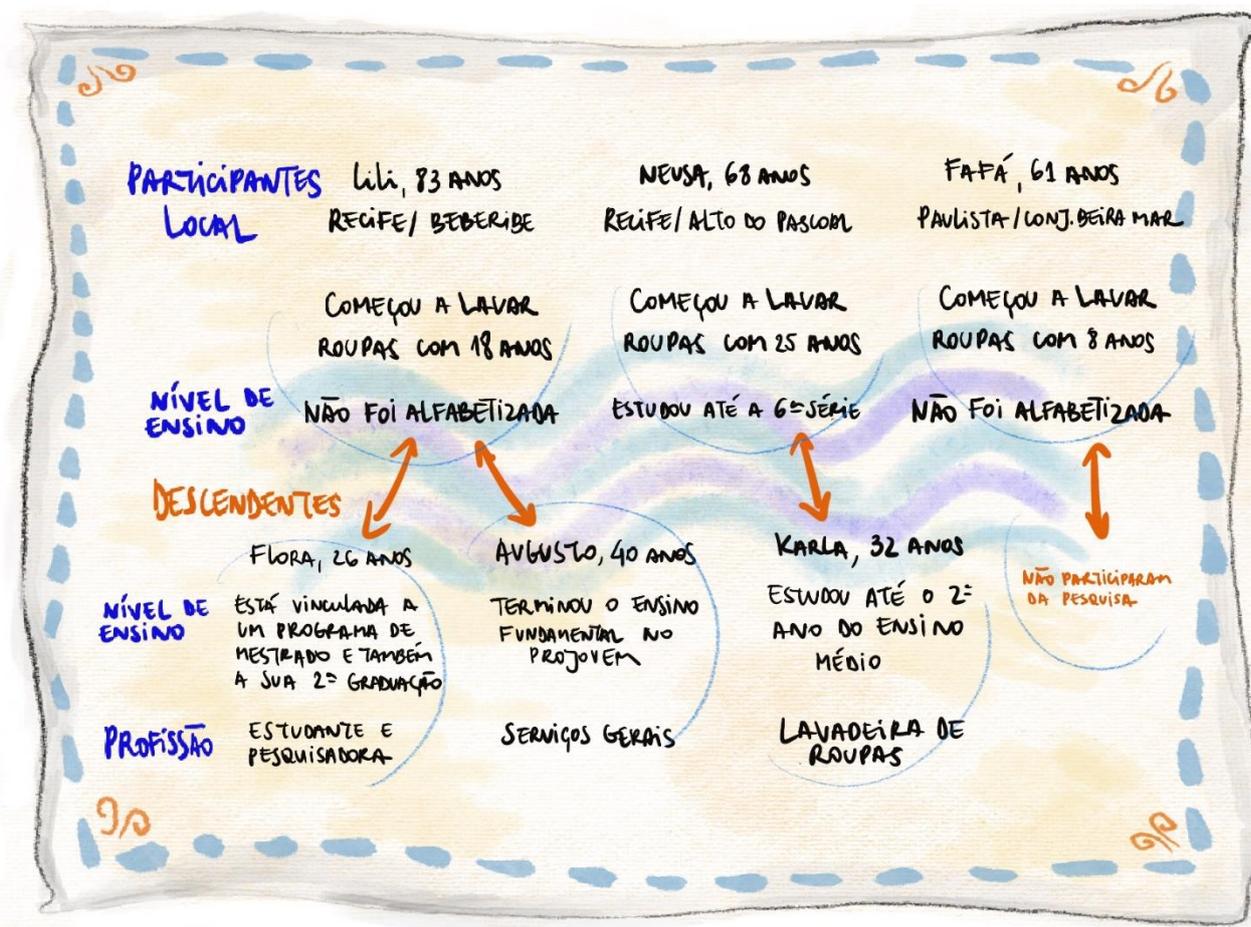
Fonte:<https://2.bp.blogspot.com/-NYunuOcGaW8/TnCkymcXVzI/AAAAAAAAAIU/wXf6jzQuZj8/s1600/angari.png>

Para compor este capítulo contei com a colaboração de 3 mulheres lavadeiras, todas com mais de 60 anos. Uma delas mora no bairro vizinho de Beberibe e tem 83 anos, a quem chamarei nas próximas linhas de “Lili”. A segunda é minha vizinha, também moradora do Alto do Pascoal, tem hoje 68 anos e a chamarei de “Neusa”, e por fim, a terceira participante, com 61 anos de idade, a quem chamarei de “Fafá” e é moradora do bairro Conjunto Beira Mar, no Município de Paulista. Além delas, pude conversar e entrevistar uma filha e um filho de Lili, e a filha de Neusa, o fato de morarem ainda na mesma casa facilitou o contato para a entrevista, enquanto no caso de Fafá, seus filhos moram em outro lugar e não consegui manter contato com eles.

As entrevistas aconteceram ao longo do ano 2023 e não foram numerosas, porque apesar de guardar uma relação de amizade com as participantes, compreendo que as informações cedidas são muito íntimas e sensíveis, e acessam lugares da memória que podem trazer sentimentos difíceis de lidar. Anteriormente em 2020, entrevistei Lili e Neusa, para a criação de um trabalho semelhante na área de museologia social, e durante a análise do material recente, voltei também às entrevistas concedidas nessa época, a fim de compreender mais detalhes de cada história.

Abaixo apresento um pequeno esquema onde sistematizei as informações mais básicas sobre todas as pessoas que participaram da pesquisa, e nas próximas laudas trarei as informações sobre cada uma delas e seus pormenores.

Figura 18 – Esquema de informações de participantes



Para me ajudar na sistematização das informações, elaborei um questionário base para entrevistas com lavadeiras ou ex-lavadeiras, com perguntas que julguei pertinentes à pesquisa, entretanto, deixei as participantes à vontade para excluir os itens que elas não se sentiam confortáveis em responder, fazendo para elas a leitura do questionário antes até do dia marcado para a gravação. Além deste questionário, elaborei um segundo, para filhas/os de lavadeiras que estão em contato ou ainda moram com suas mães. Ficaram então estruturados com as seguintes perguntas:

- **Roteiro para entrevista com lavadeiras ou ex-lavadeiras**

1. Nome:
2. Idade:

3. Onde mora:
4. Contato:
5. Cor: parda () negra () preta () como você se identifica?
6. É ou foi lavadeira em algum momento da vida?
7. Com quantos anos começou a lavar? Ainda continua?
8. Como aprendeu o ofício?
9. Você iniciou seu trabalho de lavadeira fazendo lavagem nos rios ou em casa?
10. Você tinha alguma técnica específica para lavar e alvejar as roupas?
11. Você já se referiu a seu trabalho como "lavar roupas de ganho?" ou alguma expressão parecida?
12. Quarar, apanhar roupa, roupa miúda, roupa grande/pesada, eram expressões usadas por você, existe mais alguma?
13. Como e quanto você cobrava por sua lavagem, por peças ou por trouxas?
14. Como era sua clientela? Seu trabalho era contratado por mais pessoas brancas ou negras?
15. Já passou alguma situação vexatória no trabalho por causa da clientela?
16. Você já foi contratada para lavar roupas na casa dos clientes?
17. Você conhece, já ouviu falar ou já foi filiada a alguma associação ou sindicato de lavadeiras? Se sim, onde ficava localizado?
18. Você já teve algum vínculo formal de emprego com carteira assinada ou contrato?
19. Você sabe ler e escrever? Frequentou a escola e terminou os estudos?
20. Teve oportunidade de se especializar em algum curso de nível profissionalizante, técnico ou superior?
21. Se casou, teve filhos? Se sim, quantos?
22. Seu marido trabalha/trabalhou? Qual sua profissão ?
23. Seus filhos hoje estão com que idade?
24. Eles estudaram?
25. Para você, foi importante que seus filhos estudassem? Você acha que a educação/escolarização é importante?
26. Em algum momento da vida seus filhos/filhas também trabalharam com lavagem de roupa ou ajudaram você no trabalho?
27. Com que eles trabalham hoje em dia?
28. No presente você está trabalhando? É aposentada?

- Roteiro para entrevista com filhas/os de lavadeiras

1. Nome:
2. Idade:
3. Onde mora:
4. Contato:
5. Cor: parda () negra () preta () como você se identifica?
6. Em algum momento da vida você acompanhou sua mãe no trabalho como lavadeira?
7. Já exerceu o trabalho de lavadeira?
8. Você tem irmãos?
9. Na sua infância/ crescimento você teve de ajudar sua mãe nos cuidados da casa e dos outros irmãos ou presenciou seu/s irmãos/ irmãs mais velhas fazerem isso?
10. Você sabe ler e escrever? Frequentou a escola e terminou os estudos?
11. Você teve a oportunidade de se especializar em algum curso de nível profissionalizante, técnico ou superior?

12. Você trabalha? Qual a sua profissão?
13. Você acredita que ter acesso a educação mudou de alguma forma a sua vida?
14. Você é/foi casada/o? Tem filhos/as? Se sim, quantos e com quantos anos estão?
15. Eles estudam? Em que nível de ensino estão?
16. Eles trabalham, qual profissão exercem?

Antes de trazer as respostas dos roteiros apresentados acima, gostaria de iniciar com uma breve descrição das pessoas participantes, a começar por “Lili”, que é uma senhora de 83 anos, moradora do bairro de Beberibe (Recife). Lili é uma das pessoas mais bem humoradas que eu conheço, ela é baixinha, é uma mulher de pele negra com um tom levemente avermelhado, tem longos cabelos lisos grisalhos, que ela sempre costuma deixar amarrados num coque, usa óculos e ama assistir novelas. Lili tem hoje três filhos, dois homens adultos com cerca de 45 anos, e uma filha de 26 anos, que na realidade é sua neta, mas foi criada por ela desde menina. Dois deles participaram desta pesquisa, Flora, sua filha de 26 anos, e Augusto, seu filho mais novo de 40 anos. Flora é uma jovem muito ativa, eu a conheci quando ela tinha seus 15 anos de idade por intermédio de outras amigas, e esse nosso encontro foi muito especial pois marcou de forma determinante as nossas escolhas futuras, de vida e profissões. Flora é uma mulher negra de pele retinta, cabelo crespo black power, baixinha, é tímida e ao mesmo tempo falante, e vem descobrindo toda sua potência a cada passo que dá. Já Augusto é um homem negro, o tom de sua pele se assemelha muito ao de sua mãe, é um pouco mais alto que as duas, e conversa pouco porque é bastante tímido.

Com Neusa eu guardo uma história mais antiga, eu a conheço desde que me entendo por gente, e a razão disto se deve ao fato de sermos vizinhas desde sempre, até o momento presente. Ela tem hoje 68 anos, sua mãe era lavadeira e era uma grande amiga de minha avó, Neusa também foi durante muito tempo melhor amiga da minha mãe. Quando eu era menina eu costumava ir à sua casa brincar com sua filha, Karla (temos quase a mesma idade), elas tinham um quintal bem grande, ou pelo menos era o que me parecia na minha visão de criança. Neusa é uma mulher negra retinta, trabalhou muitos anos como lavadeira, em várias ocasiões eu pude ver um pouco de seu trabalho, teve outros quatro filhos homens, a maioria deles lhe trouxe várias dores de cabeça. Karla tem 32 anos, é uma jovem mulher negra de pele clara, nasceu com cabelos mais claros que o de costume, e por esse motivo era chamada aqui na comunidade de “sará”, tem hoje dois filhos. Embora hoje não sejamos tão próximas, assim como nossas mães, nós já fomos melhores amigas quando muito jovens.

Já Fafá eu conheci num lugar muito especial, no terreiro. Fafá é a filha de santo mais antiga do meu ilê, somos filhas da mesma mãe, e ela também é uma das Iyás que nos ajudam e nos orientam nessa jornada. Ela é uma mulher negra, baixinha e franzina, tem os cabelos grisalhos e usa óculos,

e assim como eu ela também é filha do grande Obá Xangô. Das mulheres entrevistadas ela é a que mais jovem começou a lavar roupas, e essa realidade impactou em vários aspectos da sua vida, como se verá adiante.

Durante a leitura do questionário base, Lili e Neusa não se opuseram e nem desejaram retirar nenhuma pergunta, já Fafá me disse que nãoalaria nada em relação a pergunta de número 15. Respeitei sua decisão e este item não foi explorado na nossa conversa, e durante sua entrevista entendi mais ainda as suas razões, mais a frente comentarei sobre este ponto. É importante salientar também que um dos critérios para a escolha das participantes era a sua autodeclaração como mulher negra. Tendo em vista que a abordagem interseccional norteou toda essa pesquisa, compreendendo o quanto fatores como gênero, classe e raça impactaram e modificaram profundamente as realidades das mulheres negras lavadeiras, e de muitas outras para além dessa profissão. O trabalho é a questão que atravessa e conecta essas histórias, da mesma maneira que também foi crucial para entender sob quais contextos a educação perpassou as suas vidas.

Quando perguntadas sobre sua raça, todas as participantes me disseram sem titubear: “*sou negra!*”, “*com certeza que eu sou preta e me orgulho da minha cor!*”, o reconhecimento e a valorização de seus tons de pele foi uma das afirmativas que mais vieram acompanhadas de uma expressão facial de seriedade e orgulho. Da mesma maneira que não houve dúvidas em relação a qual era a sua cor, também pude sentir em seus relatos uma percepção e uma consciência muito nítidas, de que as várias situações de dificuldades pelas quais elas passaram ao longo da vida, aconteceram em razão de sua racialidade e sua condição social. Não existe semelhança apenas neste ponto, mas também no início da trajetória dessas mulheres como lavadeiras de roupas. Todas elas partilham de um mesmo enredo, ambas puderam ver desde criança suas mães percorrerem os trajetos até os rios, e em quase todas as ocasiões em que isso aconteceu elas estavam presentes, trabalhando em algum nível:

Aprendi a lavar com a minha mãe, minha avó também era lavadeira, “*mai*” eu aprendi com a minha mãe. (Lili. Entrevista concedida em 01/07/2023)

Quem me criou foi minha vó, era uma senhora de idade, e ela botava a gente pra aprender a fazer as coisas, e a gente “*fomo*” aprendendo a fazer. Eu ia pro rio, lavar roupa com a minha vó, ajudar ela a lavar roupa. (Fafá. Entrevista concedida em 21/08/23)

Eu aprendi a lavar foi com a minha mãe. (Neusa, entrevista concedida em 24/09/23).

Lili e Fafá relataram que suas avós também foram lavadeiras, e essa informação é um dado que nos revela uma realidade muito dura: a pelo menos três gerações a história se repetiu nas suas respectivas famílias. Mesmo elas iniciando o trabalho com a lavagem de roupas em idades

diferentes, Lili e Neusa quando jovens, e Fafá ainda criança, em algum momento de suas vidas, por extrema necessidade, elas precisaram recorrer a esta atividade como uma forma de garantir uma renda mais imediata.

Quando completou seus 18 anos, Lili iniciou seu trabalho como lavadeira. Nessa época ela vivia com seu pai, e o que ela mais queria era conseguir um trabalho, mas ele não deixava. Antes de completar 18 anos ela chegou a trabalhar escondida numa venda, arrumando e limpando, o que ela queria mesmo era trabalhar em qualquer coisa, fazer seu “trocadinho”. Depois disso ela viu na lavagem de roupas uma outra oportunidade para conquistar a sua renda. Nessa época, o Alto do Pascoal não desfrutava de fornecimento de água encanada, mesmo esse serviço sendo oferecido em outras zonas da cidade do Recife desde 1838 pela antiga Companhia Beberibe (HALLEY, 2010:20).

Neusa, com exatos 11 anos, já auxiliava a sua mãe a levar as roupas para lavar no rio. Sua ajuda consistia em caminhar junto com ela até o rio da Tripa, levando e trazendo trouxas, e ajudando a engomar as roupas limpas, até a entrega nas casas dos clientes. Entretanto, foi com 25 anos, casada e já com filhos, que começou a trabalhar para gerar renda para sua família. Durante esse período, sua mãe, dona Ninha, mesmo já senil, ainda trabalhava lavando muita roupa, e Neusa dividia o tempo entre os cuidados de casa, dos filhos e seu trabalho, para continuar ainda ajudando a sua mãe.

Já Fafá, começou a lavar roupas com a sua avó no rio quando tinha apenas 8 anos de idade, e seguiu trabalhando como lavadeira e “faxineira” até os seus 53 anos. Diferente de Neusa e Lili, que acompanhavam suas mães para dar um certo apoio, Fafá dava conta de trabalhos mais pesados, lavando trouxas na encosta do rio, ela conta:

Comecei a lavar roupa, eu tinha idade de oito anos de idade, menina. Eu lavava roupa batendo naquelas pedras no rio. Agora não lavo mais porque, não consigo mais lavar, porque eu arranquei um rim, arranquei o útero e os ovários, e também agora, depois do que aconteceu com essa minha vista... pra fazer as coisas é um sacrifício. Aí trabalhei até em 2014, que em 2015 foi a despedida da casa daí que eu lavava a roupa e tomava conta, que o Sr se mudou, que era pai de Ricardo. Aí desde 2015 que eu faço minhas coisas, minhas “viraçãozinha” assim.

Quer dizer que a senhora trabalhou desde os 8 anos até 2015 como lavadeira, esse tempo todinho?

É, lavadeira e faxineira. Esse tempo todinho.

A configuração do trabalho se deu de maneira distinta entre elas. Todas tiveram o contato com a lavagem do tipo ribeira durante sua infância, entretanto, apenas Lili e Fafá realizaram lavagens nos rios quando adultas. Todas precisaram reconfigurar seu modo de trabalho de acordo com o

passar dos anos, em virtude da poluição das águas dos rios. Por essa razão, vários arranjos foram feitos, desde carregar latas de água na cabeça, dos chafarizes públicos para suas casas, até passar a trabalhar de fato dentro da casa das/os contratantes. Apesar de não me aprofundar na questão ambiental neste trabalho, é impossível não mencionar essa particularidade, tendo em vista que as fontes naturais de água corrente eram os principais locais de trabalho das mulheres lavadeiras das zonas periféricas. Lili e Neusa, mesmo sem se conhecer, frequentaram o mesmo rio quando pequenas, o rio Morno, localizado na comunidade de Linha do Tiro (Recife), apelidado pelos moradores de “rio da tripa”. Já Fafá não se recorda do nome do rio que ela frequentava, mas creio eu que por estar localizado no município de Paulista, deve se tratar de um afluente do Rio doce, segundo conversas com outros moradores da localidade. Fatores como o lançamento de esgoto e dejetos de animais mortos foram as principais causas de poluição observadas pelas lavadeiras quando os rios se tornaram insalubres. Nos depoimentos das três participantes, aparece como grande marcador dessa mudança a abertura de matadouros de animais bovinos em áreas muito próximas aos rios:

Deixei de trabalhar no rio porque o rio ficou ruim. Aí comecei na casa dos outro. “Fizero” um matadouro mais lá pra dentro, aí a água do sangue descia lá pro rio da tripa, chamava rio da tripa. A água era muito limpinha “mim”, a gente tomava banho e tudo. Num fizeram o matadouro no Brejo?! Aí a água do sangue descia todinha no rio, foi aí que todo mundo deixou de lavar. Oxen...era muita gente! A gente olhava dali daquela ladeira, que a gente desce, do campo (campo do café). A gente via aquele alvão de roupa, tudo estendida. Hoje em dia não, porque “fizero” casa agora, né?! Quando a gente descia já tinha gente com roupa estendida de manhã logo cedo. (Lili)

Tinha um rio bem grandão, agora não presta mais porque botaram o esgoto do... do matadouro dentro, mas a gente via o chão, a gente pulava da ponte em baixo. Era bem alvinho. A gente botava os panos pra quicar nos matos, e ficava esperando. Tomava banho, pinotava da ponte pra dentro do rio, deixava os carros passar pra a gente pinotar. Era bem alvinho, você via a areia do chão. Hoje você só vê pasta. Porque pegaro tudo que é de esgoto e botaro no rio, agora a água não presta mais. (Fafá)

Mãe tinha uma base de umas 10 lavagens de roupas, e pra lavar as vezes ela levava num sei quantas trouxas separadas, né?! Separada de cada casa, pro rio, e eu tinha que acompanhar ela pra ajudar, né?! A levar e a trazer, né... era assim normalmente. Era em Linha do tiro, o rio da tripa. Ali aquele rio era tão limpo, Amanda. Ficou podre depois que o pessoal diz que fizeram um matadouro. Não sei se isso é verdade, mas era limpa aquela água, a gente tomava tanto banho. Aí assim... no pé da barreirinha o rio passava aqui, né?! Aí aqui o pessoal ficava, era como se tivesse um cercadinho. Aí aqui caía um “oinho” d’água, que a gente bebia água dali, visse?! (risos) Tudo limpinho. É... o pessoal fala mas eu não conheço esse matadouro não. Não vou dizer a você que conheço, que eu não conheço não. O pessoal diz que descia muito sangue dos bois, né?! Que matava. Cabou-se. (Neusa)

Fiz uma busca em alguns bancos de imagens e não encontrei registros antigos que pudessem nos mostrar o que foi o rio da tripa nessa época, entretanto, encontrei algumas imagens um pouco mais recentes de seu estado atual e resolvi estabelecer um breve comparativo com o rio Beberibe,

que é um outro rio que dá nome a um bairro vizinho ao Alto do Pascoal, onde atualmente mora Lili. Lá também era uma das fontes naturais de água em que as lavadeiras da vizinhança iam realizar seu trabalho, é espantoso imaginar o que eram esses rios no passado e como estão hoje em dia. A seguir temos uma sequência de quatro imagens, a primeira do rio Beberibe, datada de 1905, a segunda imagem é datada de 2021, também do rio Beberibe, a terceira é uma fotografia tirada em 2010 do rio da tripa, localizado na Linha do tiro, e por último, uma fotografia de 2019 da ponte sobre o rio doce:

Figura 19 – Rio Beberibe, 1905 13,0 x 18,0 cm.



Fonte: Acervo Villa Digital, FUNDAJ

Figura 20 - Rio Beberibe, 2021.



Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/10/13020729-rio-beberibe-que-corta-recife-e-olinda-agoniza-ha-anos-enquanto-moradores-lutam-por-sobrevivencia.html>

Figura 21 - Rio morno, ou rio da tripa. Foto de 2010



Fonte: <https://serfelizeserlivre.blogspot.com/2010/07/um-rio-e-uma-grande-coisa.html>

Figura 22 - Ponte do Janga sobre o rio doce, 2019.



Fonte: <https://paulista.pe.gov.br/site/noticias/detalhes/5268>

Esses registros nos dão um panorama sobre a atual situação de nossos rios. Mesmo a lavagem de roupas sendo uma atividade desempenhada por várias mulheres, elas não foram nem de longe as responsáveis pela poluição de nossas águas. A mudança no local de trabalho também implicou

numa mudança de rotina, e como consequência dessa mudança, várias situações passaram a ser vivenciadas por elas ao ter que trabalhar como lavadeiras nas casas das “patroas”. Trabalhar no rio proporcionou outro tipo de experiência entre elas, lá elas podiam conversar, levar seus filhos, se banhar, não tinham uma outra pessoa regulando seu horário de entrada e de saída, ou sua aparência, além de um lugar ancestral, o rio era o melhor e mais seguro lugar de socialização e trabalho para elas. Nas casas das contratantes, era comum que elas estabelecessem uma dinâmica parecida com a do serviço doméstico, fazendo as regulações de horários, de alimentação, dos ambientes em que elas podiam acessar e do local em que elas iriam executar o trabalho.

Não são poucos os relatos de abusos e violências sofridas por elas e pelas empregadas domésticas no ambiente doméstico. De acordo com Lili e Neusa, a maioria de suas contratantes eram mulheres brancas, moradoras de bairros como Rosarinho, Graças, Encruzilhada e Boa Viagem. Em razão de algumas situações sofridas ainda muito jovem, Fafá decidiu que não trabalharia mais para pessoas brancas, e passou a oferecer seu serviço somente a pessoas negras que moravam próximas a sua residência. Uma particularidade observada é que a maioria das contratações eram feitas diretamente com as donas das casas, assim como as situações mais recorrentes de constrangimento e maus tratos também costumavam ser infligidas por elas, comportamentos esses impregnados de uma agência colonial que ainda permanece muito viva no nosso tempo. De todos os relatos que ouvi nas entrevistas, os abusos mais comuns eram os desvios de função e a privação de comida. Como parte da negociação do serviço, pelo menos a refeição do almoço deveria estar inclusa, considerando também que a lavadeira costumava passar horas no quintal, trabalhando no sol, um serviço muito fatigoso, e que segundo elas dava muita fome. Mas frequentemente esse trato não era respeitado, e quando o almoço era oferecido, muitas vezes a refeição era ínfima e não raro eram sobras dos pratos. Havia até situações extremas de patroas que ofereceram osso roído, ou diziam que estavam de dieta, e passavam o dia trancadas em seus quartos e deixavam as trabalhadoras de sua casa o restante do dia sem se alimentar:

Aí quando foi um dia eu saí de lá, sabe por quê? Ela botou o meu “cumê”, e eu lá na pia, lá no tanque lavando roupa, e eu vendo né? Ela botou o meu “cumê”. Tinha uma menina, aí a menina roeu um osso, ela foi fritou um ovo, tudinho, botou pra mim, pegou o osso e botou, o osso roído, que a menina roeu. “Oia, Lili, tem um ossinho pra tu!”. Aí eu digo Oxen?! O osso que a sua neta roeu?! A senhora botou pra mim? “Roeu não Lili”. Eu digo “roeu sim! Roeu! Oia aqui os dentinho dela!”.

Amanda, eu trabalhei também em Boa viagem, que eu também passei uma necessidade... Eu fiquei porque nessa época eu tinha me separado de Beto. E fui morar com mãe, com quatro filhos. Aí eu ganhava 100 reais por mês. Amanda... eu só tomava café. Chegava lá ela mandava eu comprar pão, aí ela não gostava dos pão francês grande não, ela gostava de um pão francesinho “deste tamanhinho”, porque ali você não ia deixar pedaço, né?! Aí tinha que comer ou dois, ou três, aí eu comia uns dois, não comia

mais porque eu tinha vergonha, né?! E fazia almoço?! Amanda... eu largava de quatro, de cinco, dependia da quantidade de roupa. Se eu comia, só era depois que eu saía, porque ela dizia que tava de regime. E eu maga?! Eu tinha que entrar no regime. Aí quando eu vinha, menina, vinha comendo um biscoito recheado, ou comprava um milho, naquela época era 50 centavos um milho verde, ou um biscoito, até chegar em casa, ou uma pipoca. E ela era evangélica, visse?! Daquela igreja da capunga... esses evangélicos... Eu não tinha sorte com patroa não.
(Neusa)

Desnecessário dizer que privação de comida e desvio de função são práticas muito antigas dentro da lógica colonial de humilhação e exploração do outro. A esse respeito, faço minhas as palavras de Cida Bento (2022:10) ao afirmar:

A grande questão para mim sempre foi o não reconhecimento da herança escravocrata nas instituições e na história do país, tema a que passei a me dedicar como pesquisadora. Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro.

Fafá preferiu não me contar sobre as situações vivenciadas quando trabalhou para pessoas brancas ainda muito jovem. Mas ela me contou sobre algumas situações de preconceito que foram experimentadas na rua, não apenas por ser mulher negra, mas por ser também lavadeira. Este foi um dos relatos que apareceram quando perguntei sobre sua clientela ser majoritariamente branca ou negra:

Não mulé, sempre foi por gente preta, visse?! Que a maioria dos brancos tem preconceito com nego, vi?! isso né de agora não vi?! Vem de tantos tempos atrás, vi?! Os pessoal tem preconceito com nego. Eu só gostava de trabalhar pra gente nego que fosse igual a mim. Quando eu me entendi de gente que eu tive família, eu nunca gostei de trabalhar pra gente branca.

(...)

Eu só trabalhei pra gente nego, porque a maioria dos branco tinha preconceito. Você passasse na rua eles dizia assim: Lá vai aquelas nega com as trouxa! É assim que a gente era tratada, e o preconceito ainda hoje existe. Não deixou de existir não, existe!

Segundo ela, quando resolveu trabalhar apenas para pessoas negras não vivenciou situações de racismo ou qualquer outro tipo de discriminação de cor ou classe. Essa decisão fez com que sua história tomasse uma outra perspectiva e outros rumos. Foi a partir do trabalho como lavadeira e babá na casa de outras pessoas negras que ela encontrou acolhimento e ajuda para enfrentar as dificuldades da vida. Uma passagem muito curiosa, e também muito simbólica, foi quando ela trabalhou na casa de sua Ìyálòrisá. Na época ela foi contratada para lavar as roupas das pessoas que ficavam recolhidas no Ilê, ela nem sonhava em se tornar um dia filha da casa, e depois de alguns anos trabalhando foi se aproximando e se tornou a primeira Iyawo do terreiro, logo Fafá

se tornou uma Ebami. Vejo essa decisão de Fafá como uma atitude de muita coragem, porque ela tinha plena consciência das condições das pessoas de seu entorno e de que essa escolha poderia também implicar em sérios problemas relacionados à remuneração. A solidariedade e o contato com outras famílias negras e a comunidade do terreiro foi fundamental para que esse tipo de sofrimento não fosse vivido, já não bastasse o trabalho pesado e enfadonho. Esta história em particular é um exemplo nítido do que dizia Audre Lorde (2019:118-119) em “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande”:

Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença – aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas – sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando de fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer. Pois as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande

Em relação a possíveis técnicas de lavagem, deixar “de molho” e botar a roupa para “quarar” ao sol foi unanimidade, além disso, o uso de alvejantes como água sanitária e anil também foi mencionado. O que as lavadeiras chamam de “roupas miúdas” são as peças de tamanho pequeno que usamos diariamente: meias, calcinhas, vestidos, saia; já as roupas “pesadas ou grandes” são roupas de tecidos grossos como lençóis, toalhas, calça jeans.

Há uma série de termos comuns no universo de trabalho das lavadeiras, assim como em qualquer outra profissão que desenvolvem seus próprios léxicos. “Lavar roupa de ganho”, também era um sinônimo para essa oferta de trabalho, “deixar de molho” é deixar as peças descansando na água com algum tipo de produto, sabão ou água sanitária; “torcer” é espremer, “quarar/coarar” é deixar a roupa branca exposta ao sol, de forma que ela fique mais alvejada, e “apanhar” é tirar as roupas do varal. Uma trouxa de roupa miúda ou miudinha (como chama Lili), costuma ocupar um espaço de um dia de trabalho, enquanto uma trouxa de roupa pesada ocupa dois dias ou mais, sem contar o tempo que se levava para engomar tudo isso com ferro de carvão e dobrar, para depois entregar, carregando a trouxa na cabeça e as peças engomadas em cabides. Todas as participantes ouviram suas mães e avós se referirem ao seu trabalho como “lavar roupas de ganho”, em vários momentos elas também se dirigem assim a seu próprio trabalho.

Assim como outras atividades laborais, a lavagem de roupas também tem um grau de insalubridade altíssimo para o corpo de uma mulher. O contato com uma sorte de materiais abrasivos, fluidos e sujeira, a má postura, o peso, o sol, tudo isso foi determinante para a precarização da saúde das lavadeiras. No início do capítulo eu trouxe um recorte de uma fala de Fafá em que ela conta os vários problemas de saúde que desenvolveu ao longo da vida e as

cirurgias que precisou fazer, hoje ela também tem um problema de coluna que interfere na sua postura. Lili tem a saúde das pernas e da circulação sanguínea prejudicadas, além de ter diabetes, e problemas na visão, suas pernas e seus pés frequentemente estão inchados, mas apesar disso, todos os dias de manhã cedinho, ela vai até o seu quintal e lava uma pequena peça de roupa. Neusa ainda carrega problemas nas unhas e nos dedos de tanto material que utilizou e recentemente passou por uma cirurgia de catarata. Mencionei na apresentação do trabalho que um dos fatores que me motivou a escolher este tema foi a história do sindicato das lavadeiras do Alto do Pascoal. Quando perguntei às participantes se elas conheciam essa história, e se no caso de Fafá, ela sabia de movimentação parecida em sua localidade, as respostas foram bem diferentes. Apesar de Lili ter morado numa rua muito próxima ao sindicato, ela me disse não ter tomado conhecimento desta organização. No entanto, Neusa ouvira falar do sindicato e mesmo assim não demonstrou interesse em participar, nem ela e nem sua mãe, mesmo conhecendo as organizadoras, já Fafá disse não ter conhecimento de história semelhante em Paulista.

Figura 23 - -- Roupas quarando ao sol, 1927.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

O preço de uma trouxa variava muito. Critérios como tamanho, tipos de roupas, e onde o trabalho era feito também eram levados em consideração, entretanto, o valor sempre era irrisório em relação a quantidade de esforço empregado em sua execução. Na casa em que lhe foi oferecido osso roído, Lili recebia dois cruzeiros por um dia de trabalho. Em meados de 2017, Neusa recebia uma média de 100 a 120 reais por uma trouxa, quando muito volumosa chegava atingir o valor de 150 reais, enquanto Fafá recebia o que lhe davam, pois não tinha conhecimento sobre dinheiro. Nenhuma delas conseguiu acessar oportunidades de trabalho formal, e esse fato está relacionado a muitas questões, dentre elas à educação. Vou aproveitar este ensejo para adentrar no último tema desta seção, a respeito dos aspectos educacionais das lavadeiras e também de suas/seus descendentes.

Para compreender de forma mais ampla o contexto educacional que atravessa a vida das mulheres lavadeiras que participaram desta pesquisa, busquei fontes bibliográficas em que eu pudesse ter um panorama, mesmo que breve, da história da educação da população Negra no Brasil. Importante recordar que estou falando de mulheres que nasceram entre as décadas de 1940 e 1962, já sob o signo da pobreza, numa realidade crua e repleta de carências, em que crianças pobres, assim como hoje, não tinham o direito de viver suas infâncias.

Ao realizar a pergunta de número 19, “Você sabe ler e escrever? Frequentou a escola e terminou os estudos?”, as duas participantes, Lili e Fafá me revelaram que não sabiam as letras e que apenas aprenderam, a muito custo, a “desenhar” seus nomes para assinar seus documentos quando fosse realmente necessário. Ao contrário delas, Neusa aprendeu a ler e a escrever, mas não concluiu seus estudos, tendo parado na sexta série. Lili chegou a frequentar a escola, mas não passou muito tempo, pois foi submetida a muitos castigos físicos por ter sérias dificuldades de aprendizagem. Por necessitar trabalhar desde os 8 anos de idade, Fafá não teve oportunidade alguma de frequentar a escola. Além dos castigos, da distância, da fome, somadas a outros fatores, a entrada precoce no universo do trabalho também se mostrou como uma das principais barreiras para a continuidade dos estudos nas classes mais empobrecidas, como bem assinala Veiga (2008:01) em seu texto “Escola pública para os negros e os pobres no Brasil”.

Não ironicamente, essas práticas violentas eram comuns no cotidiano do que naquela época já se podia chamar de escola. As primeiras concepções de escola pública, que se tornaram vigentes desde o período imperial, não tinham o objetivo de educar a partir de uma ótica da amorosidade e do desenvolvimento de aspectos emocionais ou habilidades. Mas sim, de civilizar os grupos de pessoas consideradas “incivilizadas”, sendo mais uma maneira de regular e padronizar os corpos. Além da pesquisadora Cynthia Veiga, no artigo “Os negros na legislação educacional e educação

formal no Brasil”, Almeida e Sanchez (2016:236) discorrem sobre essas particularidades do sistema público de ensino:

As dificuldades para a frequência e sucesso das crianças negras na instituição escolar eram de dois tipos: a pobreza e a discriminação social e racial. No primeiro caso, Barros (2005) esclarece que compreendiam a falta de recursos para aquisição de itens como merenda, roupas e materiais escolares adequados, a dispersão da população pelo vasto território brasileiro, associada às dificuldades de transporte e locomoção, a solicitação constante da presença das famílias na escola, que era impossibilitada pelas circunstâncias de trabalho destas, e até mesmo a necessidade de trabalho das próprias crianças para a manutenção da sobrevivência das famílias, que as impediam de ter uma constância nos estudos e, muitas vezes, uma frequência adequada às instituições escolares.

A dificuldade na permanência, atreladas a mudanças sociais e a negligência histórica do poder público com a população negra, tornaram a escola pública, durante a primeira metade do século XX, lugares direcionados para um público “padrão”, que não incluía os negros e pobres. Além dessas barreiras “invisíveis”, os processos para adentrar essas instituições eram igualmente excludentes:

Na memória da escola brasileira, a escola pública, pelo menos nos primeiros 60 anos do século XX, era tida em alta conta pela sociedade. Em geral, os grupos escolares, os ginásios, cursos de científico e Escola Normal públicos eram estabelecimentos de ensino considerados de excelência, cujas vagas eram disputadas por exames de seleção, e freqüentados por pessoas oriundas das classes média e alta.
(VEIGA, 2008:01)

Segundo Nilma Lino Gomes, a educação “foi um direito arduamente conquistado pelos grupos não hegemônicos do Brasil e que durante muito tempo foi sistematicamente negado aos negros e negras brasileiros” (2019:25). Graças aos esforços do Movimento Negro, entendendo aqui os vários grupos que ao longo da história do país se mobilizaram em prol deste direito, a educação pode ser acessada pelo nosso povo, embora saibamos que problemas como os já citados nas linhas anteriores, ainda hoje assolam a população negra do nosso país:

Na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e de invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país, o Movimento Negro, por meio de suas principais lideranças e das ações dos seus militantes, elegeu e destacou a educação como um importante espaço-tempo passível de intervenção e de emancipação social, mesmo em meio às ondas de regulação conservadora e da violência capitalista.
(GOMES, 2019: 25)

A realidade vivenciada por essas mulheres decerto se repetiu em muitos lares em que mulheres lavadeiras foram arrimo de família. Lili, Fafá e Neusa, cresceram em lares em que suas mães, também lavadeiras, enfrentaram sozinhas todas as dificuldades para a subsistência de uma casa.

Lili e Neusa chegaram a se “amigar” e ter filhos com estes parceiros, que também estavam inseridos em trabalhos precarizados na informalidade. Em ambos os casos foi relatado que esses homens trabalharam em “virações”, com carga e descarga no porto e em lojas da cidade, e tinham em comum o vício em bebida alcoólica. Acabaram falecendo cedo em decorrência de problemas de saúde ocasionados pelo álcool e pelo grande esforço físico empregados no trabalho. Apesar de terem tido experiências educacionais negativas, ou sequer ter tido, ambas consideram que foi importante que seus filhos estudassem e que de alguma maneira, ter se alfabetizado e conseguido concluir algum nível de ensino, mesmo que básico, fez com que eles, e depois seus netos, conseguissem ter outras oportunidades, como relata Fafá:

É sim! Que meus netos todos eles “terminaro” os estudos, que eu criei também. Influi muito. Porque hoje em dia eu não tenho um emprego bom por causa disso. Porque quando a “mulé”, a diretora do colégio, levou meu currículo pra prefeitura, pra eu ser zeladora do colégio que meus filho estudava, quando chegou lá pra preencher uma ficha, eu não fiquei porque eu não soube preencher. E ninguém podia preencher por mim. Mas eu arranjei emprego que foi pra trabalhar de carteira assinada, mas quando cheguei lá que preenchia o papel, eu não sabia de nada. Aí eu não fiquei. Porque como é que eu ia ficar se eu não sabia nem o que é que tinha ali naquele papel.

Ainda interessada sobre a questão da educação no universo familiar, entrevistei a neta de Lili, que ela criou como filha por conta do falecimento precoce de sua mãe, a quem chamei de Flora, hoje com 26 anos, e o filho mais novo, a quem chamei de Augusto, hoje com 40 anos. De todas as pessoas da família, Flora foi a única que conseguiu chegar mais longe nos estudos, ela é formada em licenciatura em dança e atualmente está cursando licenciatura em educação física, e simultaneamente está também vinculada a um mestrado em Educação. Desde pequena precisou ajudar nos cuidados da casa, mas segundo ela, isso nunca foi um impedimento para que ela estudasse, e apesar de todas as dificuldades, Lili sempre fez o possível para que ela não precisasse trabalhar e conseguisse concluir os seus estudos. Ela também nunca foi questionada por sua mãe sobre a importância do tempo que dedicou a sua formação. Mesmo sendo hoje uma profissional experiente e qualificada em sua área, Flora não conseguiu ainda acessar oportunidades formais de trabalho, entretanto reconhece que as atividades que exerce como estudante e pesquisadora na universidade também é uma forma de trabalho. Quando perguntada se considera que a educação mudou de alguma forma a sua vida, ela me deu a seguinte resposta:

Com certeza! Primeiro que eu ainda to no processo da educação pra tentar alcançar algo melhor pra mim lá na frente. Mas eu percebo que eu não precisei estar trabalhando em casa de família, deixando de estudar pra ta trabalhando nas casas das pessoas, nem ta, por exemplo, trabalhando até em outras coisas como callcenter, ou trabalhando em jogo de bicho, que eu acho super explorador, né?! A educação mudou muito meu ponto de vista

sobre as coisas também. Sobre como eu me relaciono com o mundo. Por exemplo, entender o meu lugar na sociedade agora, entender o porque é tão difícil de eu conseguir um trabalho bom, que ganhe bem... Os estudos que eu to tendo me faz entender esse lugar do porquê eu, mulher preta, periférica, de cor retinta, tenho tanta dificuldade de entrar no mercado de trabalho, porque tudo está ancorado na questão do racismo. Colonial, né? Estrutura colonial, que nos bota sempre em questão de vulnerabilidade, de subalternização e é por isso que eu estudo tanto pra sair desse lugar. (Entrevista concedida em 01/07/2023)

Flora nunca precisou trabalhar como lavadeira nem como doméstica, graças aos esforços de sua mãe. Hoje além de ser uma profissional, ela realiza pesquisas nas temáticas das artes, cultura e educação para as relações étnico-raciais. Em contrapartida, seu tio Augusto, parou de estudar na sexta série, terminou o ensino fundamental mais tardiamente no programa PROJOVEM, hoje ele trabalha na função de serviços gerais em uma empresa e não considera que a educação tenha mudado ou melhorado sua vida:

Eu acho que não, porque eu continuo ainda né... não terminei os estudos e é um trabalho... é digno, mas pra mim ainda não foi assim né... não tá sendo. Não tô num trabalho mais... né?! ganhando melhor. Eu sou assalariado, aí por isso que eu digo que não foi bom pra mim, né?! (Entrevista concedida em 01/07/23)

Considero legítimos os pensamentos divergentes nas respostas que pude escutar, faço minhas as palavras de GOMES (2019:45) quando diz: “a educação, entendida como processo de humanização, tem sido sempre uma experiência edificante? É possível educar para a diversidade em uma sociedade marcada pelo colonialismo, pelo capitalismo, pelo machismo e pelo racismo?” Com certeza uma série de experiências diferentes, sejam positivas, sejam negativas, foram cruciais para a formação desses entendimentos. Além dessas duas pessoas, entrevistei a filha de Neusa, Karla, de 32 anos. A realidade para ela se apresentou um pouco diferente do que foi para Flora, pois ela também precisou ajudar de alguma maneira a sua mãe no trabalho como lavadeira. O curioso deste caso é que um dos filhos homens de Neusa é quem a ajudou lavando trouxas quando ela precisou, mas quando pequena, Karla costumava ajudar sua mãe a buscar e levar as roupas nas casas das clientes:

Acompanhei e muito! principalmente quando eu ia pra encruzilhada, a pé, muitas vezes sem passagem, e voltava de ônibus, porque a mulher só dava passagem de ida. Aí eu ia. Eu tinha 10 pra 12 anos. Só ajudava ela a levar, porque ela dizia que eu não sabia lavar não. Na verdade essa roupa da encruzilhada era da minha avó, aí depois foi que minha mãe que ficou responsável. (Entrevista concedida em 24/09/23)

De todas as pessoas ouvidas nesta pesquisa, Karla é a única descendente que hoje trabalha como lavadeira. Em relação a sua escolarização, ela estudou até o segundo ano do Ensino Médio, tendo

abandonado a escola no último ano, segundo ela, por falta de interesse. Hoje é mãe de duas crianças e já trabalhou como atendente, vendedora e auxiliar de serviços gerais, e acredita que ao longo de sua vida teve a oportunidade de trabalhar nessas funções porque conseguiu chegar até o ensino médio, mesmo não tendo concluído. Karla ainda fez um curso profissionalizante de panificadora e informática básica, mas nunca trabalhou nesses segmentos. Faz exatamente dois anos que começou a trabalhar como lavadeira, e assim como sua mãe acabou “herdando” a trouxa da mulher da encruzilhada, que era de sua vó, ela hoje tem pelo menos uma trouxa fixa que foi “herdada” de sua mãe. A grande diferença na sistemática de seus trabalhos, é que as únicas roupas que ela hoje lava a mão são as de seus filhos, utilizando como suporte para lavagem das roupas dos clientes uma máquina tanquinho. No total, Karla tem hoje pelo menos 3 trouxas fixas, o que lhe garante uma renda de pouco mais de 100 reais por mês.

Pernambuco é um Estado cheio de particularidades. Por ser terra de Gilberto Freyre, dos engenhos, e de uma intensa produção e exploração da cultura canavieira, as relações coloniais ainda permanecem muito vivas e se revelam cada vez mais sofisticadas com o passar dos tempos. Elas se retroalimentam através do mito da democracia racial e da manutenção de comportamentos classistas, misóginos e machistas, impregnados nos ambientes escolares, acadêmicos e trabalhistas, basta ser uma pessoa negra, periférica e de preferência do gênero feminino, para entender rapidamente e de forma muito objetiva o que estou dizendo.

Figura 24 - Lavadeiras em Peixinhos. Fonte: O negro brasileiro nas primeiras décadas do século XX: cultura e aspectos sociais. p. Foto 094



Fonte: Biblioteca Nacional

Ademais, não poderia finalizar este capítulo sem refletir sobre o quanto a escolarização e a educação, da maneira como se originou e como conhecemos, também fez parte de um processo histórico de exclusão social. Considerando que os povos aqui colonizados neste território brasileiro, não primavam pela palavra escrita como documento ou atestado de conhecimento, mas tinham nas suas práticas culturais e na oralidade o principal meio de transmissão de saberes. Sendo assim, a necessidade do domínio da escrita também se converteu em segregação:

A escrita alfabética se instalava como veículo instrumental de ostracismo, segregava, estigmatizava. Não era uma adição ou um suplemento, mas, sim, uma imposição, um recurso exclusivo de difusão, assim como os valores que disseminava, fossem eles sociais, religiosos, comportamentais e de visão de mundo. A civilização da escrita, do livro, se impunha, como se fora única, verdadeira e universal em seu desejo de dominação e de hegemonia, refratária a qualquer diferença.
(MARTINS, 2021:34-35)

Por essa razão, muito embora algumas lavadeiras não tenham tido a oportunidade de se escolarizar e se alfabetizar, elas são donas de um vasto repertório de vida, que incluem a aprendizagem e a transmissão de suas práticas a partir da experiência e dos contatos intergeracionais. A memória do conhecimento não se reserva apenas a documentos escritos, mas constantemente se recria e são transmitidas pelos repertórios orais e corporais, pelos hábitos e gestos (MARTINS, 2021:40). Por fim, diante de todas as histórias de vida contadas aqui, mesmo aquelas atravessadas por muita dureza, verificou-se que o “método Damiana” aconteceu na vida dessas mulheres lavadeiras, e deve acontecer na vida de muitas outras trabalhadoras negras. E apesar da vida ainda continuar difícil para o nosso povo, dado todos os processos de injustiça social e racismo estrutural a que somos submetidos, as lavadeiras ainda assim conseguiram proporcionar para seus filhos e filhas a oportunidade de estudar e escolher para si caminhos que não fossem apenas os dos rios.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir de conversas com as mulheres de minha família que tomei conhecimento sobre um sindicato de lavadeiras de roupas organizado por mulheres, na periferia da zona norte do Recife, mais precisamente do Alto do Pascoal, em meados da década de 1960. Infelizmente, não foi possível remontar o quebra cabeça dessa história em virtude do tempo, da mudança e do falecimento das mulheres que tiveram esta ideia pioneira em nossa comunidade. Essa história e muitas outras me motivaram a olhar com mais cuidado para a história das mulheres de minha própria família, e encontrar aproximações entre elas, já que minhas avós realizaram a atividade de lavagem de roupas para suas casas, e foram contemporâneas destas trabalhadoras, tendo acompanhado de perto seus cotidianos. Por essa razão, foi preciso buscar um caminho metodológico que contemplasse a complexidade dessas histórias de vida, que fosse conceitualmente alinhado aos objetivos da pesquisa e que fizesse isso privilegiando uma abordagem interseccional e generosa. Constatei, então, que a “Escrevivência”, da célebre autora Conceição Evaristo, é uma ferramenta muito potente para comunicar histórias que buscam trazer à tona as nossas realidades, por tanto tempo encobertas e negligenciadas. Ao elaborar o conceito de Escrevivências, Evaristo pensou justamente na experiência existencial de mulheres como as nossas avós, nossas mães, as lavadeiras, doceiras, quituteiras, amas... tantas mulheres negras que tiveram o cuidado do outro como garantia de subsistência dentro deste vasto território chamado Brasil. No curso da pesquisa, para entender mais profundamente a condição socioeconômica das mulheres lavadeiras foi preciso analisar, além de seus depoimentos, a história das mulheres no mundo do trabalho e os primórdios da formação e difusão do capitalismo no Brasil. Para exemplificar esse caminho, adentrei em memórias muito antigas de minha própria família, mais especificamente a história de vida de minha avó paterna, mulher negra nascida na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Além disso, foi demonstrado que desde a década de 1970 intelectuais negras do nosso país denunciaram as várias violências cometidas contra as mulheres negras, dentre elas a constante exploração do trabalho, fato que se deu desde a colonização e se perpetua ainda hoje, se traduzindo na pauperização e numa baixa participação deste grupo no mercado formal de trabalho. A este propósito, fica expresso que a lavagem de roupas foi uma atividade laboral em que parte das mulheres entrevistadas teve contato ainda na infância, através de suas mães e avós, em alguns casos, já adentrando no universo do trabalho ainda na infância. Esta atividade também acabou se tornando uma alternativa de renda mais imediata para as mulheres que por alguma razão, dentre elas, o analfabetismo e a falta de escolarização, não conseguiram acessar outras oportunidades de empregos regulamentados. Minha primeira formação é em Artes

Visuais. Como artista visual e pesquisadora que sou, me interessou também investigar se as lavadeiras foram tematizadas nas obras de arte produzidas entre o século XIX e XX, entendendo que elas fizeram parte de um período crucial para fundamentar a criação de uma tradição de padrões e estereótipos sobre a paisagem e os “tipos humanos” de nosso território. Raras imagens de representações de mulheres lavadeiras nas artes foram encontradas em arquivos digitais, e metade dessas imagens são as primeiras publicidades de produtos de limpeza do país, a outra metade foram obras de arte consideradas documentos visuais sobre a formação cultural da nossa nação, criados, em sua maioria, por artistas homens, brancos, e em quase todos os casos, europeus. Essas representações foram construídas a partir de uma perspectiva colonial da tradução, em que mulheres negras lavadeiras figuraram como acessório de uma natureza exuberante ou foram reduzidas a “souvenirs” e representações dos costumes peculiares do Brasil. Constatou-se também que nas imagens publicitárias há uma diferenciação latente quando tratou-se de retratar lavadeiras brancas e negras, em que o primeiro grupo ganha com o passar dos anos a feição de donas do lar, enquanto às mulheres negras sobra o reforço de um padrão da mulher escravizada, que aceita muito passivamente o lugar de subalterna.

Vários fatores implicaram na readequação do trabalho das lavadeiras durante o passar dos anos, e o maior deles sem dúvidas foi a poluição das águas. As que inicialmente realizavam a lavagem do tipo ribeira foram obrigadas a readaptar o serviço, e trabalhar no seu próprio lar ou a na casa das clientes. Esta particularidade também implicou numa série de vivências dentro das casas das “patroas” cujo a maldade e as humilhações se tornaram recorrentes, quase que a “ordem do dia”. Todas essas questões estão ligadas a uma origem colonial da profissão, em que a lavagem era uma das atividades exercidas pelas mulheres negras que foram “escravas de ganhos”, e ao comportamento senhorial e supremacista branco que permaneceu no imaginário do grupo privilegiado. A leitura de *Água de Barrela* me inspirou a nomear o último capítulo de “Método Damiana: Histórias de vida e educação de mulheres lavadeiras” - sendo este método definido aqui como uma prática muito costumeira em famílias pobres e periféricas – quando uma de nossas mais velhas, seja mãe, vó ou tia, que nos cuidou durante a vida, renuncia a sua própria melhora individual para reunir recursos que possam no futuro oportunizar experiências de estudo e trabalho diferentes da realidade da família. Neste caso, oportunizar o acesso à educação de suas filhas e filhos foi uma de suas preocupações.

Mesmo a educação na vida das lavadeiras, tendo se convertido em pulsão de colonialidade, tendo em vista que suas trajetórias foram marcadas por carências, entrada precoce no mundo do trabalho ou violência física e simbólica dentro do sistema público de ensino, ainda assim, foi verificado que elas trabalharam duro para prover o sustento de suas casas, e possibilitar que seus

descendentes tivessem outras oportunidades. A realidade desigual e as distintas experiências educacionais de cada pessoa ouvida nesta pesquisa, impactaram profundamente as suas percepções sobre o potencial transformador da educação em nossas vidas. Entretanto, houve casos em que a educação foi percebida e citada como um fator de mudança, e como uma janela para enxergar novas perspectivas e caminhos diferentes.

Em suma, as histórias de vida de mulheres negras lavadeiras tem muito a nos ensinar sobre força e resistência, e eu tenho convicção que este texto, carinhosamente chamado de “Mãos d’água”, tem um grande potencial de provocar certos incômodos necessários em suas futuras leitoras e leitores. Do mesmo modo que acredito no valor dessas histórias, também creio nas várias possibilidades que ele pode gerar, ressignificando a academia como um lugar em que é possível fazer ciência, discutir hipóteses e problemas a partir de uma abordagem sensível, que não anule nossos repertórios e singularidades.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. **Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro**. Revista Cienc. Cult., vol.58, n.4, São Paulo Oct./Dec. 2006 . Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a20v58n4.pdf> Acesso em: 20/03/2021

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**/ Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264p (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamilia Ribeiro).

ALVES, Marileide. **Povo Xambá resiste: 80 anos da repressão aos terreiros em Pernambuco** /Marileide Alves; prefácio Hildo Leal da Rosa. – Recife: Cepe:2018. 178p. : il

ARGAN, Giulio Carlo, 1909-1992

Arte moderna/ Giulio Carlo Argan: tradução Denise Bottmann e Federico Carotti – São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 2ª Edição, 5ª reimpressão, 2016.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte, Educação e Cultura**. Livro de domínio público. Formato epub, 19 - -, 83 págs.

BAZZO, L. M. F. **Trabalhadoras lavadeiras e a literatura científica – Séculos XIX, XX e XXI. Bahia, 2016.** Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1517263429_ARQUIVO_ArtigoLeda.pdf Acesso em: 20/10/2022

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Editora : Companhia das Letras; 1ª edição (21 março 2022, Idioma : Português, Capa comum : 152 páginas

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Mulher negra no mercado de trabalho**. Revista estudos feministas, v.3, n.2 (1995). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466> Acesso em: 20/08/2022

BORGES, Patrícia Maria. **O A Iconografia como metodologia de análise e leitura de obras** . Motricidades: Rev. SPQMH, v. 6, n. 3, p. 197-212, set.-dez. 2022 | ISSN 2594-6463

CARDOSO, Rafael. **A paisagem como protagonista: Pinturas e identidades no Brasil do século 19**. In Artes Visuais no Brasil: registro de um ciclo de palestras / Ferreira Gullar...[et al.]; [Organização Silvia Barbosa Guimarães Borges] Niterói, RJ: Niterói livros. 2012.

CEAS. **As Lavadeiras** in Cadernos do CEAS, N102, Março/Abril, 1986.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico]/Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. -1.ed. SP:Boitempo 2020.

CONDURU, Roberto. **Caminhos da afrodescendência na arte a partir do Brasil** In Artes Visuais no Brasil: registro de um ciclo de palestras / Ferreira Gullar...[et al.]; [Organização Silvia Barbosa Guimarães Borges] Niterói, RJ: Niterói livros. 2012.

CORDERO, Mayra Chárriez. **Historias de vida: Una metodología de investigación cualitativa**. Revista Griot (ISSN 1949-4742) Volumen 5, Número. 1, Diciembre 2012.

Cruz, Eliana Alves. **Água de barrela** / Eliana Alves Cruz. – Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DAVIS, Angela, 1944- **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. recurso digital

Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa : mulheres, corpo e acumulação primitiva** / Sivia Federici. Título original: Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation Tradução: coletivo Sycorax São Paulo : Elefante, 2017 464 p. : 14,5 x 23 cm

FREYRE, Gilberto 1900-1987. **Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida in Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 48º ed. rev. – SP: Global, 2003 – (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1)

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador : saberes construídos nas lutas por emancipação** / Nilma Lino Gomes. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2019. – Edição digital

GONÇALVES, Gabriela da Costa. **Lei Afonso Arinos: a primeira norma contra o racismo no Brasil**. Dezembro 20th, 2018. Branner, notícia. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=52750> Acesso em: 01/08/2021

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano** – Ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Zahar; 1ª edição (26 outubro 2020), Formato epub.

HALLEY, Bruno Maia. **De chapéu do sol a Água fria: Numa trama de enredos, a construção de um bairro na cidade do Recife**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós-graduação em Geografia , 2010, 238 folhas: il., 30cm. Disponível em: https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/6531/1/arquivo496_1.pdf Acesso em: 10/08/2022

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça, interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, junho/2014.

HIRATA, Helena. **Gênero, patriarcado, trabalho e classe.** TrabalhoNecessário-
www.uff.br/revistatrabalhonecessario: ano 16, Nº29/2018

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** [recurso eletrônico]: mulheres negras e feminismo/Bell Hooks; Tradução Bhuvi Libanio. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019. Recurso digital. Tradução de Ain't i a woman? Formato: epub.

IBGE – **Conselho Nacional de Estatística, Serviço Nacional de Recenseamento. Série Nacional vol. 1,** Brasil. Censo demográfico, Rio de Janeiro, 1956.

IBGE- **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, 2ª edição, 2021.**

IBGE -**Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2010.**

IBGE -**Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2022.**

JESUS, Alexandro S. de. **Corupira: mau encontro, tradução e dívida colonial** / Alexandro S. de Jesus. - Recife: Titivillus, 2019. 144p.: il.

KERGOAT, Danièle; HIRATA, Helena. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007

LORDE, Audre. **Irmã outsider** / Audre Lorde ; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019. Título original: Sister Outsider ISBN 978-85-513-0435-8 1. Feminismo 2. Lesbianismo 3. Mulheres afro-americanas 4. Poesia I. Título.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela** [recurso eletrônico] / Leda Maria Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2021. recurso digital; 3M (Encruzilhada) Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions

MENDES, André Melo. **Metodologia para análise de imagens fixas** [recurso eletrônico] / André Melo Mendes. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-54944-20-9 1. Comunicação social. 2. Pesquisa social. I. Título

MONTELEONE, Joana de M. **Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920).** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2019, v27, n148913. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v27n1/1806-9584-ref-27-01-e48913.pdf> Acesso em:07/08/2023

MONTELEONE, Joana. **A moda, as cores e a representação feminina no Segundo Reinado (Rio de Janeiro, 1840-1889).** 19&20, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, jul./dez. 2016. <https://doi.org/10.52913/19e20.xii2.07>

NASCIMENTO, Abdias do, 1914-2011. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado/** Abdias do Nascimento. -1. ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016. 232p.

Formato: epub.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Editora : Zahar; 1ª edição (7 junho 2021) Idioma : Português, Capa comum : 272 páginas, epub.

NETO, F.A.N. **A condição social das lavadeiras em Salvador (1930-1939)**: Quando a história e a literatura se encontram. Dissertação, 2005. P 67-102. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11256> Acesso em: 20/09/2021

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. Formato: epub.

REGO, Francisco C.V.S. **Do sabão à pedra de engomar: uma descrição do processo técnico da lavagem e engomagem de roupas à mão em Açu- RN**. Revista Primeiros Estudos, São Paulo, n. 6, p. 26-43, 2014 Disponível em: https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/download/71546/pdf_9/ Acesso em: 15/06/2022 Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

SILVA, Henrique Maciel. **Na casa, na rua e no rio: a paisagem do Recife oitocentista pelas vendeiras, domésticas e lavadeiras**. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 07. N. 15, abr./mai. de 2005 – Semestral ISSN -1518-3394 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/290> Acesso em: 19/06/22

SIMIONI, Ana Paula C. **Modernismo no Brasil: Campo de disputas** in Sobre a arte brasileira: da pré-história aos anos 1960. Org. Fabiana Werneck Barcinski, SP – Editora WMF Martins Fontes: Edições Sesc SP, 2014.

SORJ, Bila. **Sociologia e trabalho: Mutações, encontros e desencontros**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 15 No 43. junho/2000

TOSA, Aline. **Função social da mulher na primeira República**. 2008. ARAÚJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. 2013.

VIEIRA, Bianca. **Mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro: Um balanço das políticas públicas**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X